

UNIVERSIDADE ABERTA



Elogio da Europa — O Sonho de Jean Monnet:
Estados Unidos da Europa?

Rui Miguel Borges Pires

Mestrado em Estudos sobre a Europa

Lisboa, 2015

UNIVERSIDADE ABERTA



Elogio da Europa — O Sonho de Jean Monnet:
Estados Unidos da Europa?

Rui Miguel Borges Pires

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre
em Estudos sobre a Europa orientada pelo Professor Doutor José Fontes

Lisboa, 2015

RESUMO

Esta dissertação tem como finalidade fazer uma incursão pela história da Europa através de factos históricos e historiográficos, conjuntamente com fontes bibliográficas, em conhecer o sonho de Jean Monnet sobre o *elogio* à Europa. Nesta perspetiva, importa analisar de forma científica as representações políticas, económicas, sociais e culturais do passado europeu que levaram a Jean Monnet, conjuntamente com outros homens do seu tempo, pensarem no projeto Europa. As diversas fontes de investigação evidenciam questões diversas como qual a razão de querer uma Europa única, comum nos ideais morais e filosóficos, políticos, económicos, sociais e sobretudo, esse sonho da arquitectura dos Estados Unidos da Europa. As memórias de Jean Monnet, a história da Europa, os factos beligerantes das duas Grandes Guerras, a construção de um sonho ou a utopia, pretende ser um *elogio* à Europa, a Jean Monnet e sobretudo, a todos aqueles que padeceram nos caminhos da (*des*)construção da União Europeia.

Palavras-chave:

Europa, União Europeia, Estados Unidos da Europa, Jean Monnet, *Elogio*

ABSTRACT

This essay aims at making an incursion by European history through historical and historiographical facts, together with bibliographical sources, to know Jean Monnet's dream on the *praise* to Europe. Therefore, it is important to analyze scientifically the political, economic, social and cultural representations of Europe's past that led Jean Monnet, together with other men of his time, think about Europe project. The various research sources show different issues as the reason to want a single Europe, common in its moral, philosophical, political, economic and social ideals but, above all, the dream of the United States of Europe architecture. Jean Monnet's memoirs, the history of Europe, the belligerent facts of the two World Wars, the construction of a dream or utopia, aims at being a compliment to Europe, to Jean Monnet and to all those who suffered in the paths of the (*de*)construction of the European Union.

Key words:

Europe, European Union, United States of Europe, Jean Monnet, *Praise*

Agradecimentos

A libertação do preconceito e dos erros que são tanto nossos, são na realidade a procura da verdade e o trabalhar contínuo em prol do Homem, humanidade. É preciso vencer as nossas paixões, num caminho que pretende ser de imparcialidade e justo nas ações, sempre com o intuito de nos aperfeiçoar eternamente.

Por estarmos ainda no verão, o calor da natureza ainda aquece os nossos corações, onde as colheitas enchem as nossas almas de alimento. Essas colheitas já acontecem há dois anos, é preciso apresentar e discutir resultados. Esse caminho começou já com as geadas que sucederam ao calor e as *trevas* à luz. Como tudo na vida e, a natureza não sendo exceção, merecemos descanso, para que o despertar seja ainda com mais e novo vigor. Os caminhos são não mais que momentos, como nascer e morrer, semear e colher, destruir e construir, chorar e rir, odiar e amar, de guerra e de paz.

Se tudo começou em Lisboa, no outono de 2013, com a Professora Dr.^a Maria Marques, a quem desde já agradeço humildemente por ter a honra de ter sido seu discente, em ágape, ao sabor de uma imperial gelada, entre colegas e professores, conversas surgiram e me ajudaram a decidir o meu caminho que me trouxe até aqui. Ao professor Dr.^o Mário Avelar, que me fez voar no mundo da *ekphrasis* e da *mimesis*, o meu muito obrigado pelo conhecimento apaixonado. A todos os professores do curso, um grato agradecimento.

E, o agradecimento emotivo, sentimental e académico, ao meu estimado orientador Professor Dr.^o José Fontes, meu mestre, que durante dois anos me ensinou a caminhar por caminhos desconhecidos, através da confiança, rigor, verticalidade, dedicação e labor incansável. Guia portanto, transmissor dos grandes segredos através da sabedoria, na ajuda e orientação da construção da minha *catedral*, dissertação. A superação de todos os obstáculos da investigação e do conhecimento, foram com incentivos de força que permitiram sustentar os trabalhos. Na realidade, os trabalhos realizados tiveram na beleza o seu adorno, desde já o meu profundo e sentido obrigado ao meu professor.

Por último, à minha família e a todos os meus amigos, pelo seu incentivo e apoio incessante e incansável nesta minha diáspora académica.

Bem-hajam todos.

Índice

Introdução.....	9
Capítulo I - Elogio da Europa.....	12
1.1. Europa, um legado que nos transcende	12
1.2. Da acrópole de Atenas ao coliseu de Roma.....	12
1.3. De Cristo à conquista de Ceuta em 1415.....	14
1.4. De Ceuta às revoluções do século XVIII.....	16
1.5. Da França de 1789 a 1914	18
1.6. A Europa e a imperfeição (1914-1945).....	19
Capítulo II - Jean Monnet e a Europa. Um legado, uma responsabilidade, a construção. ...	24
2.1. Arquitetura de um sonho: União Europeia	24
2.2. O sonho de Jean Monnet: Estados Unidos da Europa?	34
Capítulo III - O que pensam hoje os europeus da Europa.....	46
3.1. A opinião pública da União Europeia — EB 81 / Spring 2014	49
3.1.1. Viver na UE.....	50
3.1.2. A UE e os seus cidadãos.....	54
3.1.3. A UE hoje e amanhã.....	56
3.2. Cidadania Europeia — EB 81	60
3.2.1. Cidadania europeia.....	61
3.2.2. Resultados e benefícios da UE.....	66
3.2.3. Os valores que melhor representam a UE	67
3.3. A opinião pública na União Europeia — EB 40.....	69
3.3.1. Efeitos da crise económica e financeira na opinião pública europeia.....	70
3.3.2. Identidade europeia	71
3.3.3. Desafios e prioridades da UE	73
3.3.4. Democracia na UE.....	76
3.3.5. Cidadania na UE.....	77
3.3.6. O futuro da Europa.....	79

3.3.7. Comunicação sobre a Europa.....	81
3.3.8. Os ativos e as realizações da UE.....	83
3.3.9. Integração Europeia.....	85
3.3.10. Qualidade de vida na UE.....	86
Conclusão	91
Referências bibliográficas	95
Webgrafia.....	99
Anexos.....	101

Índice de Gráficos

Gráfico n.º 1 — EB 81 Life in the EU.....	50
Gráfico n.º 2 — EB 81 Life in the EU.....	51
Gráfico n.º 3 — EB 81 Life in the EU.....	52
Gráfico n.º 4 — EB 81 Life in the EU.....	53
Gráfico n.º 5 — EB 81 The EU and its citizens.....	54
Gráfico n.º 6 — EB 81 The EU and its citizens.....	54
Gráfico n.º 7 — EB 81 The EU and its citizens.....	55
Gráfico n.º 8 — EB 81 The EU today and tomorrow.....	56
Gráfico n.º 9 — EB 81 The EU today and tomorrow.....	57
Gráfico n.º 10 — EB 81 The EU today and tomorrow.....	57
Gráfico n.º 11 — EB 81 The EU today and tomorrow.....	58
Gráfico n.º 12 — EB 81 The Future of the European Union.....	59
Gráfico n.º 13 — EB 81 European Citizenship.....	61
Gráfico n.º 14 — EB 81 European Citizenship.....	62
Gráfico n.º 15 — EB 81 European Citizenship.....	63
Gráfico n.º 16 — EB 81 European Citizenship.....	64
Gráfico n.º 17 — EB 81 European Citizenship.....	65
Gráfico n.º 18 — E81 The results and perceived benefits of the EU.....	66
Gráfico n.º 19 — E81 The values that best represent the EU	67

Gráfico n.º 20 — E81 The values that best represent the EU.....	68
Gráfico n.º 21 — EB 40 Effects of the economic and financial crisis.....	70
Gráfico n.º 22 — EB 40 European identity.....	71
Gráfico n.º 23 — EB 40 European identity.....	72
Gráfico n.º 24 — EB 40 Challenges and priorities for the EU.....	73
Gráfico n.º 25 — EB 40 Challenges and priorities for the EU.....	74
Gráfico n.º 26 — EB 40 Challenges and priorities for the EU.....	75
Gráfico n.º 27 — EB 40 Democracy in the EU.....	76
Gráfico n.º 28 — EB 40 Democracy in the EU.....	77
Gráfico n.º 29 — EB 40 EU citizenship.....	77
Gráfico n.º 30 — EB 40 EU citizenship.....	78
Gráfico n.º 31 — EB 40 The future of Europe.....	79
Gráfico n.º 32 — EB 40 The future of Europe.....	80
Gráfico n.º 33 — EB 40 The future of Europe.....	80
Gráfico n.º 34 — EB 40 Communicating Europe.....	81
Gráfico n.º 35 — EB 40 Communicating Europe.....	82
Gráfico n.º 36 — EB 40 The EU's assets and achievements.....	83
Gráfico n.º 37 — EB 40 The EU's assets and achievements.....	84
Gráfico n.º 38 — EB 40 European integration.....	85
Gráfico n.º 39 — EB 40 European integration.....	86
Gráfico n.º 40 — EB 40 Quality of life in the EU.....	86
Gráfico n.º 41 — Eurobarómetros 10 questões.....	89

Índice de Quadros

Quadro n.º 1 — Cronologia da arquitectura da União Europeia.....	25
Quadro n.º 2 — Eurobarómetros 10 questões (infografia).....	87
Quadro n.º 3 — Eurobarómetros 10 questões.....	88

Índice de Figuras

Figura n.º 1 — Guernica de Pablo Ruiz Picasso.....	19
--	----

Figura n.º 2 — Tratado de Paris: Comunidade Europeia do Carvão e do Aço.....	24
Figura n.º 3 — Jean Monnet na instalação da Alta Autoridade da CECA.....	36
Figura n.º 4 — Intervenção de Hallstein.....	42
Figura n.º 5 — Jean Monnet.....	45

Introdução

“A Europa está a construir-se. É uma grande esperança, que só se concretizará se tiver em conta a História: uma Europa sem História seria órfã e pobre. Porque o hoje deriva do ontem, e o amanhã é fruto do passado”. (Goff, 1993: 11)

Se viajarmos no tempo e no espaço, como se numa odisseia se tratasse, observaríamos o nosso ADN cultural e civilizacional. Então perguntamo-nos, quando começou o pensamento europeu? O calendário solar no Egito, tem a sua contagem em 4000 a.C., os Assírios, que em 670 a.C. conquistaram o Egito, dividiram o dia em horas e minutos. Do crescente fértil herdamos do reino de Israel a procura da moral, filosófica e física da terra de Canaã. Dos Fenícios recebemos o legado comercial e a introdução do ferro devemos-a aos Hititas por volta de 1500 a.C..

Este período anterior ao Clássico, de Atenas a Roma, formou e alicerçou o berço da humanidade. Este berço conheceu mutações diversas, revoluções, pontes e descontinuidades do pensamento europeu nas diversas áreas como a política, a economia, a cultura, a religião e a sociedade.

O cristianismo, por exemplo, moldou e tornou realidade a base da igualdade, da fraternidade, da paz, do amor e harmonia do Homem enquanto cidadão, enquanto ser de um cosmos sagrado dentro de um caos profano. Com a Idade Média, *Idade das Trevas*, iniciou-se um novo período, de guerras e confrontos entre religiões, entre ideologias, onde parece que a humanidade enquanto progresso e desenvolvimento retrocedeu, abrandou ou sofreu um revés.

Com o passar dos séculos surge o Renascimento do pensamento clássico pela luz e pelo humanismo. O estudo das várias dimensões do pensamento, através de ensaios e métodos nas relações entre Deus-Homem, sagrado-profano, tangível-intangível, são na verdade dicotomias discutidas e analisadas filosoficamente, na tentativa de alcançar respostas.

Com as revoluções do século XVIII, (inglesa, americana e francesa) conquistou-se o espírito universalista dos direitos civis culminando com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789). No século XIX assistiu-se à conquista do Direito Político e,

no século passado, com as grandes guerras a assolarem o mundo, conduziu-se o Homem à Sociedade da Nações e a criação da ONU e, na Europa, a um processo de integração iniciado com tratados internacionais celebrados que conduziram à atual União Europeia. Como salienta Sarmiento “esta Europa, do dogma e da razão, do classicismo e do romantismo, foi capaz do melhor e do pior. Cada vez que se fala de unidade da cultura europeia, logo surgem garantias da sua diversidade interna”. (Sarmiento, 2009: 113)

Quem somos, de onde viemos e para onde vamos enquanto europeus? Qual o futuro do pensamento europeu!? Sonho ou Utopia de Jean Monnet? A investigação a desenvolver é assim enquadrada pela Política, pelo Direito e pela História, numa perspetiva de tentar perceber o nascimento da União Europeia e a Europa hoje, com o intuito de não esquecer as razões que levaram à sua edificação. Jean Monnet, um dos pais fundadores da União Europeia, como Erasmus de Roterdão à 500 anos, fizeram um *elogio* à Europa. A ideia de construir os Estados Unidos da Europa será um ato de loucura? “Não estamos a coligar Estados, estamos a unir homens”¹.

A intenção de conseguirmos tentar compreender a opinião pública do hoje dos cidadãos europeus, é aferir se será o sonho de Jean Monnet uma utopia ou se pelo contrário, é uma realidade próxima para a Europa. Nesta perspetiva a metodologia da investigação a utilizar é qualitativa e quantitativa, numa tentativa de triangulação de dados e de triangulação metodológica. A primeira, descritiva, abrange a análise de informação dos diversos dados que incluem documentos escritos pessoais e oficiais, memórias, fotografias e gravações vídeo (fontes primárias e secundárias). A segunda, experimental, pressupõe a generalização de resultados a uma determinada população em estudo através de amostra *eurobarómetros*, na tentativa de estabelecer relações de causa-efeito e, por outro lado, prever fenómenos.

Assim, o estudo incide por um lado sobre os países fundadores da Europa, Alemanha, França, Itália, Bélgica, Holanda, Luxemburgo e, por outro lado, a média da UE e Portugal, numa tentativa de perceber e apurar o grau de satisfação dos cidadãos europeus relativamente à economia, política, sociedade e justiça da União Europeia. Conhecer, de

¹ Jean Monnet, in *Memórias*, nota de introdução.

uma forma geral, se os cidadãos europeus estão ou não contentes com as instituições europeias e, em comparação, com as instituições nacionais. Verificar se os cidadãos europeus acreditam no projeto europeu (político, económico e social). Averiguar os sonhos ou os desencantos dos cidadãos europeus do rumo governativo da União Europeia e sobre o futuro da Europa. Detetar o sentido da cidadania europeia e os efeitos da crise económica e financeira nas opiniões pública europeia. Será que o sonho de Jean Monnet para a Europa é o mesmo para a opinião pública dos cidadãos europeus?

Capítulo I - Elogio da Europa

1.1. Europa, um legado que nos transcende

Comum a todos os historiadores da época Pré-Clássica, consideram a civilização egípcia rica e original, arrebatadora para os sentidos e ao conhecimento, e diga-se, estão quase todos de acordo, em que nos últimos 3000 anos os seres humanos, como refere Burns, “(...) pouco mais fizeram do que copiar e adaptar conhecimentos e descobertas herdadas do Egito”. (Burns, 2005: 73)

Mas se o sagrado Nilo foi o principal culpado pela gênese de um império, não menos verdade que os grandes rios do oriente próximo fizeram exatamente o mesmo com a Mesopotâmia. Eufrates e Tigre, marcaram as fronteiras da segunda mais antiga grande civilização do mundo. Datada de 3500 ou 3000 a.C., a civilização mesopotâmica, diferente da civilização egípcia, valorizou a natureza jurídica em detrimento da ética. Burns diz-nos que “a atitude mesopotâmica (...) era melancólica, pessimista e inquietada por terrores mórbidos”. (Burns, 2005: 75) Para o povo mesopotâmico a morte era o fim de um ciclo, o ciclo da vida. O tempo, esse foi dividido, a semana em 7 dias e o dia em 24 horas, tal como o zodíaco e como a “(...) aritmética da multiplicação”.

Os Persas, que imitaram estilos arquitectónicos da Babilónia e dos Assírios, herdeira da civilização mesopotâmica, construíram autênticos palácios e, ao nível do pensamento, a religião zoroástrica, fundada por Zoroastro no século XV a.C., tal como refere Burns, que “(...) duas grandes divindades regiam o universo: uma, Ahura-Mazda, infinitamente boa e incapaz de qualquer fraqueza, personificava os princípios da luz, da verdade e da retidão”. (Burns, 2005: 104) Estas civilizações marcaram direta e indiretamente o pensamento de gregos e romanos, na edificação do conhecimento, do pensamento, do berço da humanidade e da Europa.

1.2. Da acrópole de Atenas ao coliseu de Roma

A Grécia surgiu entre três mares, o Iónio, o Egeu e o Mediterrâneo. Como refere Pereira, os gregos tinham o “(...) conhecimento e o uso da escrita (...)”, importada dos fenícios, (século VIII a.C.) veio a “(...) servir de modelo ao latino, ao gótico e ao cirílico e,

deste modo, está na base de todos os processos de escrita em uso na Europa atual”. (Pereira, 1993: 18)

Na Grécia Antiga existiam bibliotecas e livrarias, datadas do século V a.C., podendo hoje deleitarmo-nos com a Odisseia (paz e nostalgia) e Ilíada (guerra e tragédia) de Homero. Obras demonstrativas do conhecimento grego, em áreas tão diversas como a astronomia, a geografia, em atividades agrícolas e de pesca, a indústria naval, o comércio, a matemática e a engenharia, a religião, a música e o lazer enquanto recreação.

O mais importante dos poemas de Homero, segundo Pereira, “(...) é a concepção do Homem. De facto, o Homem nos poemas homéricos representa a alma, a vida, o sopro vital, herói, a vida e a morte”. (Pereira, 1993: 127)

Com a época Arcaica começaram as migrações e a colonização, sendo fundadas polis ao longo da costa Mediterrânica, sendo a Acrópole o centro religioso e o ponto mais alto. Na Ágora podíamos encontrar os edifícios da justiça, da política, o Dracma (moeda comercial) e a vida quotidiana dos gregos.

A democracia grega assentava na maioria e na liberdade, em que só os cidadãos tinham o direito de exercer a democracia através de Assembleias, de Conselhos e de Tribunais. Sólon, legislador ateniense, implementou a abolição da escravatura por dívidas; proteção à agricultura, indústria e comércio; criação de uma moeda própria e a instituição do tribunal da Helieia, que segundo Pereira, “(...) todos tinham direito de apelar contra as sentenças dos magistrados, cujo poder ficava assim cerceado”. (Pereira, 1993: 185-186)

Apolo, segundo Pereira, “(...) dá a conhecer as suas sentenças através do oráculo de Delfos (...)” (Pereira, 1993: 321) que, segundo Schuré, a inscrição do templo dizia: “(...) conhece-te a ti mesmo – e conhecerás o Universo e os Deuses”. (Schuré, 2006: 214) Com ordens e cânones, a arte grega dórica e irónica (masculina), jónica (feminina) e coríntia, demonstraram verticalidade e rigor geométrico.

De referir três pilares do pensamento europeu e da humanidade, as Olimpíadas, 776 a.C., o Oráculo de Delfos e a introdução do alfabeto grego. Fazendo alusão a Mossé, Aristóteles torna a ciência “(...) essencialmente classificadora e baseada na observação e na experiência, quer se trate da biologia, da moral ou da política,” aliada a uma filosofia que viria a ser a Pangeia da humanidade.

Roma surge como cidade em 753 ou 725 a.C. entre sete colinas fruto da união entre Latinos e Sabinos. Com o tempo, dominou o Mediterrâneo, que o designou por *Mar Nostrum*, tendo a finalidade de controlar todo o tráfego marítimo e os entrepostos terrestres comerciais.

O domínio político, económico e social foi conquistado pelas legiões romanas, pela engenharia e pela lei. Segundo Pereira, as cidades romanas cresceram como municípios e eram cosmopolitas, com "a sua cúria, o seu senado, a sua basílica, (...) em torno de dois eixos viários ortogonais - o cardo e o decumano." Na periferia "(...) erguiam-se os complexos termas, os anfiteatros e os teatros (...)", como os estádios. (Pereira, 1989: 433-457)

A romanização e a pax romana sob a égide do latim e do direito Romano, como evidencia Pereira, foram "(...) capazes de criar a igualdade e a liberdade". A filosofia e a política era alvo de estudo dos senadores romanos:

"Marco - por Hércules! Eu, por mim, entendo que tanto ele como todos os que são dos municípios têm duas pátrias, uma por natureza, outra por cidadania: tal como o célebre Catão, que, tendo nascido em Túsculo, foi admitido na cidade do povo romano, e assim, sendo tusculano de origem, é romano por cidadania, tinha uma pátria geográfica e outra de direito; (...) assim também nós chamamos pátria àquela em que nascemos e àquela que nos recebeu (...) o nome de República seja propriedade de toda a cidade". (Pereira, 1989: 175)

1.3. De Cristo à conquista de Ceuta em 1415

O que pensavam os romanos e outros dos cristãos, de Cristo, e dos seus ritos? Como escreveu Celso, "há uma nova raça de homens nascidos ontem, sem pátria nem tradições, ligados contra as instituições religiosas e civis, perseguidos pela justiça, universalmente cobertos de infâmia, mas glorificando-se com a execração comum: são os Cristãos. A sua doutrina vem de uma origem bárbara, (...) capazes de inventar dogmas, (...) depura e ultima a razão grega". (Celso, 1991: 11-12)

Segundo Eliade "o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa absolutamente diferente do profano (...) Jerusalém celeste foi criada por Deus ao mesmo tempo que o Paraíso, portanto *in aeternum*, (...) a basílica cristã, e mais tarde a catedral, (...) prolongam estes simbolismos". (Eliade, 1992: 25-73)

Em 313 realizou-se o Édito de Milão sendo decretada a liberdade religiosa para os cristãos. Santo Agostinho, bispo de Hipona, teve a necessidade de defender o cristianismo e o seu legado: “(...) lembra-te porém de que, quando recordo estas coisas, o faço contra indoutos cuja ignorância deu origem a este divulgado provérbio: não chove - a culpa é dos cristãos. (...) Conosco voltem a recordar-se das calmadas que tantas e tão variadas vezes assolaram Roma, antes de Cristo aparecer em carne, antes de ser conhecido entre os povos o seu nome cuja glória em vão invejam”. (St.º Agostinho, vol. I, 201)

Humberto Eco refere que com a queda do Império Romano do Ocidente, devido às invasões bárbaras, houve a fragmentação política que levou a uma reorganização do poder, passou-se “(...) da cidade ao campo. (...) Além disso, a transferência dos ofícios e do comércio para as zonas rurais envolveria perda da especificidade económica das cidades, ao contrário do mundo antigo, fortemente urbanizado, em que a cidade, símbolo da vida civil e em sociedade, é o centro de consumo e expedição dos bens produzidos no território circundante, o mundo da Idade Média seria, principalmente, rural, (...)” e cristão. (Eco, 2012: 54-55)

Segundo Eco, deu-se o milagre Irlandês, que “(...) com as suas viagens, os monges da Irlanda difundiram na Europa um património cultural de extraordinária importância. A partir do século V, o cristianismo propaga-se por toda a Irlanda como instrumento da cultura e do saber do mundo romano. A filosofia grega, o direito romano, a literatura e os conhecimentos técnicos do império entraram na ilha por intermédio da evangelização”. (Eco, 2012: 87)

Em 711 os sarracenos invadiram a Península Ibérica, com o propósito de difundir e espalhar o Islamismo. O livro sagrado é o Alcorão e apresenta na sua teologia cinco pilares fundamentais: só Alá é Deus e Maomé seu profeta; oração 5 vezes ao dia, com o rosto virado para Meca; jejum do Ramadão (durante 1 mês, desde que o sol nasce até que se põe); dar esmola aos pobres; ir a Meca, pelo menos uma vez na vida.

Os califas são os sucessores de Maomé, são os governantes e chefes religiosos. Dominavam a alquimia, a numeração, a cartografia, o azulejo, técnicas de rega e irrigação, instrumentos de orientação, aperfeiçoaram a medicina, geografia, matemática e a astronomia. Por fim, a doença-símbolo da Idade Média é a lepra. Outras doenças são

produzidas por alimentos estragados ou infetados pelos insetos ou pelos ratos. (Eco, 2012: 293-294, adaptado)

1.4. De Ceuta às revoluções do século XVIII

Fourquin coloca as seguintes questões: “Poderá falar-se de uma revolução económica no século XVI? Não será melhor dizer que o Renascimento assistiu à amplificação, à aceleração de fenómenos surgidos antes do fim da Idade Média”? Na verdade, o “(...) Ocidente já começara a deslocar-se de Leste para Oeste. A política já se introduzira na economia (contrato de arrendamento; contrato de arrendamento a meias; a letra de câmbio; o cheque; crédito da banca; sociedades comerciais; sociedades comerciais com sucursais, filiais ou por ações; feiras bancárias; pré-mercantilismo) capitalistas e pré-capitalistas tinham surgido antes do fim do século XIII e a proibição da usura não perturbara os seus primeiros passos”. (Fourquin, 1997: 438-439)

Segundo Oliveira, a Idade Moderna apresenta três datas para a sua gênese: “(...) pela primeira vez em 1415, de modo definitivo e sem retornos, se romperam as portas em que se confinava o Mundo Ocidental. Portugal começa a construir aí, e desde então, um novo espaço”; (Oliveira, 1999: 13-16) queda do Império Romano do Oriente, em 1453 às mãos dos Turco-otomanos e em 1492 Cristóvão Colombo chega à América.

Foram a pedra bruta do pensamento europeu na Expansão Marítima, no Renascimento e na Reforma. O que significa Renascimento? Segundo Delumeau, significa “(...) romper com os gostos e as categorias mentais dos seus antecessores (...) na promoção do Ocidente numa época em que a civilização da Europa, ultrapassou, de modo decisivo, as civilizações que lhe eram paralelas”. (Delumeau, 1994: vol.I, 20)

O humanismo, como refere Delumeau, teve uma relação estreita com a ciência, tal “(...) é provado, primeiramente, por a Itália ter sido, nos séculos XV e XVI, em ambos estes dois domínios da cultura, a escola da Europa” (1994, vol.II, p.133). “O humanismo fez da instrução o principal meio da educação. Colocou-se resolutamente no plano moral e esta atitude, situada no centro das transformações radicais do Renascimento, teve consequências incalculáveis. Foi ela uma das grandes opções criadoras do mundo moderno”. (Delumeau, 1994: vol.II, 83)

Nesta época assistimos ao cisma da Reforma que viria a revolucionar a religião cristã, tanto a católica apostólica como as protestantes. Para esta época, de destacar

Erasmus de Roterdão (1466-1536). Erasmus estudou com os monges da ordem de St. Agostinho (bispo de Hipona), onde veio a realizar votos monásticos com 25 anos.

Foi um crítico severo da vida monástica e de algumas características negativas da Igreja Católica Apostólica Romana. Mais tarde continuou com os estudos na Universidade de Paris, principal ícone da escolástica de então, apesar das influências renascentistas que chegavam já de Itália.

No seu percurso académico, Erasmus primou pela liberdade intelectual, cultural e religiosa, independentemente do país, credo ou universidade, nada poderia interferir com a sua liberdade de expressão. Viveu e passeou a sua intelectualidade em Paris, Lovaina, Cambridge, Veneza e Basileia, vindo esta última ser a cidade de Erasmo, como refúgio da liberdade nos diversos níveis intelectuais.

Fez diversas amizades por onde passou, amigos como Thomas More, John Fisher, Forben, John Coilet, Damião de Góis, entre outros. A sua obra mais conhecida "Elogio da Loucura", foi dedicada ao seu amigo Sir Thomas More.

O Elogio da Loucura é um ensaio escrito em 1509 por Erasmo de Roterdão e publicado em 1511. *O Elogio da Loucura* é considerado um dos mais influentes livros da civilização ocidental e um dos catalisadores da Reforma Protestante. O livro começa com um aspecto satírico para depois tomar um aspecto mais sombrio, numa série de orações, já que a loucura aprecia a auto-depreciação, e passa então a uma apreciação satírica dos abusos supersticiosos da doutrina católica e das práticas corruptas da Igreja Católica Romana. O ensaio termina com um testamento claro e por vezes emocionante dos ideais cristãos.

“São, sem dúvida da nossa farinha os homens que se deleitam com histórias de milagres e prodígios, quer escutando-as quer narrando-as, e que não se saciam com fábulas portentosas, de espectros, lémures, fantasmas, infernos. Quanto mais longe estiverem da verdade, maior crédito merecem àqueles que para as ouvirem estremecem as orelhas com alegria. Estas narrativas não tendem só a matar o tédio das horas, mas dão também algum proveito, especialmente aos clérigos e aos pregadores. (...) Mas que pedem os Homens aos santos senão o que diz respeito à loucura? (...) Muito agradável deve ser a ignorância (...)”. (Erasmus, 1998: 62-65)

Séculos de luta e de progresso, *penso, logo existo*, a famosa máxima de Descartes, veio afirmar o acto de pensar como prova e fundamento da existência humana. O discurso do método, como Descartes refere, é não mais que guiar o indivíduo "(...) no bom uso da

razão e lhe permitir alcançar a verdade na investigação das ciências, (...)” (Descartes, 1986: 11) através de três ensaios dióptrica, meteoros e a geometria.

Segundo Pierre Chaunu, a Europa da Luzes entre 1680 e 1770, “(...) inventa os Homens, ao ritmo, atingindo em quase toda a parte, da duplicação em duas gerações, através da *Vital revolution*.” De 1730 a 1770 “(...) a Europa das Luzes cresceu. São mil à partida, são alguns milhões à chegada, (...) modifica as antigas relações, as maneiras de ser e de agir”. (Chaunu, 1985: 19)

1.5. Da França de 1789 a 1914

Na era *Iluminista* o *racionalismo*, o *idealismo* e o *positivismo* são pontas de lança do método, da razão, da luz enquanto filosofia política, económica e social. Estes ideais filosóficos tiveram o triunfo político com as revoluções americana de 1776 e a francesa de 1789, de ideais morais e filosóficos de liberdade, igualdade e fraternidade.

Estes elementos permitem hoje ao Ocidente afirmar-se perante o mundo como os criadores de um pensamento que pretende ser democrático e defensor dos direitos dos humanos, independentemente da raça, credo ou nacionalidade, dotando a civilização ocidental única e identitária.

Com o *modernismo*, a inovação era a doutrina do progresso do pensamento, da política, da filosofia, fundamentando-se na ciência e na tecnologia para crescer em qualidade. Apelidada de *avant-garde*, defensora dos ideais liberais e iluministas, preconizava a expressão por palavras, sons, imagens e formas os seus ideais, na crença do progresso fruto da era industrial.

Descendeu da evolução do *romantismo*; do *realismo* oitocentista, do *impressionismo* e do *simbolismo*. Segundo Sproccati, o *modernismo* assume-se como a vanguarda histórica. Com o passar dos anos vai surgir o movimento que anuncia o fim do *modernismo* fruto de acontecimentos políticos, sociais, económicos e culturais (primeira Grande Guerra, a grande depressão de 29, o fascismo, o comunismo, a descolonização, a segunda Guerra Mundial, a ONU, a Guerra Fria, ...), o *pós-modernismo*. Hobsbawm diz-nos acerca deste movimento que “o cheiro da morte iminente emanava dessas vanguardas.

O futuro já não lhes pertencia, embora ninguém soubesse a quem pertencia”. (Hobsbawm, 1998: 503)

1.6. A Europa e a imperfeição (1914-1945)



Figura n.º 1 — Guernica de Pablo Ruiz Picasso (1937)²

A imperfeição dos europeus. As duas Grandes Guerras. Morte, destruição, terror, dor, vergonha, a loucura. Erasmus, no *elogio da loucura*, refere que “(...) a guerra é coisa tão cruel que é mais própria de feras do que de Homens; é de uma insânia que os poetas consideram emitida pelas fúrias; é uma peste que destrói a moralidade por onde quer que passe; é uma injustiça, porque os piores bandidos costumam ser os melhores guerreiros; é uma impiedade”. (Erasmus, 1998: 106)

A I Guerra Mundial (1914-1918) opôs a Tríplice Entente à Tríplice Aliança. O teatro das operações da Grande Guerra teve como palco a Europa, África, Médio Oriente, América do Norte e do Sul, Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, atingindo o número impressionante de 19 milhões de mortos. Portugal, participando apenas a partir de 1917, viu morrer cerca de 8 mil militares lusitanos.

Antes da II Grande Guerra, Guernica, 1937. Como refere Plastino, “o quadro é um ataque à crueldade e à loucura do homem. Com ele, Pablo Picasso descreveu a dor e a destruição provocadas pelo homem”. (Plastino, 1999: 35) As décadas de 30 e 40 do século passado, simbolizaram para os artistas europeus a morte, a guerra, a destruição.

² Disponível em: <<http://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/guernica>>

Picasso expressa-se pela *mimesis* para afrontar e retratar os impactos da guerra civil espanhola (1936-39) e a II Grande Guerra (1939-45) na sociedade, de maneira a perpetua-la na memória e na consciência das pessoas. Se o acontecimento é a guerra, bombardeamento e destruição de Guernica, Kohl refere “(...) os recursos do cubismo, como a sobreposição do rosto de frente e de perfil, são aproveitados agora com critério expressionista para evocar os monstros do horror bélico”. (Kohl, 1994: 54)

Picasso visualiza pela primeira vez em maio de 1937 as fotografias da destruição de Guernica, causando-lhe de imediato impressão. Em pouco tempo, mais concretamente um mês, tem o quadro acabado, após vários esboços e estudos prévios.

Kohl descreve-o como “uma série de figuras resumem emblematicamente: o touro, o cavalo ferido - que simboliza o povo como vítima inocente -, o guerreiro decapitado, o grito telúrico da mãe com o filho morto nos braços. Os processos utilizados na composição do espaço são característica cubista, como o tratamento de muitas das figuras. A renúncia à cor tem também uma função expressiva”. (Kohl, 1994: 55)

Segundo H. W. Janson, esta obra não representa o próprio acontecimento, mas evoca a agonia da guerra total através de poderosas imagens. Representa a visão profética da desgraça, perspetivando o futuro da humanidade.

“O simbolismo da cena resiste a uma interpretação precisa, apesar de vários elementos tradicionais: a mãe e o filho morto são os descendentes de *Pietà*³, a mulher com a lâmpada lembra a Estátua da Liberdade, e a mão do cadáver a empunhar ainda uma espada partida é um emblema bem conhecido da resistência heróica. Também sentimos o contraste entre o ameaçador touro de cabeça humana, que certamente representa as forças do mal, e o cavalo agonizante. Estas figuras devem a sua terrível eloquência àquilo que *são* e não àquilo que *representam*. As distorções, fragmentações e metamorfoses anatómicas exprimem a realidade da dor insuportável. A prova final da validade da colagem (aqui em recortes planos e justapostos, em preto, branco e cinzento) é a sua capacidade de transmitir emoções tão avassaladoras”. (Janson, 1994: 685-686)

Segundo Wiegand, Guernica de Picasso tem 3,5m de altura e 8m de largura. Foi apresentada em Paris no pavilhão espanhol republicano, sendo acompanhado o mural pelo poema de Éluard, “A Vitória de Guernica”. (Wiegand, 2011: 82)

“Na metade superior do quadro, os elementos mais importantes para o conteúdo em grandes traços marcantes. Em baixo, vemos com muito detalhe a apresentação de momentos do sofrimento humano: um homem trespassado por uma lança, uma mãe com o filho morto. (...) O touro representa a brutalidade, o cavalo representa o povo”. (Wiegand, 2011: 83)

³ Piedade, tema alusivo à arte cristã, onde surge representada a Virgem Mãe, com Jesus morto a seu colo morto

Wiegand refere os aviões, que como pássaros famintos, vindos da *germânia*, em forma de *rapina* bombardearam Guernica às 17h, segundo relato de um cidadão de Guernica que tudo assistiu e escreveu, no dia 26 de abril de 1937, destruindo e massacrando a população.

“Ao fim da tarde de 26 de abril (...) estava um dia maravilhosamente claro, o céu estava calmo e límpido. Chegámos aos subúrbios de Guernica por volta das cinco horas. Havia muita agitação nas ruas porque era dia de feira. De repente, ouvimos as sirenes e ficámos aterrorizados. As pessoas corriam em todas as direções e deixavam tudo à procura de proteção, alguns também corriam para as montanhas. pouco depois, surgiu um avião inimigo sobre Guernica. (...) Largou três bombas diretamente sobre o centro. Logo a seguir, vi sete aviões, aos quais se seguiram seis e, depois, mais cinco. Eram todos Junkers. Entretanto, toda a cidade tinha sido tomada pelo pânico (...). Os aviões aproximaram-se voando muito baixo, no máximo 200 metros de altura (...). Entretanto, mulheres e crianças e velhos atingidos caíam no chão, como moscas, víamos grandes poças de sangue por todo o lado. Vi um velho camponês sozinho num campo, morto por uma rajada de metralhadora. Os dezoito aviões mantiveram-se mais de uma hora sobre Guernica, a uma altura de poucas centenas de metros, largando bomba atrás de bomba. Não é possível imaginar o barulho das explosões e o ruído das casas a desmoronarem-se. Voavam por cima das ruas. Caíram muitas bombas, aparentemente por todo o lado. Mais tarde, vimos as crateras: tinham um diâmetro de dezasseis metros e uma profundidade de oito. Por volta das sete horas, os aviões afastaram-se para longe e, agora, chegava uma nova vaga que, desta vez, voava a grande altitude. A segunda vaga largou bombas incendiárias sobre a nossa cidade martirizada. O segundo bombardeamento durou trinta e cinco minutos, mas foi suficiente para transformar o lugar numa enorme fornalha. Percebi imediatamente qual era o objetivo deste ataque com bombas incendiárias. Pretendia fazer crer ao mundo que tinham sido os próprios Bascos a incendiar a cidade (...).” (Wiegand, 2011: 81-82)

Guernica foi uma experiência Nazi na preparação para a Grande Guerra que aí viria. A II Guerra Mundial (1939-1945) opôs os Aliados às forças do Eixo. O teatro das operações teve como palco a Europa, o Pacífico, o Atlântico, a África, o Médio Oriente, a América do Norte e do Sul, atingindo um número negro para a humanidade, mais de 70 milhões de mortos e o genocídio de 6 milhões de judeus.

Esta Guerra Mundial apresenta três características que a moldam, pela extensão geográfica, pela duração e pela intensidade. A primeira característica é o espaço geográfico da sua teatralidade beligerante. Nenhum dos continentes ficou a salvo da sua extensão, sendo o Europeu, o Asiático e Africano os mais afetados. Os oceanos, Atlântico e Pacífico, principalmente, conheceram o poder da destruição nunca dantes visto.

Segundo Rémond, "todos os continentes estão nela envolvidos e as operações desenrolam-se simultaneamente no Atlântico e no Pacífico (...)", (Rémond, 1994: 370) podendo então afirmar-se que é planetária, que é mundial. A segunda característica é a duração da II Grande Guerra, de 1 de setembro de 1939 a 8 de maio de 1945, tem a duração de quase 6 anos.

Por fim, como Rémond defende, a terceira característica desta Guerra Mundial é a sua intensidade. "É, seguramente, a mais total que o mundo conheceu. Todos os recursos dos beligerantes, tanto materiais como humanos, são mobilizados". (Rémond, 1994: 370)

Os números são impressionantes, são perturbadores. A Alemanha fez milhões de prisioneiros e acrescentou-lhe milhões de trabalhadores deportados. Os USA construíram 60 000 aviões, 45 000 blindados, 20 000 canhões e 18 milhões de toneladas de construções navais. Os números totais são estrondosos, mas aqueles que mais nos fazem pensar são os das perdas.

René Rémond diz-nos que as perdas da URSS situam-se entre os 17 e 20 milhões, a Polónia entre os 6 a 7 milhões da sua população, como a Jugoslávia, igualmente em milhões "(...) que se contam as vítimas da Guerra. No total, foi talvez de 50 ou 60 milhões o número de pessoas que desapareceram na Guerra de 1939-45". (Rémond, 1994: 372)

Hobsbawm refere que "a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou-se nas chamas da guerra mundial, quando as suas colunas ruíram" (1998, p. 32). Se analisarmos o passado do pensamento europeu, um dos pilares do edifício Europa é o povo de Israel. A II Grande Guerra trouxe ao mundo uma nova *Idade das Trevas*, a maldição nazi e o holocausto.

Roberts diz-nos ainda que "embora os números finais talvez nunca venham a ser reconhecidos, é provável que tenham sido mortos entre 4 000 000 e 6 000 000 de judeus, nas câmaras de gás e crematórios dos campos de extermínio, por fuzilamentos e exterminações sumárias (...) ou por excesso de trabalho e falta de alimentação". (Roberts, 1997: 151)

Com estes números deixo uma afirmação de Steinner proferida em palestra para a revista *European Judaism* no ano de 1969 soltando as seguintes palavras: "a Europa suicidou-se, ao matar os seus judeus, (...) foi também a destruição de *l' esprit européen*, da ideia da Europa". Será que foi o fim do pensamento e do espírito europeu? Winston Churchill tem o seguinte discurso em Zurique a 19 de setembro de 1946:

"É imperioso construir uma espécie de Estados Unidos da Europa. Só dessa forma centenas de milhões de trabalhadores poderão recuperar as alegrias e esperanças simples que dão sentido à vida. O processo é simples. Basta a determinação de centenas de milhões de homens e mulheres empenhados em fazer o que está certo em vez do que está errado, para ter por recompensa felicidade em vez de sofrimento (...). Não há qualquer motivo para que a existência de uma organização regional na Europa colida com a organização mundial das Nações Unidas. Pelo contrário, a

organização mais alargada só sobreviverá se a sua construção se apoiar em agrupamentos naturais coerentes. Existe já um agrupamento natural no Hemisfério Ocidental. Nós, Britânicos, temos a nossa própria “Commonwealth” de Nações. Estes agrupamentos não enfraquecem a organização mundial. Antes pelo contrário, fortalecem-na. Na realidade, são o seu principal alicerce. E por que razão não poderá existir um agrupamento europeu capaz de conferir um sentido de patriotismo alargado e cidadania comum aos povos aturdidos deste continente poderoso e turbulento? E por que não haveria ele de ocupar o lugar a que tem direito, moldando os destinos dos homens? (...) Vou dizer uma coisa que vos vai surpreender. O primeiro passo para a recriação da família europeia tem de passar por uma parceria entre a França e a Alemanha. Só desta maneira é que a França poderá recuperar a sua costumada liderança da Europa. A Europa não pode renascer sem uma França espiritualmente grande e sem uma Alemanha espiritualmente grande. A estrutura dos Estados Unidos da Europa, a concretizar-se, tornará menos importante a força material de um único Estado (...)”⁴.

⁴ Parlamento Europeu (2008), “60 anos de Europa. Os grandes textos da construção europeia.”p. 15

Capítulo II - Jean Monnet e a Europa. Um legado, uma responsabilidade, a construção.

2.1. Arquitetura de um sonho: União Europeia



Figura n.º 2 — Tratado de Paris: Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (18 de abril de 1951)⁵

Segundo Fontaine “quais são os limites da Europa”? (Fontaine,1995: 143) Steiner debruça-se sobre a ideia da Europa e, de forma tão peculiar, fala-nos de café, cafetarias, pessoas e, sobretudo, de pensamento europeu, pois basta desenhar o mapa das cafetarias europeias e obter-se-á linhas espaço-temporais essenciais da ideia de Europa.

Para Adriano Moreira em a “Europa entre os Projetos e as Memórias”, salienta o espírito daqueles que “(...) depois da paz de 1945, escolheram construir a solidariedade em vista do futuro, e não a retaliação contra os agressores em nome do passado, guiados pelo realismo de Jean Monnet”.⁶

Segundo Pereira e Quadros, “(...) a seguir à 2.ª Guerra Mundial, cresce o número e a importância das Organizações Internacionais, e que além destas e do Estado surgem

⁵ Disponível em: <<http://historiografando.tumblr.com>>

⁶ Moreira, Adriano (2015) “A EUROPA ENTRE OS PROJETOS E AS MEMÓRIAS”, Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 1-2.

ainda outras entidades revestidas de personalidade jurídica internacional (...)”. (Quadros, 2002: 27)

Neste contexto, e ainda antes de elaborarmos o quadro em forma de resumo dos tratados da arquitetura da União Europeia, importa salientar através destes autores o Direito Internacional, sendo este “(...) o conjunto de normas jurídicas criadas pelos processos de produção jurídica próprios da Comunidade Internacional, e que transcendem o âmbito estadual”. (Quadros, 2002: 31)

Importa referir que, e ainda segundo os mesmos autores, “na comunidade a força centrípeta dos interesses comuns ou convergentes — quer dizer, dos factores de coesão e de solidariedade entre os seus membros — é mais forte do que a força centrífuga dos seus interesses divergentes ou estratégicos”. (Quadros, 2002: 33)

Assim, como Pereira e Quadros referem, “(...) as relações jurídicas que se estabelecem entre Estados (...) podem ser classificadas em três grandes categorias: relações de coordenação ou de cooperação, relações de subordinação e relações de reciprocidade”. (2002, p. 37)

Estas relações jurídicas são importantes para a edificação da União Europeia, que por sua vez, vão originar tratados. Estes, segundo análise clássica e na perspetiva de Pereira e Quadros quanto à conclusão dos mesmos, “(...) distingue três fases (...): a negociação, a assinatura e a ratificação”. (Quadros, 2002: 186)

Neste contexto, importa desenhar em forma de tabela as datas, os acontecimentos, os objetivos, os locais e os países intervenientes na arquitectura da União Europeia (UE), desde o seu início até aos nossos dias:

Quadro n.º 1 — Cronologia da arquitectura da União Europeia

Data	Acontecimento	Objetivo	Local	Países
1951 (entrada em vigor 1952)	CECA - Comunidade Europeia do Carvão e do Aço	<i>tornar interdependentes os setores do carvão e do aço para que um país deixasse de poder mobilizar as suas forças armadas sem que os restantes tivessem conhecimento, dissipando assim a desconfiança e a tensão existentes entre os países europeus depois da Segunda Guerra Mundial.</i>	Paris	Benelux (Bélgica, Holanda e Luxemburgo), Alemanha, França e Itália

Data	Acontecimento	Objetivo	Local	Países
1957 (entrada em vigor 1958)	CEE - Comunidade Económica Europeia EURATOM - Energia Atómica	<i>instituir a Comunidade Económica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atómica (Euratom). Principais mudanças: aprofundamento da integração europeia, que passou a abranger a cooperação económica.</i>	Roma	
1965 (entrada em vigor 1967)	Tratado de Fusão CE - Comunidade Europeia	<i>simplificar o funcionamento das instituições europeias.</i>	Bruxelas	
1973	Alargamento	Dinamarca, Irlanda e UK		
1981	Alargamento	Grécia		
1986 (entrada em vigor 1987)	Acto Único Europeu	<i>proceder à reforma das instituições para preparar a adesão de Portugal e de Espanha e simplificar a tomada de decisões na perspectiva do mercado único. Principais mudanças: extensão da votação por maioria qualificada no Conselho (tornando assim mais difícil que um único país possa vetar uma proposta legislativa), introdução de processos de cooperação e de comum acordo que conferiram maior peso ao Parlamento.</i>	Luxemburgo e Haia	
1986	Alargamento	Portugal e Espanha		
1992 (entrada em vigor 1993)	UE - União Europeia	<i>preparar a união monetária europeia e introduzir elementos para uma união política (cidadania, política comum em matéria de política externa e assuntos internos). Principais mudanças: criação da «União Europeia» e introdução do procedimento de co-decisão, que confere mais peso ao Parlamento no processo de tomada de decisão, novas formas de cooperação entre os governos da UE, nomeadamente no quadro da defesa, da justiça e dos assuntos internos.</i>	Maastricht	
1995	Alargamento	Áustria, Finlândia e Suécia		
1997 (entrada em vigor 1999)	Tratado de Amesterdão	<i>proceder à reforma das instituições para preparar a adesão de mais países à UE. Principais mudanças: alteração, renumeração dos artigos e consolidação dos tratados UE e CEE; reforço da transparência do processo de tomada de decisões.</i>	Amesterdão	

Data	Acontecimento	Objetivo	Local	Países
2001 (entrada em vigor 2003)	Tratado de Nice	<i>proceder à reforma das instituições por forma a que UE pudesse funcionar eficazmente com 25 países. Principais mudanças: métodos para alterar a composição da Comissão e redefinição do sistema de votação do Conselho.</i>	Nice	
2004	Alargamento	Chipre, Estónia, Eslovénia, Eslováquia, Hungria, Letónia, Lituânia, Malta, Polónia e República Checa.		
2007	Alargamento	Bulgária e Roménia		
2007 (entrada em vigor 2009)	Tratado de Lisboa	<i>tornar a UE mais democrática e eficaz e mais apta a resolver problemas a nível mundial, como as alterações climáticas, permitindo-lhe falar a uma só voz. Principais mudanças: reforço dos poderes do Parlamento Europeu, alteração dos procedimentos de votação no Conselho, introdução da iniciativa de cidadania, criação dos cargos de Presidente permanente do Conselho Europeu e de Alto Representante para os Negócios Estrangeiros e de um novo serviço diplomático da UE. O Tratado de Lisboa clarifica a repartição de competências: da UE, dos países da UE, partilhadas.</i>	Lisboa	
2013	Alargamento			Croácia
?	Países Potenciais Candidatos	Albânia, Bósnia-Herzegovina e Kosovo; Islândia, Macedónia, Montenegro, Sérvia, Turquia		

Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados disponibilizados online pela UE

Segundo Mota de Campos “a recriação da unidade europeia constituirá sempre, ao longo dos séculos, um anseio comum a homens fora do comum: alguns, como Napoleão e Hitler, tentaram-na pela força das armas; mas o desfecho das suas aventuras sangrentas comprovam que a Europa só se uniria pela força de vontades livres”. (Campos, 2004: 29)

O espaço e o tempo dos princípios fundadores da UE é, no meu entender, indivisível na questão geo-política, da economia, da sociedade, do direito e da intemporalidade da história, do pensamento e da cultura.

Assim, precisamos de viajar pelo tempo e espaço. Moreira salienta que “(...) a Europa que começou pela economia – Mercado Comum – segundo a proposta de Monnet,

fez com que o seu autor, aquele verdadeiro iniciador do projeto, viesse a escrever nas Memórias que, na data em que escrevia, tinha compreendido que devia ter começado pela cultura”. (Moreira, 2015: 6)

Nesta perspetiva, é imperativo ultrapassar o(s) medo(s) existentes entre os europeus. Cristina Sarmiento diz-nos que “todos têm por suposto que o medo é a barreira entre a ignorância e a compreensão. Ultrapassar o medo significa libertar a inteligência, o senso comum e a imaginação. A segurança é um estado de espírito que permite a abertura da mente concentrada na resolução de problemas, na solução e antecipação”. (Sarmiento, 2009: 12)

A universalidade dos ideais, o desenvolvimento e crescimento económico sustentável, o combate ao sectarismo, ao fanatismo, à tirania, ao desemprego e às desigualdades sociais são perseverança da UE num constante aperfeiçoamento democrático, daí podermos englobar a paz perpétua, o multiculturalismo, e o cosmopolitismo, numa perspetiva de segurança.

Sarmiento, sobre o assunto, refere que “a paz e a guerra, a fome e a sobrevivência, a saúde e a pobreza, o trabalho e o desemprego, o conhecimento e a ignorância, todos são resultado de decisões governamentais. O governo regula - ou desregula - (...)”. (Sarmiento, 2009: 14) Aliada a esta situação, a autora diz-nos ainda que “(...) o estudo da segurança é, em si mesmo, interdisciplinar, uma vez que abrange as dimensões políticas e militares, mas também as geográficas, psicológicas, culturais, económicas e históricas, a par das componentes tecnológicas e legais”. (Sarmiento, 2009:16)

Na procura destas características, do ser necessário ultrapassar medos e alcançar uma segurança europeia, que se torna e se quer mundial, deparamo-nos com uma figura incontornável do processo da edificação da *união* europeia, de seu nome Jean Monnet (1888-1979). Mas quem é este homem francês, um dos pais fundadores da EU, que mudou para sempre a história da Europa e do próprio século XX?

“Jean Omer Marie Gabriel Monnet nasce a 9 de novembro de 1888, na cidade de Cognac, em França. (...) O consultor económico e político francês Jean Monnet dedicou a sua vida à causa da integração europeia, tendo sido o inspirador do «Plano Schuman», que previa a fusão da indústria pesada da Europa Ocidental. Monnet era oriundo da região de Cognac, em França. Quando terminou o liceu, aos 16 anos de idade, viajou por vários países como comerciante de conhaque e, mais tarde, como banqueiro. Durante as duas guerras mundiais, exerceu cargos importantes relacionados com a coordenação da produção industrial em França e no Reino Unido. Como consultor de alto nível do Governo francês, foi o principal inspirador da famosa «Declaração Schuman» de 9 de maio de 1950,

que conduziu à criação da famosa «Declaração Schuman» de 9 de maio de 1950, que conduziu à criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, considerada o ato fundador da União Europeia. Entre 1952 e 1955, foi o primeiro Presidente do órgão executivo daquela Comunidade. (...) Monnet funda o “Comité de Ação para os Estados Unidos da Europa”. Constituído para reanimar o espírito da integração europeia, este comité tornou-se um dos principais impulsionadores de muitos dos progressos realizados na via da integração europeia, como a criação do Mercado Único e do Sistema Monetário Europeu, as cimeiras do Conselho Europeu ou a eleição do Parlamento Europeu por sufrágio universal”⁷.

Jean Monnet, nas suas *Memórias*, evidência uma "Europa à procura de si mesma (...)" (Monnet, 2004: 269) na construção de um espaço comum para os europeus, numa Europa una, desprovida de guerra e de destruição. O primeiro passo tem um plano, e esse é de Marshall.

Monnet destaca esta leitura pelo discurso do presidente dos USA (United States of América) da altura, onde Truman, perante o congresso americano, declarou que "(...) o nosso dever é o de ajudar os povos livres a trabalharem em prol do seu próprio destino segundo o próprio caminho. Penso que a nossa ajuda deve ser em primeiro lugar económica e financeira, essencial para a estabilidade económica e para a ordem política". (Monnet, 2004: 270)

Este era o mote da construção de uma Europa destruída pela guerra, cujo plano interessava aos USA⁸ até pelas negociações entre os vencedores⁹ da II Grande Guerra em Moscovo, distanciando o Ocidente capitalista do Oriente comunista, começando a Guerra Fria em 1947.

A solução a esta nova realidade política e económica, deveria partir da Europa mas com a ajuda inicial dos USA, como salienta Monnet nas suas memórias, em que destaca o 5 de junho de 1947 como marco da história universal aquando do discurso de Marshall em Harvard salientando "(...) um novo tipo de relações internacionais: ajudar os outros a ajudarem-se a si próprios". (Monnet, 2004: 271)

Como refere Monnet, Marshall conseguiu logo avaliar as consequências da II Grande Guerra, ao dizer que "(...) as destruições visíveis da guerra na Europa são menos graves do que o abalo profundo de todo o aparelho económico. Estamos apenas a começar

⁷ Disponível em <http://europa.eu/about-eu/eu-history/founding-fathers/pdf/jean_monnet_pt.pdf>

⁸ O plano Marshall tinha também a função de impedir a Europa se tornasse comunista.

⁹ Marshall, dos USA, Bevin, da França, Bidault, Inglaterra e Molotov da Rússia.

a compreender que a recuperação será mais longa e mais difícil do que previsto”. (Monnet, 2004: 271)

É nestes processos de discussão e de negociação entre países que o Plano Marshall avança, num ato de coragem e sentido de responsabilidade do povo americano para com o mundo, sobretudo pela Europa, sendo, como é óbvio, a mão e o pensamento de um homem "(...) de um certo génio e de um método notável, (...) onde havia que conceber toda a estratégia de paz”. (Monnet, 2004: 271)

A Europa responde prontamente ao desafio de Marshall aprovando o projeto pela assinatura em 1948, em Paris, da convenção de cooperação económica europeia, a criação da OEEC (Organização Europeia de Cooperação Económica). Esta convenção assegurava de imediato a criação de centenas de milhares postos de trabalho, meios e matérias-primas indispensáveis à recuperação económica e social da Europa.

Monnet, nas suas memórias, salienta este plano como fundamental à prosperidade europeia, mas, nessa altura, refere que "(...) não era, porém, uma garantia de que esse alívio seria duradouro. A independência e a prosperidade seriam ilusórias e a ilusão seria perigosa, se não aproveitássemos a trégua que nos era concedida para aprender a prescindir de ajuda externa”. (Monnet, 2004: 273)

Nesta perspetiva, Monnet refere que a ajuda tem um limite temporal e financeiro, sendo o ano de 1952 e os cerca de 3 mil milhões de dólares esses limites para a França conseguir modernizar-se e prosperar economicamente. Jean Monnet, a partir desta altura, começa a debruçar-se sobre uma *federação* do Ocidente, numa tentativa de resolução dos problemas europeus, principalmente o impedimento da guerra.

Jean Monnet refere então que "(...) não há verdadeiro esforço europeu sem federação do Ocidente, mas, ao mesmo tempo, não há federação que não se apoie em tal esforço”. (Monnet, 2004: 278) Homens como Bidault, Schuman e Churchill, passando por Eden, Lord Layton, Macmillan, Van Zeeland, Paul Reynaud, Mitterrand, P. -H. Teigen, François-Poncet, no congresso de Haia, assumiram-se orientadores de uma Europa unida, numa panóplia de ideias e até de utopias, mas todas tinham um caminho comum, a União.

Winston Churchill em 1946 deixou claro as suas intenções sobre a Europa, em que “(...) é imperioso construir uma espécie de Estados Unidos da Europa.”¹⁰ Ora, os caminhos e os trabalhos seriam árduos e longos. Jean Monnet em 1947 acede a documentos aliados cedidos por Marjolin, preocupando-o: “(...) a indústria siderúrgica alemã absorveria por si só todo o carvão do Ruhr, de modo que a produção de aço da França e de toda a Europa ficaria limitada. Como atingir, nessas condições, o objetivo europeu global?” (Churchill, 2004: 279)

Como refere nas suas memórias, o processo de construção de uma Europa única foi difícil, mas a Alemanha começou a *mexer-se*. “Havia, porém, na ideia de Adenauer, uma preocupação concreta: o Ruhr, o Sarre, isto é a rivalidade à volta do carvão e do aço, que Adenauer queria sublimar, na acepção física do termo, unindo a França e a Alemanha”. (Monnet, 2004: 290)

Este era o passo que Jean Monnet preconizava, que a partir desta dificuldade encontrar a solução geral através da união. Nesta altura, as negociações entre Alemanha e França, entre Adenauer e Schuman, são complexas pelo sentido de Estado que ambos representam, era preciso então agir: “(...) em vez de empregar as minhas forças contra aquilo que oferecia resistência, tinha-me habituado a procurar aquilo que no ambiente circundante provocava imobilismo e a alterá-lo: por vezes eram pontos secundários e, em muitos casos, tratava-se de um clima psicológico”. (Monnet, 2004: 296)

Para que tal fosse possível era preciso ultrapassar o medo de uma Alemanha sem controlo para os franceses e, por outro lado, para os alemães a humilhação do controlo sem fim pelas potências vencedoras da II Grande Guerra, como destaca Jean Monnet.

“Se conseguíssemos eliminar, entre nós, o receio da dominação industrial alemã, eliminar-se-ia o maior obstáculo à união da Europa”. (Monnet, 2004: 298) Ora, era condição *sine quo non* haver entendimento entre as *indústrias* europeias, só assim é que seria possível iniciar “(...) o próprio fermento da unidade europeia”. (Monnet, 2004: 298)

O objetivo era unir as economias europeias em torno do carvão e do aço, numa tentativa de alcançar a paz e a prosperidade económica e financeira, criando manifestamente consequências positivas políticas e sociais na Europa. O carvão e o aço

¹⁰ Parlamento Europeu (2008), “60 anos de Europa. Os grandes textos da construção europeia.”p.15

sempre foram a rivalidade entre a política francesa e alemã, era preciso combater essa desconfiança económica, ora industrial, ora a força das armas de guerra, era preciso ultrapassar o impasse pela construção da paz.

Monnet evoca Paul Reuter nas suas memórias. Também ele preocupado com a situação atrás referida, tenta perceber se "(...) conseguiria o Direito Internacional fazer desaparecer os conflitos de que os habitantes das fronteiras eram as vítimas mais constantes". (Monnet, 2004: 300)

Neste capítulo, Jean Monnet expõe ao académico Paul Reuter as suas ideias sobre o projeto da fusão carvão-aço, de maneira a ser analisado e perspectivado numa união da Europa através da forma de organismo na gestão desse ativo económico e político.

Surge, a partir daqui, a primeira proposta francesa à criação da CECA: "(...) a paz mundial não poderá ser salvaguardada sem esforços criadores à medida dos perigos que a ameaçam. O contributo que uma Europa organizada e viva pode dar à civilização é indispensável à manutenção das relações pacíficas. (...) A Europa deve ser organizada numa base federal". (Monnet, 2004: 300)

A primeira coluna da construção da arquitetura europeia é a união do carvão e do aço, a união entre a França e a Alemanha, para depois edificar a Europa em outras colunas ou domínios. Se inicialmente Monnet pensara só nestes dois países, "(...) finalmente, à versão original acrescentei, à noite, à mão, que a Autoridade estaria «aberta à participação dos outros países da Europa»". (Monnet, 2004: 301)

Se Paul Reuter era a personificação da questão jurídica da *Alta Autoridade*, Uri, era a base da questão económica enquanto projeto, criando "(...) a noção de mercado comum, espaço sem entraves aduaneiros, sem discriminação, mas regulamentados no interesse geral. Introduzia a ideia de disposições transitórias". (Monnet, 2004: 303)

Para Jean Monnet, a edificação deste projeto comum europeu tinha como meta principal e fulcral a necessidade da sua criação, a paz, sendo esta a palavra-chave de toda a arquitetura europeia. Assim, a solução para propor o projeto europeu seria a escolha de Robert Schuman, que mais tarde, por consequência dos factos, originou o Plano Schuman. Começaram as negociações.

Em 1950, reuniram em Paris a 20 de junho os seis países que aceitaram o Plano de Schuman, iniciando-se a conferência. A agitação foi total, social, política, a opinião pública, os *media*, as reticências dos Estados, as negociações, os apoios, entre outros aspetos, eram atos pertencentes à convenção de Paris. Este mediatismo político assume contornos internacionais pela causa-efeito da globalização.

Sarmiento refere-nos que a globalização política “(...) tem algum sentido, e tem certamente mais do que um, ela significa, entre outras coisas, que a política tem que enfrentar desafios que já não constituem questões internas dos Estados ou de sistemas políticos isolados, mas que ultrapassam as fronteiras nacionais, exigindo respostas que os Estados ou os sistemas políticos já não podem fornecer por si sós”. (Sarmiento, 2009: 75)

Monnet, a título das negociações disse: “(...) estamos aqui para realizar uma obra comum, não para negociar vantagens, mas sim para procurar a nossa vantagem na vantagem comum”. (Monnet, 2004: 326)

Nestas reuniões da Conferência do Plano Schuman, Monnet, deu pela primeira vez o nome de Comunidade Europeia, sendo este o objetivo da Conferência. Nesta altura, fase de negociações, várias questões se levantaram, principalmente dos Benelux: “(...) quais serão as relações entre a Assembleia Parlamentar e a Assembleia do Conselho da Europa? Não haverá sobreposição?” (Monnet, 2004: 328) Após dúvidas e negociações entre os Estados, passou-se ao processo da construção.

Monnet diz-nos que "oito dias mais tarde, as posições estavam bem afirmadas, tendo eu sentido que o desafio seria difícil". (Monnet, 2004: 329) No dia 10 de agosto de 1952, no Luxemburgo, a Europa nascia de forma definitiva pelo tratado de Paris, terminando aí as conversações, sendo alcançado o primeiro pilar da Europa, sendo constituída pela França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e Luxemburgo.

Segundo Rémond, "esta pequena Europa vai tornar-se o núcleo integrador (...)" (Rémond, 1994: 450) da ideia de Jean Monnet na arquitetura da Europa. E como partilhar esse sonho, essa ideia, esse projecto de Jean Monnet? Deixo pelas palavras de Adriano Moreira, em *Tempo de Vésperas, A Partilha*, na tentativa de responder a essa tarefa hercúlea:

“Vê-se que é irresistível. Um ser humano senta-se ao nosso lado, sem outra credencial. Existe e está ali. Convictamente, faz um comentário. Sobre não importa o quê. Tudo ponderado, concluiu que as

palavras tinham de ser proferidas. Para serem escutadas por quaisquer ouvidos. Os primeiros ao alcance da voz. Sem escolha, ou tendo desistido da escolha. Pensa ter surpreendido algum detalhe que não deve ser omitido. Por vezes passou anos de labuta sem história, numa daquelas atividades essenciais em que, por isso mesmo, ninguém repara. Mas olhando para além da tarefa. Vendo o que se passava e ao lado. Com o vezo, o tempo e a oportunidade de comparar. De surpreender. Aprendendo. Descobrendo. Para si e para os demais. Em busca da alegria de compartilhar. E descobrindo também, nessa ânsia, como é difícil dar. Porque ninguém aceita facilmente a experiência dos outros. Sobretudo a experiência do pobre-diabo que é a maior parte da gente. Anos de obediência, a ver nascer e morrer animais, plantas e povo. O olhar atento, a surpreender os descuidos em que a natureza se descobre. Anos a ver os homens que chegam e partem, que crescem e morrem, que riem e choram, na fábrica, no escritório, no bairro, na rua, no beco. Vendo uma regra, um motivo constante, uma atitude comum, que outros não entenderam. Humildemente posto num canto da vida, viu acontecerem todas as coisas grandes que outros mandaram. Ninguém lhe perguntou nunca pela sua vontade, opinião ou gosto. Sofreu respeitosamente todas as dores justas e injustas que lhe distribuíram. Atento à tarefa humilde que lhe coube, mas olhando para além dela. Reparando nas coincidências, nas repetições, nos motivos. (...) Precisa de lavar o seu depoimento. Dizer. Deixar em alguma memória o legado da sua experiência. Fazer essa coisa difícil que é dar. (...) Transmite a sua descoberta. Partilha a experiência” (Moreira, 1978: 133-135)

2.2. O sonho de Jean Monnet: Estados Unidos da Europa?

Jean Monnet tinha um sonho. Em 1943, durante uma reunião do comité, Monnet faz a seguinte declaração «não haverá paz na Europa se os Estados forem reconstituídos com base na soberania nacional (...). Os países europeus são demasiado pequenos para garantir aos seus povos a prosperidade e o desenvolvimento social necessários. Os Estados europeus devem constituir-se numa federação (...)».¹¹

Entre 1952 e 1955, como já referi no ponto anterior, Monnet funda o *Comité de Ação para os Estados Unidos da Europa*. Este comité tinha como finalidade alcançar o sonho para uma Europa que estava já a dar os primeiros passos rumo ao que somos hoje, a União Europeia.

“DECLARAÇÃO DO COMITÉ DE ACÇÃO PARA OS ESTADOS UNIDOS DA EUROPA - n.º 17 O Comité de Acção para os Estados Unidos da Europa, formado a 13 de Outubro de 1955 sob o forte impulso de Jean Monnet, viria, dias mais tarde, a proferir uma declaração em que prospectivava a unidade política europeia. Feita a 17 de Outubro de 1958, in “La Construction de L’Europe”, Pierre Gerbet, Notre siècle, Paris, 1994, pág. 272 «A unidade política de amanhã dependerá da entrada efectiva da união económica na actividade industrial, agrícola e administrativa. É à medida que a acção das Comunidades se consolida, que as ligações entre os homens e a solidariedade, que já se podem antever, se reforçarão e se alargarão. A própria realidade permitirá então alcançar a união política, que é o objectivo da nossa Comunidade, isto é, constituir os Estados Unidos da Europa.»¹²”

¹¹ Disponível em <http://europa.eu/about-eu/eu-history/founding-fathers/pdf/jean_monnet_pt.pdf>

¹² Parlamento Europeu (2008), “60 anos de Europa. Os grandes textos da construção europeia.”p. 44

Antes de prosseguirmos com o discurso, é preciso fazer uma incursão sobre a expressão *Estados Unidos da Europa*. Foi Jean Monnet o primeiro homem fora do comum a utilizá-la? Segundo Mota de Campos não, dizendo que “em 1304 o jurista Pierre DUBOIS concebe, antes de qualquer outro, um projeto de «Estados Unidos da Europa». (Campos, 2004: 29)

Ainda segundo Mota de Campos, e já depois da I Grande Guerra, o então Ministro Estrangeiro da França, Aristides BRIAND, no dia 6 de setembro de 1929 submeteu um projeto à Sociedade das Nações (SDN):

“(…) Esta ideia, que nasceu há muitos anos, que tem povoado a imaginação dos filósofos e de poetas... tem penetrado nos espíritos por força do seu próprio mérito... Eu julgo que entre os povos que estão geograficamente agrupados, como os povos da Europa, deve existir uma espécie de laço federal. É este o laço que eu desejaria esforçar-me por estabelecer... Evidentemente a associação terá sobretudo lugar no domínio económico. É a questão mais premente e eu creio que é possível alcançar êxito. Mas estou igualmente seguro de que, do ponto de vista político, assim como do ponto de vista social, o laço federal, sem afetar a soberania de nenhuma das Nações que possam vir a participar em tal associação, pode ser benéfico” (Campos, 2004: 32)

Anos volvidos, e depois da II Grande Guerra, Mota de Campos diz-nos que Churchill, no dia 19 de setembro de 1946, profere as seguintes palavras alusivas à unificação da Europa: “É preciso criar os Estados Unidos da Europa”! (Campos, 2004: 37) Adriano Moreira, também através do discurso de Churchill, reforça esta ideia salientando esta questão, referindo que “os combates cessaram, o perigo não desapareceu. Se devemos criar os Estados Unidos da Europa — qualquer que seja o nome que lhe derem — devemos começar imediatamente (...)”. (Moreira, 1992: 75)

Moreira, sobre esta questão, Estados Unidos da Europa, destaca ainda as palavras de Vitor Hugo: “(...) o que se passa na Sérvia demonstra a necessidade dos Estados Unidos da Europa. Que os governos desunidos sucedam os povos unidos”. (Moreira, 1992: 76)

Realizada esta pequena incursão sobre a problemática da nomenclatura dos Estados Unidos da Europa e o seu propósito, Moreira refere que

“foi a questão do carvão e do aço que inspirou a Jean Monnet a primeira resposta eficaz para redefinir a soberania, que foi a das atividades funcionais. (...) O espírito fundador de Jean Monnet, com as suas atividades funcionais, e o espírito pioneiro de Coudenhove-Kalergi, que todos leram sem necessidade de citar o seu conceito de federalismo funcional, podem ser a base da resposta para a salvaguarda e consistência do pluralismo europeu”. (Moreira, 1992: 77-80)

Jean Monnet no dia 10 de agosto de 1952 tem as seguintes palavras sobre a importância do Tratado de Paris, CECA, em discurso para a reunião inaugural da Alta Autoridade da CECA:

“(…) Em nome de todos aqui presentes, renovo publicamente a promessa que cada um de nós fez ao aceitara nomeação. Exerceremos as nossas funções com total independência nos interesses gerais da Comunidade. No cumprimento dos nossos deveres não solicitaremos nem aceitaremos instruções de qualquer Governo ou organização, e abster-nos-emos de qualquer acto incompatível com o caracter supranacional das nossas funções. Registamos o compromisso dos Estados-membros de respeitar este caracter supranacional e de não nos influenciar na execução da nossa tarefa. (...) Temos agora de estabelecer e de manter um mercado único para o carvão e o aço sobre todo o território da Comunidade. Dentro de poucos meses serão eliminadas todas as barreiras alfandegárias, todas as restrições quantitativas e todas as discriminações. Carvão e aço deixarão de ter fronteiras dentro da Comunidade. Estarão disponíveis a todos os compradores nas mesmas condições. O Tratado – a primeira lei ‘*anti-trust*’ da Europa –, dotou-nos de um mandato para dissolver cartéis, para proibir práticas restritivas, e para impedir qualquer concentração excessiva de poder económico. O mercado único para 155 milhões de consumidores significará melhor qualidade de carvão e aço, a preços mais baixos. A bacia europeia do carvão e do aço, até hoje repartida entre nações, será gradualmente transformada numa só entidade. Não nos caberá gerir a produção do carvão e do aço. Esse é o papel dos produtores. A nós, compete-nos estabelecer e manter condições para que a produção se desenvolva de acordo com os melhores interesses comuns”¹³.



**Figura n.º 3 — Jean Monnet na instalação da Alta Autoridade da CECA.
Luxemburgo, 10 de agosto de 1952 (fotografia CEE).¹⁴**

General De Gaulle, proferiu as seguintes palavras no dia 5 de setembro de 1960 sobre *quais são as realidades da Europa* política:

“Quais são as realidades da Europa? Quais são os pilares sobre os quais a podemos construir? Na realidade, é sobre os Estados – que são, por certo, muito diferentes entre si, que têm cada um a sua

¹³ Idem, p. 29

¹⁴ FONTAINE, Pascal (1998), *Jean Monnet, um grande objectivo para a Europa*. p.21

alma própria, a sua história própria, a sua língua própria, os seus infortúnios, as suas glórias, as suas ambições próprias, mas que são as únicas entidades com o direito de ordenar e a autoridade para agir. Imaginar que é possível construir algo que seja eficaz em termos de acção e que seja aprovado pelos povos, excluindo os Estados e acima destes, é uma quimera. (...) É certo que, enquanto não se enfrenta directa e globalmente o problema da Europa, foram já sendo criados alguns organismos mais ou menos extra-nacionais. Estes organismos têm o seu valor técnico, mas não têm, não podem ter, autoridade e, conseqüentemente, eficácia política. (...) É perfeitamente natural que os Estados da Europa tenham à sua disposição organismos especializados para os problemas que lhes são comuns, para preparar e, se necessário, para fazer o acompanhamento das suas decisões, mas estas decisões pertencem-lhes. Não competem a mais ninguém e só podem ser tomadas em cooperação. O que a França considera como desejável, possível e prático é garantir a cooperação regular da Europa Ocidental no domínio político, económico, cultural e da defesa. Isto implica uma concertação organizada e regular dos governos responsáveis e o subsequente trabalho de organismos especializados em cada um dos domínios comuns, subordinados aos governos; implica ainda a deliberação periódica de uma assembleia formada pelos delegados dos parlamentos nacionais e, na minha opinião, deve implicar, o mais brevemente possível, um solene referendo europeu, por forma a incutir a este arranque da Europa o carácter de adesão e de intervenção popular que lhe é indispensável.»¹⁵ in “La Construction de L’Europe”, Pierre Gerbet, Notre siècle, Paris, 1994, pág. 276.

Uma última questão. O sonho de Jean Monnet, R. Schuman, K. Adenauer, A. Gasperi e W. Churchill estará em perigo? Serão os ventos como os de Saturno, contrários aos ideais políticos, morais e filosóficos destes grandes estadistas que marcaram para sempre a Europa e o mundo?

Ideais preconizados e personificados em Jean Monnet, na procura da paz, da unificação de uma Europa desfeita e destruída, desmoronada pelas bombas assassinas de guerras violentas e sangrentas, pela segurança e solidariedade económica e social através de uma identidade europeia que é diversa mas que deve ser a uma só voz num mundo globalizado, por valores progressistas, humanitários, de liberdade e equidade social, num espírito de fraternidade e de harmonia, pretenderam e pretendem criar uma Europa sem fronteiras, com uma só bandeira, com um único hino.

O carvão e o aço, matérias-primas primordiais para o crescimento e desenvolvimento da Europa, outrora fontes de discórdia e de guerra, foram em 1951, a pedra basilar da União Europeia, pelo tratado de paz, económico e político, de seis países, fundando através da Comunidade Europeia do Carvão e Aço (CECA).

A ideia de Monnet estava assim consumada, o sonho de uma Europa unida estava em marcha, apesar de o caminho ser ainda longo. Tendências atuais de fascismo, de

¹⁵ Idem, p. 48

neonazismo, de fanatismos e extremismo religiosos, políticos e sociais, podem ser o fim do sonho de Jean Monnet?

Schuman (*in declaração* no lançamento do projecto de integração europeia, em 9 de Maio de 1950) disse que “(...) a Europa não se fará de um golpe, nem numa construção de conjunto: far-se-á por meio de realizações concretas que criem em primeiro lugar uma solidariedade de facto”.

Fontaine refere que “Jean Monnet, o grande arquitecto da integração europeia, concluiu as suas memórias em 1976 com as seguintes palavras: «As nações soberanas do passado deixaram de ser o quadro onde se podem resolver os problemas do presente: não conseguem assegurar o próprio progresso nem controlar o próprio futuro. E a própria Comunidade é apenas uma etapa rumo a formas de organização do mundo de amanhã»”. (Fontaine, 2010: 71)

A Europa é vista como o *nexus* ou a luz da humanidade. Segundo Huntington, “(...) as relações entre Estados e grupos de civilização diferentes não serão próximas e, frequentemente, serão antagónicas (...)”, (Huntington, 2009: 213) salientando a divisão entre o Ocidente e o resto do mundo. Refere neste processo de choque entre civilizações, que a civilização ocidental foi aquela que mais impacto teve sobre todas as outras e a todos os níveis, político, económico, social e cultural.

Qual o futuro do Ocidente? Huntington começa por questionar: "Renovação do Ocidente? (...) Quando uma civilização atinge a universalidade, o seu povo fica cego por aquilo a que Toynbee chamou a miragem da imortalidade e convence-se de que ela é a forma final da sociedade humana. Assim aconteceu com Império Romano, (...) Império Otomano" (Huntington, 2009: 355)

Para George Steiner a ideia de Europa é não mais que a necessidade de reabilitar esta da atrocidade e barbárie dos factos dos primeiros cinquenta anos do século passado. "Reabilitação, relançamento, reconstrução (...)", são verbos que Steiner sonha em ver concretizados enquanto pensamento, enquanto europeu, promovendo a "(...) unidade na diversidade (...)", sendo esta o futuro e a esperança da Europa. Quando este cita William Blake, identifica que “(...) é o génio da diversidade linguística, cultural e social, de um

mosaico pródigo que muitas vezes percorre uma distância trivial, separado por vinte quilómetros, uma divisão entre mundos”.¹⁶

Penso que todos pretendemos que a Europa seja bela, onde a sua ideia seja adornada pela estética, que a sua filosofia humanista impere e triunfe, onde a paz e o hino à alegria de se ser europeu seja cintilante, seja entre Atenas e Jerusalém. Jean Monnet é simplesmente considerado o fundador da Europa comunitária, cuja data que marca indubitavelmente este facto é o ano de 1950.

O projeto de Monnet dotou a Europa de paz, uma raridade no nosso continente. Aliado a esta constatação, o pensamento e sonho de Monnet para a Europa, transportou-nos para realidades impensáveis, onde vencedores e vencidos, juntos e unidos por tratados, fizeram edificar o projeto do homem Monnet.

As relações políticas, económicas, sociais, culturais, religiosas e militares, vivem hoje da inspiração de Jean Monnet, que conseguiu convencer pela negociação, pelas ideias, pelos ideais, pelo projeto da construção da Europa, a União entre os Estados, numa missão de apagar da história a vergonha e a loucura de 1914 a 1945.

A mensagem política de Jean Monnet para os Estados europeus era o desafio central da questão das soberanias nacionais. A solução era a união entre os Estados europeus, pois se o caminho fosse o da separação e de distanciamento diplomático, enfraqueceria a Europa para sempre, quando que os USA e URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) saíram como os grandes vencedores do processo da II Guerra Mundial. O caminho, esse, era a União.

Monnet reforça esta ideia dizendo nas suas memórias que “pelo que me toca, nunca conheci mais do que um caminho. Mas a duração do percurso é incerta. A construção europeia, tal como todas as revoluções pacíficas, precisa de tempo - o tempo de convencer, o tempo de adaptar os espíritos e de ajustar as coisas a grandes transformações”. (Monnet, 2004: 436)

Se a união deveria ser política e diplomática, era sobretudo um dever moral. Segundo Fontaine “a unidade europeia, um empreendimento moral”. (Fontaine, 1998: 8) Jean Monnet procurou sempre compreender o princípio da unificação europeia, num

¹⁶ Extraído de "A Ideia de Europa", George Steiner, Ed. Gradiva, 2007

processo de projeto humanista. As relações de liberdade e de igualdade entre os Estados europeus e os seus cidadãos, são pilares fundamentais da construção da Europa, num espírito de fraternidade entre estes. Só assim, em regime democrático, que a Europa conseguirá sobreviver, viver e prosperar nas diversas dimensões, sejam elas de criação, progresso e de desenvolvimento, mas sobretudo de paz.

Esta fraternidade moral entre cidadãos de um mesmo continente é não mais a procura da segurança e dos *Direitos Humanos*. Como refere Sarmento, “(...) o culto do *Direitos Humanos* como modelo de ordem ideológica e simbólica (...) transformou a segurança na segurança humana. Esta deve caminhar para além da defesa armada dos territórios e a ameaça é entendida como qualquer acontecimento ou processo que leva à perda de vida ou a redução de expectativas de vida humanas em larga escala”. (Sarmento, 2009: 60)

Como salienta Fontaine, Jean Monnet, “(...) consciente da necessidade de associar os representantes das forças políticas e os sindicatos na construção europeia, funda o Comité de Acção para os Estados Unidos da Europa, que constituirá um grupo de influência muito presente na cena comunitária de 1955 e 1975”. (Fontaine, 1998: 23)

Este Comité teve papel fundamental na construção e edificação da União Europeia. Esteve diretamente envolvida no Tratado de Roma de 1957, a adesão da Grã-Bretanha, a união política, económica e monetária da Europa, as relações com os USA no desenvolvimento de políticas comuns e o respeito pelas instituições democráticas e soberanas. Como refere Fontaine, este contribuiu também para o “(...) nascimento do Governo Europeu, órgão de mediação suprema e de impulsionamento, que surgiu em 1975 e foi institucionalizado pelo Acto Único Europeu em 1986”. (Fontaine, 1998: 24)

Jean Monnet, pela sua vivência e conhecimento do mundo, de uma Europa dividida e destruidora de si própria no período de 1914 a 1945, viu nos USA a união entre Estados diferentes uma mesma bandeira, um mesmo hino, os mesmos valores e ideais políticos, económicos, sociais e culturais, onde aprendeu que esses mesmos Estados tinham leis próprias, costumes e tradições identitárias diferentes, mas que lhe era permitido atravessar de costa a costa esse imenso país sem que existisse barreiras ou fronteiras limitativas da liberdade, de circulação, de identidade, de transmissão de sabedoria e conhecimento.

Jean Monnet, como refere Fontaine, tinha um sonho, e porque viveu esse sonho nos Estados Unidos da América, a criação e construção de uma Europa através da arquitectura da obra, os Estados Unidos da Europa. A razão era simples:

“Na nossa vida nacional, os princípios de liberdade, de igualdade e de democracia foram aceites e aplicados porque os homens, após séculos de luta, se organizaram para lhes dar formas institucionais concretas: eleições, parlamento, tribunais, educação generalizada, liberdade de expressão e de informação. Os homens encontraram e desenvolveram desde há muito, no interior das fronteiras, noções civilizadas para resolver os conflitos de interesse, já não necessitam de se defender pela força. As normas e as instituições estabeleceram uma igualdade de estatuto. Os pobres e os desfavorecidos organizaram-se para exercer uma maior influência. Os mais poderosos e os mais desfavorecidos reconheceram o seu interesse comum. Não foi a natureza humana que mudou, foi o comportamento humano que foi alterado por instituições comuns em condições que asseguram pelo menos um mínimo de bem estar material essencial em todas as sociedades. Fora do quadro nacional, no entanto, as nações agem como fariam os indivíduos se não existisse nem lei nem instituição. Cada nação continua, em última análise, fortemente amarrada à soberania nacional, ou seja, cada uma reserva o direito de ser juiz em causa própria. Na Europa vimos e sofremos as consequências destas atitudes. Ao longo dos séculos, cada grande nação europeia procurou dominar as restantes. Cada qual acreditou na sua própria superioridade e agiu em determinado período na ilusão de que a superioridade podia ser afirmada e conservada pela força; cada qual, por sua vez, foi derrotada e viu-se enfraquecida no termo do conflito. Fracassaram repetidamente tentativas no sentido de escapar a esse círculo vicioso, confiando apenas no equilíbrio de forças porque assentavam na força e na soberania nacional ilimitada” (1998, pp.32-33).

Jean Monnet nas suas memórias diz-nos: “(...) o objetivo estava no próprio nome do Comité: os Estados Unidos da Europa. As primeiras etapas eram-nos ditadas pelos acontecimentos imediatos: a ratificação rápida dos tratados e o estabelecimento das novas Comunidades. Depois, veríamos”. (Monnet, 2004: 413) Para terminar este capítulo, deixo algumas considerações dos pensamentos e ações dos pais fundadores da União Europeia.

Konrad Adenauer (1876-1967), “(...) a unidade europeia não era apenas uma forma de assegurar a paz, mas também um meio para reintegrar a Alemanha pós-nazi na vida internacional. A Europa, tal como hoje a conhecemos, não teria sido possível sem a confiança que Adenauer inspirava nos outros Estados europeus (...). «O maior alemão de todos os tempos»”. (UE, 2013: 6)

Joseph Bech (1887-1975), “(...) preside à Conferência de Messina, que mais tarde levaria ao Tratado de Roma, que instituiu a Comunidade Económica Europeia”. (UE, 2013: 8)

Johan Willem Beyen (1897-1976), defendia um mercado comum. “O plano defendia a ideia de que era necessária a plena cooperação económica, não só no domínio do carvão e do aço, mas a nível geral. A solução residiria, assim, num mercado comum

para todos os setores, a exemplo da cooperação estabelecida entre a Bélgica, os Países Baixos e o Luxemburgo no acordo do Benelux, em 1944”. (UE, 2013: 10)

Winston Churchill (1874-1965), “Com o seu apelo à construção dos Estados Unidos da Europa, Churchill foi um dos primeiros defensores da integração europeia para evitar que se repetissem as atrocidades das duas guerras mundiais, exortando à criação de um Conselho da Europa como primeira etapa”. (UE, 2013: 12)

Alcide de Gasperi (1881-1954), “(...) Alcide De Gasperi desempenha o papel de mediador entre a Alemanha e a França, que tinham estado divididas por quase um século de guerra. (...) é também uma força inspiradora no processo de criação da Comunidade Económica Europeia”. (UE, 2013: 14)

Walter Hallstein (1901-1982), “(...) foi o primeiro Presidente da Comissão Europeia, de 1958 a 1967, um europeísta convicto e um defensor decisivo da integração europeia. Enquanto Presidente da Comissão Europeia, Hallstein empenhou-se na criação rápida do mercado comum”. (UE, 2013: 15)



Figura n.º 4 — Intervenção de Hallstein na qualidade de Presidente da Comissão Europeia nos Países Baixos, em 1965. (fotografia Comissão Europeia, Os pais fundadores da União Europeia)

Sicco Mansholt (1908-1995), “Apoiante convicto do federalismo europeu, Mansholt sonha com uma política agrícola comum para a Europa. Em 1950, elabora um plano de criação de um mercado comum europeu para os produtos agrícolas. (...) A política agrícola foi muito bem-sucedida no cumprimento do seu objetivo inicial de aumentar a autossuficiência alimentar da Europa”. (UE, 2013: 18)

Robert Schuman (1886-1963), “o arquiteto do projeto de integração europeia. (...) Em colaboração com Jean Monnet, elaborou o famoso Plano Schuman, que divulgou a 9 de maio de 1950, hoje considerada a data de nascimento da União Europeia”. (UE, 2013: 21)

Paul-Henri Spaak (1899-1972), “Embora a maior parte da Europa estivesse em ruínas após a Segunda Guerra Mundial, Spaak acreditava que através da cooperação económica e política era possível voltar a ter um continente forte”. (UE, 2013: 24)

Altiero Spinelli (1907-1986), “(...) torna-se um firme defensor da causa federalista de uma Europa unida. (...) Em 14 de fevereiro de 1984, o Parlamento Europeu (...) aprova o «Projeto de Tratado que institui a União Europeia», o chamado «Plano Spinelli». (...) Esse documento serviu de base ao Ato Único Europeu de 1986, que abriu as fronteiras nacionais para o mercado comum, e ao Tratado de Maastricht de 1992, que instituiu a União Europeia”. (UE, 2013: 26)

Jean Monnet (1888-1979), “a força unificadora por trás do nascimento da União Europeia. (...) Monnet funda o “Comité de Ação para os Estados Unidos da Europa”. Constituído para reanimar o espírito da integração europeia, este comité tornou-se um dos principais impulsionadores de muitos dos progressos realizados na via da integração europeia” como o Mercado Único, o Sistema Monetário Europeu, cimeiras do Conselho Europeu e a eleição do Parlamento Europeu por sufrágio universal. (UE, 2013: 19-20)

Para terminar este capítulo, deixo os três primeiros artigos do Tratado da Comunidade Europeia com base nos autores Campos e Pereira *in* “Tratados Comunitários”:

SUA MAJESTADE O REI DOS BELGAS, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA FRANCESA, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ITALIANA, SUA ALTEZA REAL A GRÃ-DUQUESA DO LUXEMBURGO, SUA MAJESTADE A RAINHA DOS PAÍSES BAIXOS,

DETERMINADOS a estabelecer os fundamentos de uma união cada vez mais estreita entre os povos europeus,

DECIDIDOS a assegurar, mediante uma acção comum, o progresso económico e social dos seus países eliminando as barreiras que dividem a Europa,

FIXANDO como objectivo essencial dos seus esforços a melhoria constante das condições de vida e de trabalho dos seus povos,

RECONHECENDO que a eliminação dos obstáculos existentes requer uma acção concertada tendo em vista garantir a estabilidade na expansão económica, o equilíbrio nas trocas comerciais e a lealdade na concorrência,

PREOCUPADOS em reforçar a unidade das suas economias e assegurar o seu desenvolvimento harmonioso pela redução das desigualdades entre as diversas regiões e do atraso das menos favorecidas,

DESEJOSOS de contribuir, mercê de uma política comercial comum, para a supressão progressiva das restrições ao comércio internacional,

PRETENDENDO confirmar a solidariedade que liga a Europa e os países ultramarinos, e desejando assegurar o desenvolvimento da prosperidade destes, em conformidade com os princípios da Carta das Nações Unidas,

RESOLVIDOS a consolidar, pela união dos seus recursos, a defesa da paz e da liberdade e apelando para os outros povos da Europa que partilham dos seus ideais para que se associem aos seus esforços,

DETERMINADOS a promover o desenvolvimento do mais elevado nível possível de conhecimentos dos seus povos, através de um amplo acesso à educação, e da contínua actualização desses conhecimentos,

DECIDIRAM criar uma COMUNIDADE EUROPEIA e para esse efeito, designaram como plenipotenciários:

OS QUAIS, depois de terem trocado os seus plenos poderes reconhecidos em boa e devida forma, acordaram no seguinte:

PARTE I OS PRINCÍPIOS

Artigo 1.º

Pelo presente Tratado, as ALTAS PARTES CONTRATANTES instituem entre si uma COMUNIDADE EUROPEIA.

Artigo 2.º

A Comunidade tem como missão, através da criação de um mercado comum e de uma união económica e monetária e da aplicação das políticas ou acções comuns a que se referem os artigos 3.º e 4.º, promover, em toda a Comunidade, o desenvolvimento harmonioso, equilibrado e sustentável das actividades económicas, um elevado nível de emprego e de protecção social, a igualdade entre homens e mulheres, um crescimento sustentável e não inflacionista, um alto grau de competitividade e de convergência dos comportamentos das economias, um elevado nível de protecção e de melhoria da qualidade do ambiente, o aumento do nível e da qualidade de vida, a coesão económica e social e a solidariedade entre os Estados-Membros.

Artigo 3.º

1. Para alcançar os fins enunciados no artigo 2.º, a acção da Comunidade implica, nos termos do disposto e segundo o calendário previsto no presente Tratado:

- a) A proibição entre os Estados-Membros, dos direitos aduaneiros e das restrições quantitativas à entrada e à saída de mercadorias, bem como de quaisquer outras medidas de efeito equivalente;
- b) Uma política comercial comum;
- c) Um mercado interno caracterizado pela abolição, entre os Estados-Membros, dos obstáculos à livre circulação de mercadorias, de pessoas, de serviços e de capitais;

- d) Medidas relativas à entrada e circulação de pessoas de acordo com o disposto no título IV;
 - e) Uma política comum no domínio da agricultura e das pescas;
 - f) Uma política comum no domínio dos transportes;
 - g) Um regime que garanta que a concorrência não seja falseada no mercado interno;
 - h) A aproximação das legislações dos Estados-Membros na medida do necessário para o funcionamento do mercado comum;
 - i) A promoção de uma coordenação entre as políticas de emprego dos Estados-Membros, com o objectivo de reforçar a sua eficácia, mediante a elaboração de uma estratégia coordenada em matéria de emprego;
 - j) Uma política social que inclui um Fundo Social Europeu;
 - k) O reforço da coesão económica e social;
 - l) Uma política no domínio do ambiente;
 - m) O reforço da capacidade concorrencial da indústria da Comunidade;
 - n) A promoção da investigação e do desenvolvimento tecnológico;
 - o) O incentivo à criação e ao desenvolvimento de redes transeuropeias;
 - p) Uma contribuição para a realização de um elevado nível de protecção da saúde;
 - q) Uma contribuição para um ensino e uma formação de qualidade, bem como para o desenvolvimento das culturas dos Estados-Membros;
 - r) Uma política no domínio da cooperação para o desenvolvimento;
 - s) A associação dos países e territórios ultramarinos tendo por objectivo incrementar as trocas comerciais e prosseguir em comum o esforço de desenvolvimento económico e social;
 - t) Uma contribuição para o reforço da defesa dos consumidores;
 - u) Medidas nos domínios da energia, da protecção civil e do turismo.
2. Na realização de todas as acções previstas no presente artigo, a Comunidade terá por objectivo eliminar as desigualdades e promover a igualdade entre homens e mulheres.



Figura n.º 5 — Jean Monnet (fotografia Comissão Europeia, *Os pais fundadores da União Europeia*)

Capítulo III - O que pensam hoje os europeus da Europa

Antes de nos debruçarmos na metodologia dos gráficos, das hipóteses e no rigor dos eurobarómetros como objeto de estudo, é importante trazer à razão e, em jeito de continuação com os capítulos anteriores, fazer introdução a este terceiro capítulo, através da *Constituição Europeia*. Quais são as novas perspetivas para a UE?

Segundo Moreira, “o projeto da Constituição Europeia, com a marca deixada por Giscard d’Estaig (...) acentuou a primeira alternativa¹⁷, enquanto que a recusa da aprovação popular deu ao governo inglês a oportunidade de acentuar a segunda opção¹⁸ com a abrangência das cláusulas anteriores de *opting-out*¹⁹”. (Moreira, 2008: 160)

“O futuro da União Europeia continua claramente em construção. Apesar de a Cimeira de Bruxelas de dezembro (2003) não ter chegado a um acordo final, devemos não esquecer que a conferência intergovernamental continua”²⁰. Texto de António Vitorino, na altura Membro da Comissão Europeia responsável pela Justiça e Assuntos Internos e Membro da Convenção Europeia e da Conferência Intergovernamental.

Ficamos assim a saber, que a tentativa de se criar uma Constituição Europeia fracassou, apesar de esta ter de ser vista como uma reforma da União Europeia. A “Convenção sobre o Futuro da Europa”, a Cimeira de Bruxelas, foi na prática um fórum por não estar prevista nos tratados europeus.

Entende-se por Constituição, segundo António Vitorino no mesmo texto, “(...) limita o poder e estabelece uma direcção para o projecto político que se pretende criar; esta Constituição simboliza, pois, uma renovação do contrato político com os cidadãos. Assegura (...) a diversidade dos povos que compõem a União, porque a União não é apenas de Estados, mas também, e sobretudo, de cidadãos”²¹.

¹⁷ ampliação federalista sonhada por Jean Monnet

¹⁸ “(...) mais partidária da união, e da coesão democrática dos governos (...) sem afetar excessivamente a sua liberdade de agir” (2008, p.1610).

¹⁹ expressão política canadense, alusiva às províncias e ao governo federal nas relações constitucionais

²⁰ Disponível em <infoeuropa.euroid.pt/files/database/000015001-000020000/000018195.pdf>

²¹ Idem, p. 14

António Vitorino conclui, apesar do fracasso da Cimeira de Bruxelas, que “é fundamental (...) atentar na “fusão de pilares” operada pela Constituição. Significa isto que termina o divórcio entre o primeiro, segundo (política externa e de segurança comum) e terceiro (cooperação policial e judiciária em matéria penal) pilares, fonte de complicação e confusão”²².

Nesta perspetiva e, numa analogia a Monnet, prosseguimos para o princípio da discussão, importa assim referir os objetivos de estudo. Estes definem e caracterizam as variáveis e a determinação da formulação das hipóteses desse mesmo estudo. Assim, devemos enunciá-los em termos de objetivos:

1. Apurar o grau de satisfação dos cidadãos europeus na atualidade relativamente à economia, política, sociedade e justiça da União Europeia;
2. Conhecer, de uma forma geral, se os cidadãos europeus estão ou não contentes com as instituições europeias e, em comparação, com as instituições nacionais;
3. Verificar através dos dados analisados se os cidadãos europeus acreditam no projeto europeu (político, económico e social);
4. Averiguar os sonhos ou os desencantos dos cidadãos europeus do rumo governativo da União Europeia;
5. Determinar o grau de sensibilidade e interesse dos cidadãos europeus sobre o futuro da Europa;
6. Apurar os dados da opinião pública na União Europeia;
7. Detectar o sentido da cidadania europeia e os efeitos da crise económica e financeira nas opiniões pública europeia.

Neste sentido, importa referir a metodologia da investigação, sendo uma proposta a deduzir das conclusões da investigação. Assim, a metodologia da investigação a utilizar é qualitativa e quantitativa, numa tentativa de triangulação de dados e de triangulação metodológica. A primeira, descritiva, abrange a análise de informação dos diversos dados que incluem documentos escritos pessoais e oficiais, memórias, fotografias e gravações

²² Idem, p. 15

video (fontes primárias e secundárias), evidenciadas no segundo capítulo desta dissertação. A segunda, experimental, objeto de estudo neste capítulo, pressupõe a generalização de resultados a uma determinada população em estudo através de amostra (eurobarómetros), na tentativa de estabelecer relações de causa-efeito e, por outro lado, prever fenómenos.

Importa ainda salientar que os eurobarómetros, ferramentas da UE na forma de aferir, analisar e publicar resultados por inquérito, são instrumentos metodológicos de comparação longitudinal.

Sendo estas ferramentas importantes e indispensáveis à elaboração desta dissertação, de declarar as suas fragilidades, como qualquer outra fonte de investigação, não que sejam débeis na sua amostragem, rigor ou cientificidade, mas mais por operacionalidade da sua execução, por via indireta e pela aleatoriedade da amostra utilizada.

Contudo, e porque são indispensáveis à UE, os eurobarómetros procuram por estudo comparado e por padrão qualitativo, observar e permitir analisar as tendências do pensamento do cidadão europeu, sendo esta a meta de avaliação de previsão e estudo de opinião.

Por fim, a(s) hipótese(s) da investigação. Estados Unidos da Europa? Será que o sonho de Jean Monnet para a Europa coincide na essência e na forma com a opinião pública dos cidadãos europeus?

3.1. A opinião pública da União Europeia — EB 81 / Spring 2014

O “Standard Eurobarometer 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION”, junho de 2014, coordenado pela Comissão Europeia, abrange a população das respetivas nacionalidades dos países da União Europeia, residente em cada um dos Estados-Membros e com 15 anos ou mais, os cinco países candidatos (a Antiga República Jugoslava da Macedónia, Turquia, Islândia, Montenegro e Sérvia) e a comunidade cipriota turca na parte do país não controlada pelo governo da República de Chipre.

A amostra de base aplicada é aleatória, sendo que o número de pontos de amostragem foi elaborado com probabilidade proporcional ao tamanho da população. Este inquérito Eurobarómetro padrão foi realizada entre 31 de maio e 14 de Junho 2014 em 34 países e territórios.

A metodologia utilizada é a dos inquéritos Eurobarómetro padrão de comunicação da Direção-Geral (“Strategy, Corporate Communication Actions and Eurobarometer”).

Importa também referir que no decurso desta investigação, a seleção dos países em análise, cingiu-se à média dos 28 países da União Europeia, aos países fundadores e a Portugal, cuja legendagem gráfica é: UE28, corresponde à média dos 28 países da União Europeia; DE, Alemanha; FR, França; IT, Itália; BE, Bélgica; NL, Holanda; LU, Luxemburgo e PT, Portugal. Esta legendagem segue a ordem UE28 DE FR IT BE NL LU PT, numa perspetiva de facilitar a leitura, observação e interpretação dos dados numa condição lógica, primeiro a UE, depois os países fundadores Alemanha, França e Itália, os países BENELUX e por fim Portugal.

Esta metodologia tem o enfoque os países fundadores da União como pedra angular da dissertação na comparação com a média europeia e Portugal, meu país, na procura do estudo dos diferentes dados em análise para aferir conclusão ou conclusões do ponto de partida ao longo do espaço-tempo, do pensamento europeu.

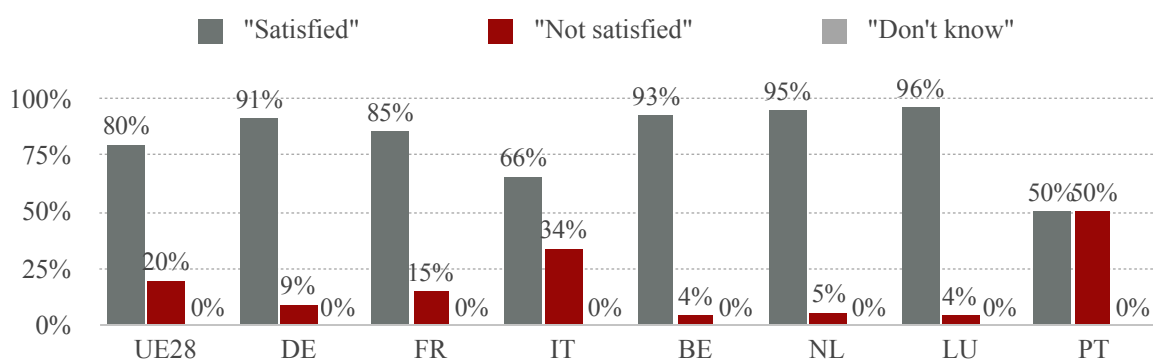
Também, é de referir que as questões de partida para análise são em inglês, não traduzidas para português para que com isso o rigor na análise evite erros ou lapsos. Figuram apenas algumas questões para análise do EB 81, de maneira a que o enfoque seja assertivo, objetivo e justo.

Neste EB 81, as questões relacionam-se com a opinião pública dos cidadãos europeus relativa à União Europeia, aspetos como vida, economia, qualidade de vida, política, democracia, instituições europeias, entre outras questões, como a Europa hoje e a Europa amanhã.

3.1.1. Viver na UE

On the whole, are you very satisfied, fairly satisfied, not very satisfied or not at all satisfied with the life you lead?

Gráfico n.º 1 — EB 81 Life in the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

A questão só por si é muito pertinente para medirmos o grau de satisfação dos inquiridos. Como podemos constatar no gráfico n.º1, o nível de satisfação dos cidadãos europeus é de 80%, sendo esta uma percentagem elevada se comparamos com os 20% da variável “Not satisfied”.

Numa segunda análise, constatamos que nos seis países fundadores da UE a percentagem de satisfação aumenta, como é o caso da Alemanha, França e dos Benelux. A própria Itália apresenta dados positivos sobre a questão em análise, apesar da atual conjuntura política, económica e social.

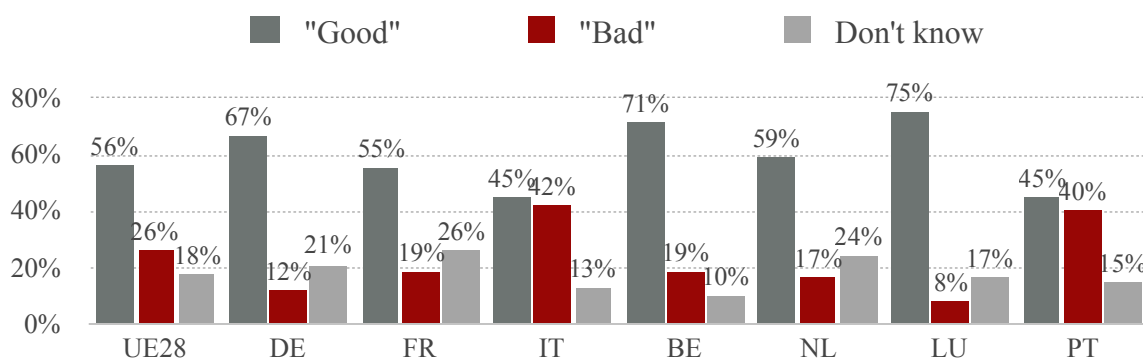
Ao contrário, em Portugal, as percentagens apresentam dados muito abaixo da média europeia e muito distantes do nível de satisfação dos países já referidos, estando bem explícita a divisão entre os portugueses face à questão em causa.

Curioso são os dados referentes à terceira variável “don’t know”, pois são declarados 0% de respostas. Apraz-nos dizer que para a questão em causa não existem dúvidas na respostas a dar pelos inquiridos.

Os países que colhem menos percentagem na variável “Not satisfied” com 4% são a Bélgica e o Luxemburgo, seguidos de perto pela Holanda com 5%. Portugal, como atrás referido, apresenta uns expressivos 50% de “Not satisfied”.

How would you judge the current situation in each of the following? Your personal job situation

Gráfico n.º 2 — EB 81 Life in the EU



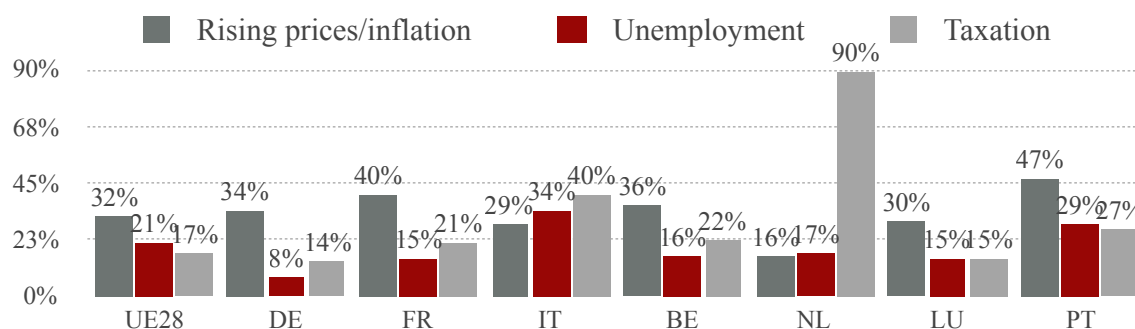
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Face à questão em estudo, Portugal e Itália apresentam dados negativos para a variável “Good”, ambos com 45%, a 11% da média europeia que é positiva, aproximando-se a percentagem da variável “Bad” com 42% e 40% respetivamente. Este indicador posiciona ambos países no outro lado da balança, sendo possível deduzir uma crise política, económica e social.

Ao invés, a média dos países em estudo é semelhante à média europeia, que, é de referir, os resultados muito positivos dos países Bélgica e Luxemburgo, com 71% e 75% respetivamente. Quanto às percentagens das respostas "Don't know" são consideráveis, destacando-se a França e a Holanda com 26% e 24% respetivamente. Apesar destes dados, ambos os países apresentam percentagens de 55% e 59% respetivamente para a variável “Good”. O país que parece ter menos dúvidas em responder à questão em estudo é a Bélgica com 10%.

And personally, what are the two most important issues you are facing at the moment?

Gráfico n.º 3 — EB 81 Life in the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Neste gráfico salta à vista os 90% de cidadãos holandeses que dão mais importância às taxas económicas e financeiras de forma indiscutível em comparação com os homólogos países em estudo.

Também a ordem de prioridades é contrária à média das prioridades da UE, sendo mais importante a inflação e os preços, o desemprego e só depois as taxas económico-financeiras.

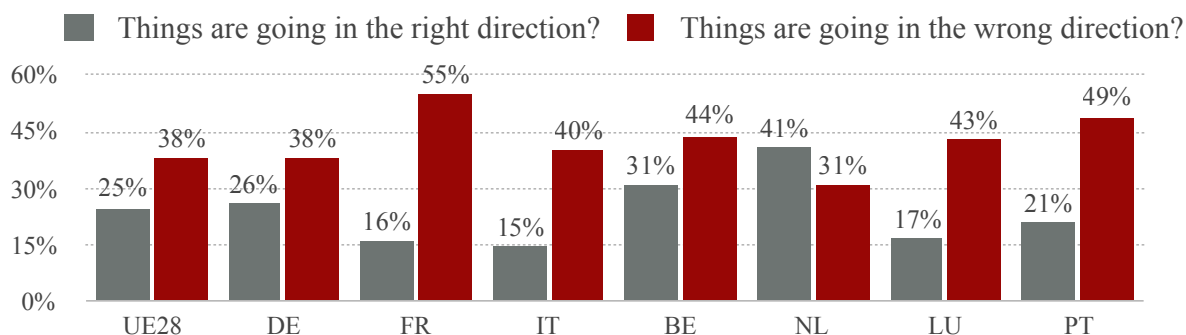
De referir que nenhum dos países tem a variável do desemprego como o principal problema a enfrentar. Mesmo assim, a Itália, Portugal e a média europeia a 28 apresentam percentagens de 34%, 29% e 21% respetivamente, sendo a segunda variável mais votada pelos inquiridos, logo a segunda maior preocupação destes.

Portugal, neste momento, dá importância de forma clara às questões económicas com uns expressivos 47%, ultrapassando este valor os valores dos países em comparação e em estudo.

A Alemanha, no que toca às prioridades face à questão, apresenta 8% de prioridades para a questão do desemprego, o que não deixa de ser relevante, pois pode a nós induzir que os cidadãos alemães não enfrentam este problema em grande escala, revelando estabilidade social e emprego.

The UE - things are going in the right direction?

Gráfico n.º 4 — EB 81 Life in the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Como podemos observar no gráfico 4 as percentagens são claras quanto à opinião dos europeus face à questão, sendo esta negativa para a UE 28 com percentagem de 38% em detrimento de 25%.

“The UE - things are going in the right direction?” Em todos os países em estudo, com a exceção da Holanda, apresentam dados superiores de respostas negativas face à questão.

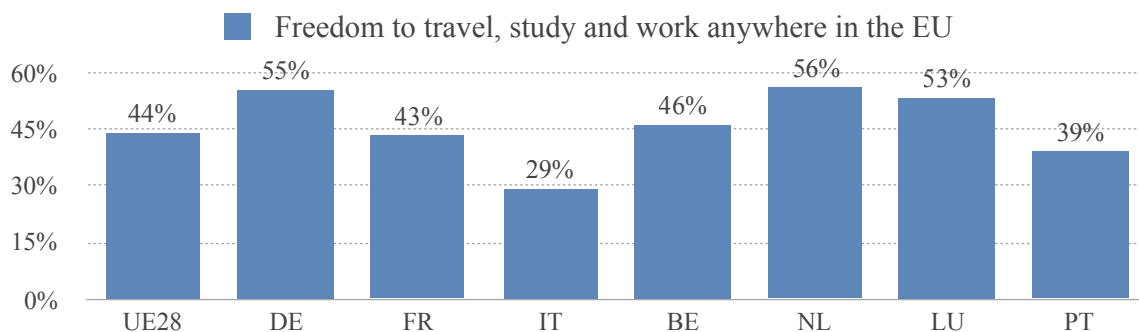
Portugal e França, são os países que mais declaram discrepâncias entre os resultados em análise, declarando sem quaisquer dúvidas, a sua negação, com 55% contra os 16% no caso francês e 49% contra 21% no caso português.

Ao que tudo indica a direção não está a ser a mais correta e, neste ponto em concreto, com a exceção da Holanda como atrás já foi referido, todos os países consideraram a variável “Things are going in the wrong direction”.

3.1.2. A UE e os seus cidadãos

What does the EU mean to you personality?

Gráfico n.º 5 — EB 81 The EU and its citizens

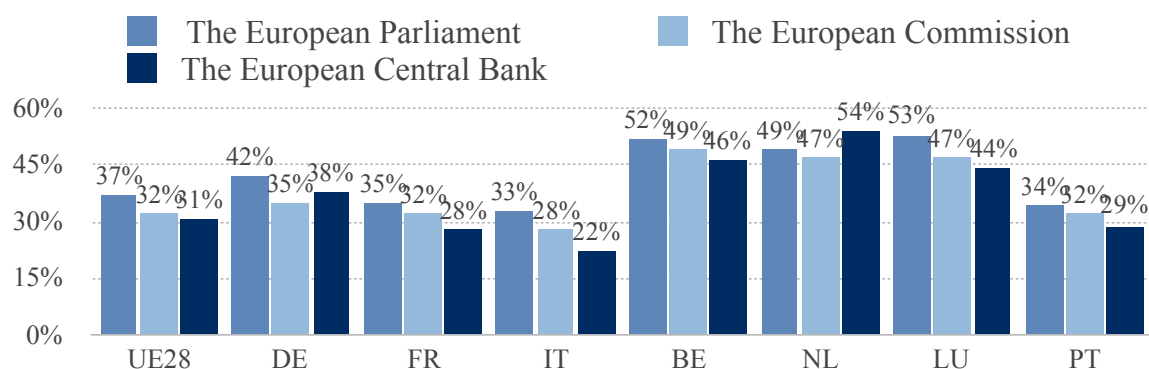


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Neste gráfico constatamos que a Itália, com 29% e Portugal, com 39%, apresentam uma percentagem inferior à média europeia de 44% e, no caso dos países fundadores, é superior, com a França a ficar perto da média europeia, com 43%. A liberdade para trabalhar, estudar e viajar na UE, representam na personalidade de holandeses e de alemães 56% e 55% respetivamente.

And please tell me if you tend to trust or tend not to trust European institutions

Gráfico n.º 6 — EB 81 The EU and its citizens



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Podemos aferir que de uma maneira geral, os países aproximam-se da percentagem da média da UE, ressaltando os países que compõem o Benelux que apresentam uma média superior sobre a confiança nas instituições da UE.

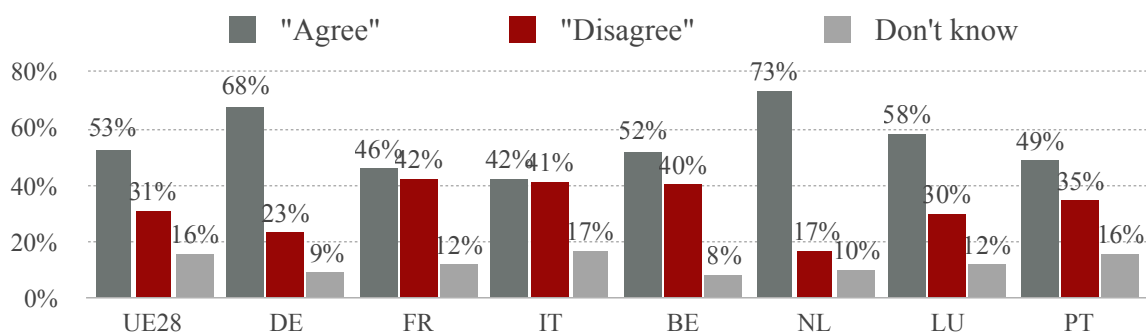
A Holanda, em contraste aos restantes países, declara a sua confiança primeiro no Banco Central Europeu, seguindo-se a Comissão Europeia e, em último lugar, confiança no Parlamento Europeu, revelando ordem contrária à dos restantes países comparados.

De uma maneira geral os países em estudo tendem a confiar mais no Parlamento Europeu, destacando-se o Luxemburgo com 53%. O país que mais confia na Comissão Europeia é a Bélgica e, por fim, o país que mais confia no Banco Central Europeu é a Holanda, como atrás já referido com 54%.

Podemos quase constatar que existe uma correlação estreita e ao que parece direta entre as preferências das nacionalidades dos inquiridos com as sedes das instituições estudadas, com a exceção do Banco Central Europeu cuja sede é na Alemanha, Frankfurt.

Globalization is an opportunity for economic growth

Gráfico n.º 7 — EB 81 The EU and its citizens



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Todos os países em estudo concordam que a globalização é uma oportunidade para que a economia cresça. O país que mais está de acordo com esta questão é a Holanda com 73%, secundada pela Alemanha com 68%.

Os países que mais discordam com a questão é a França e a Itália, com 42% e 41% respetivamente. A Itália, a esta questão, está completamente dividida. No caso lusitano, não

existem dúvidas, a globalização é uma oportunidade ao crescimento económico, apresentando a percentagem de 49% contra 35% que discordam que esta seja uma oportunidade económica.

A média europeia a 28 é muito idêntica à realidade nacional, apresentando a percentagem de 53% para a variável “Agree”, 31% para “Disagree” e 16% para “Don’t know”.

3.1.3. A UE hoje e amanhã

What is your opinion on each of the following statements? Please tell me for each statement, whether you are for it of against in. A common defence and security policy among EU member States



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

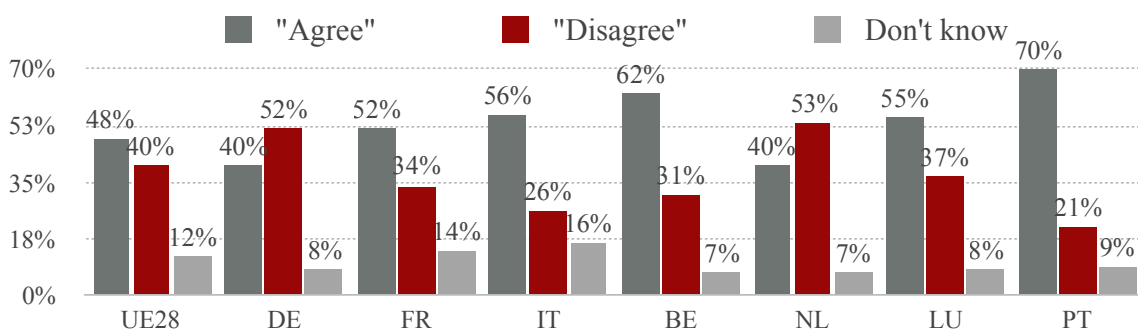
Para a questão: **What is your opinion on each of the following statements? Please tell me for each statement, whether you are for it of against in. A common defence and security policy among EU member States**, todos os países são de forma expressiva a favor da questão, sendo a média da UE 28 de 72% a favor, de 18% contra e de 10% não sabe.

É quase imperativo que a União Europeia apresente uma política de defesa e de segurança comum a todos e entre os Estados-Membros.

De referir ainda que as percentagens para a variável “Don’t know” apresenta dados percentuais muito baixos, sendo de 12% a mais elevada, e esta cabe a Portugal.

Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. More decisions should be taken at EU level

Gráfico n.º 9 — EB 81 The EU today and tomorrow



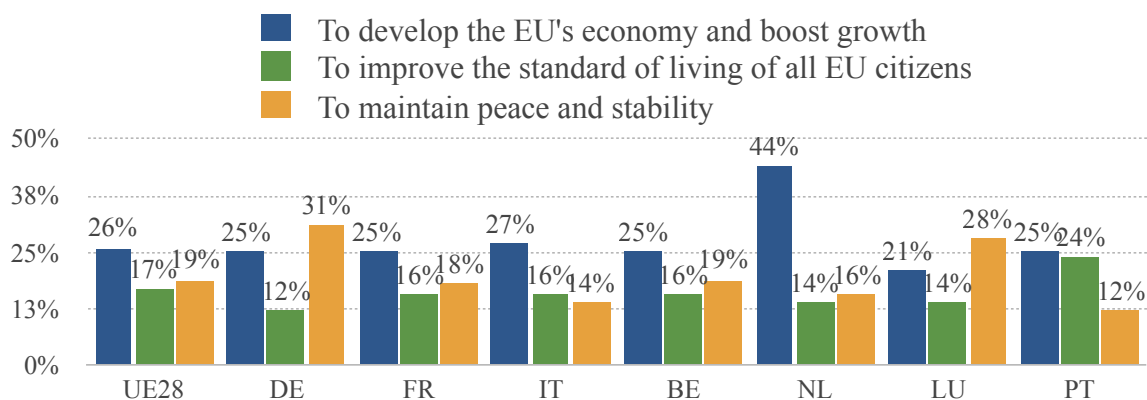
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Para a questão: **Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. More decisions should be taken at EU level**, todos os países são de maneira geral a favor da questão, sobressaindo Portugal com uns expressivos 70%.

No lado oposto, surge a Alemanha com 40%, sendo inferior a percentagem "agree" à percentagem "disagree" que evidencia uns 52%.

In your opinion, at the current time, whats is the main objective of the building of Europe?

Gráfico n.º 10 — EB 81 The EU today and tomorrow



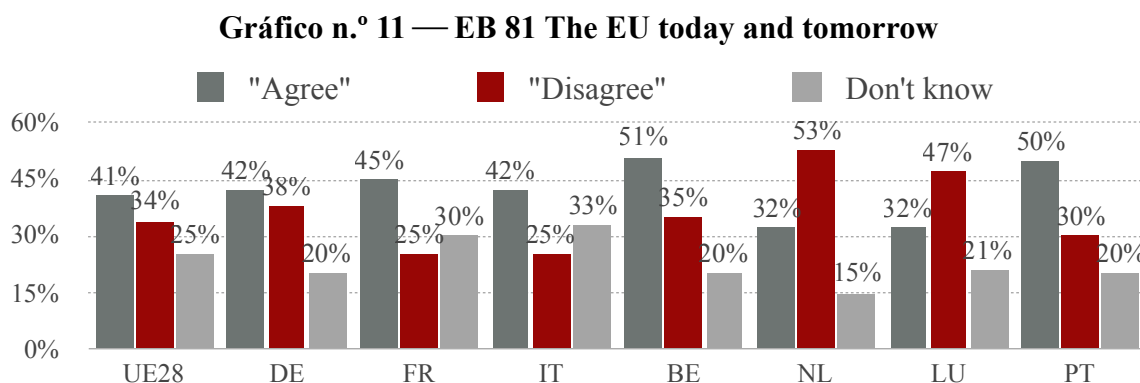
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Com a exceção da Alemanha e do Luxemburgo que apresentam uma percentagem superior para a paz e a estabilidade, todos os países coincidem com a média europeia, que dão preferência aos assuntos económicos e à vida standard dos cidadãos na UE.

A Holanda, reforça de forma destacada, a prioridade para os assuntos económicos, com uns claros 44% de preferência dos inquiridos. Neste gráfico podemos começar a aferir que a Alemanha dá muita importância à estabilidade e à paz na Europa e que a Holanda coloca o crescimento económico acima de tudo e de forma expressiva.

Já Portugal apresenta a percentagem de 12%, sendo esta a mais baixa dos países em estudo para a variável “To maintain peace and stability”.

Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. The EU should develop further into a Federation of Nation States



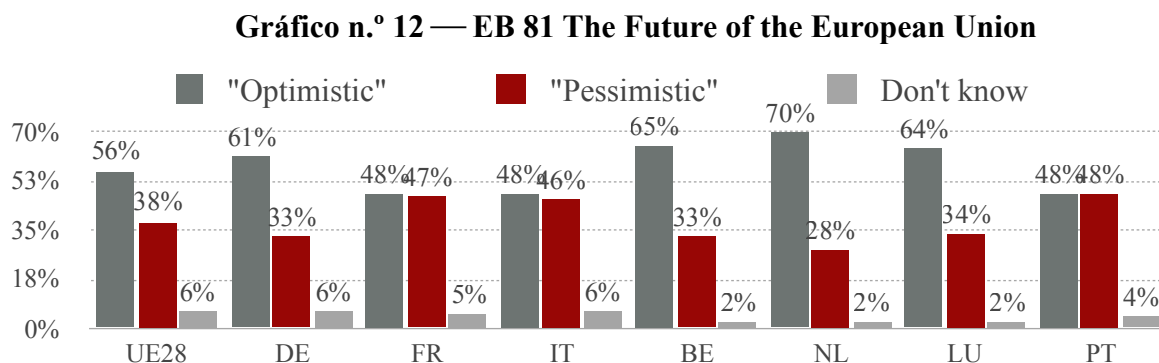
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Face à questão, no gráfico n.º 11 os resultados são inequívocos quanto à orientação que os países europeus em estudo pretendem para o futuro da UE, todos, com a exceção da Holanda e do Luxemburgo, concordam em se desenvolver uma "Federation of Nation States".

Portugal, Bélgica e França apresentam dados consistentes, enquanto a Alemanha, a diferença entre o concordar e o discordar é de 4%. A média europeia, é também favorável ao concordar com uma "Federation of Nation States". Destaque ainda para as percentagens

sobre as respostas "Don't know", que apesar de serem manifestamente inferiores às restantes variáveis, são uma realidade.

Would you say that you are very optimistic, fairly optimistic, fairly pessimistic or very pessimistic about the future of the EU?



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Os europeus acham-se otimistas de uma maneira geral quanto ao futuro da UE. Portugal, França e Itália estão divididos quanto à questão, apesar de nestes últimos países, o otimismo vence o pessimismo por 1% e 2% respetivamente. A média europeia não deixa quaisquer dúvidas, os europeus estão otimistas quanto ao futuro da UE.

Em conclusão, o EB 81 revela que embora a maioria dos entrevistados apresentem uma inclinação negativa sobre a situação económica, tanto a nível nacional como a nível da Europa, bem como sobre o tema do desemprego, o pessimismo sobre o futuro diminuiu acentuadamente no que diz respeito não só a situação pessoal dos europeus, mas também às perspectivas económicas tanto a nível nacional como a nível da UE.

Questões económicas ainda são o ponto fulcral das preocupações a nível pessoal, nacional e europeu e a confiança nas instituições nacionais continua a ser muito limitada, apesar dos níveis de confiança melhorarem. Embora não seja realmente possível falar de otimismo exacerbado, opiniões e percepções do futuro revelam que os europeus estão mais calmos relativamente a este indicador, estando conscientes dos caminhos a percorrer.

3.2. Cidadania Europeia — EB 81

O “Standard Eurobarometer 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP”, junho de 2014, coordenado pela Comissão Europeia, abrange a população das respetivas nacionalidades dos países da União Europeia, residente em cada um dos Estados-Membros e com 15 anos ou mais, os cinco países candidatos (a Antiga República Jugoslava da Macedónia, Turquia, Islândia, Montenegro e Sérvia) e a comunidade cipriota turca na parte do país não controlada pelo governo da República de Chipre.

A amostra de base aplicada é aleatória, sendo que o número de pontos de amostragem foi elaborado com probabilidade proporcional ao tamanho da população. Este inquérito Eurobarómetro padrão foi realizada entre 31 de maio e 14 de junho de 2014 em 34 países e territórios.

A metodologia utilizada é a dos inquéritos Eurobarómetro padrão de comunicação da Direcção-Geral (“Strategy, Corporate Communication Actions and Eurobarometer”).

Importa também referir que no decurso desta investigação, a seleção dos países em análise, cingiu-se à média dos 28 países da União Europeia, aos países fundadores e a Portugal, cuja legendagem gráfica é: UE28, corresponde à média dos 28 países da União Europeia; DE, Alemanha; FR, França; IT, Itália; BE, Bélgica; NL, Holanda; LU, Luxemburgo e PT, Portugal. Esta legendagem segue a ordem UE28 DE FR IT BE NL LU PT, numa perspetiva de facilitar a leitura, observação e interpretação dos dados numa condição lógica, primeiro a UE, depois os países fundadores Alemanha, França e Itália, os países BENELUX e por fim Portugal.

Esta metodologia tem o enfoque os países fundadores da União como pedra angular da dissertação na comparação com a média europeia e Portugal, meu país, na procura do estudo dos diferentes dados em análise para aferir conclusão ou conclusões do ponto de partida ao longo do espaço-tempo, do pensamento europeu.

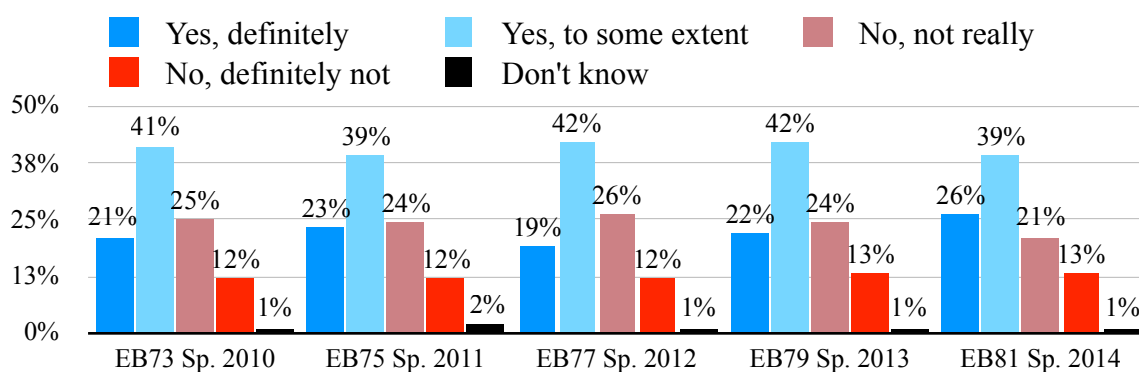
Também, é de referir que as questões de partida para análise são em inglês, não traduzidas para português para que com isso o rigor na análise evite erros ou lapsos. Figuram apenas algumas questões para análise do EB 81, de maneira a que o enfoque seja assertivo, objetivo e justo.

Neste EB 81, as questões relacionam-se com a cidadania europeia bem como aspetos benéficos de índole variada, valores e resultados da União Europeia. É um eurobarómetro que procura responder e dar a conhecer os resultados dos inquéritos realizados aos cidadãos europeus no que toca à palavra, à voz, ao eco da cidadania vista aos olhos destes.

3.2.1. Cidadania europeia

You feel you are a citizen of the UE?

Gráfico n.º 13 — EB 81 European Citizenship



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

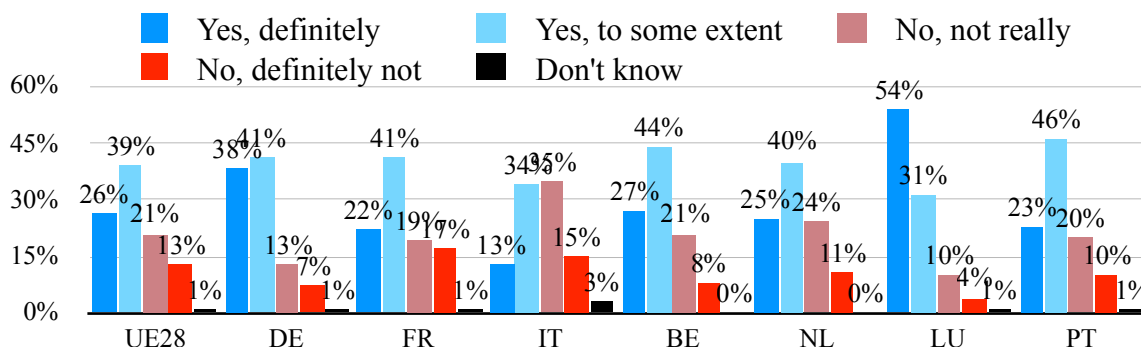
Se analisarmos a primeira variável, "yes, definitely", de 21% em 2010, passa para uns claros 26% em 2014. Podemos então constatar que os europeus tendem a considerar-se mais cidadãos da União Europeia.

Quanto à segunda variável, é aquela que atinge maior percentagem por parte dos inquiridos, variando 2% de 2010 a 2014, baixando de 41% para 39%.

A terceira variável "No, not really" veio diminuir de 25% para 21% em 2014 e, a quarta variável, manteve-se praticamente inalterada, subindo nos quatros anos 1%, sendo 13% em 2014.

You feel you are a citizen of the UE?

Gráfico n.º 14 — EB 81 European Citizenship



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Nesta análise, agora específica de cada país, se para a primeira variável o Luxemburgo destaca-se com uns expressivos 54%, no lado oposto, surge a Itália com uns 13%, com “No, not really”.

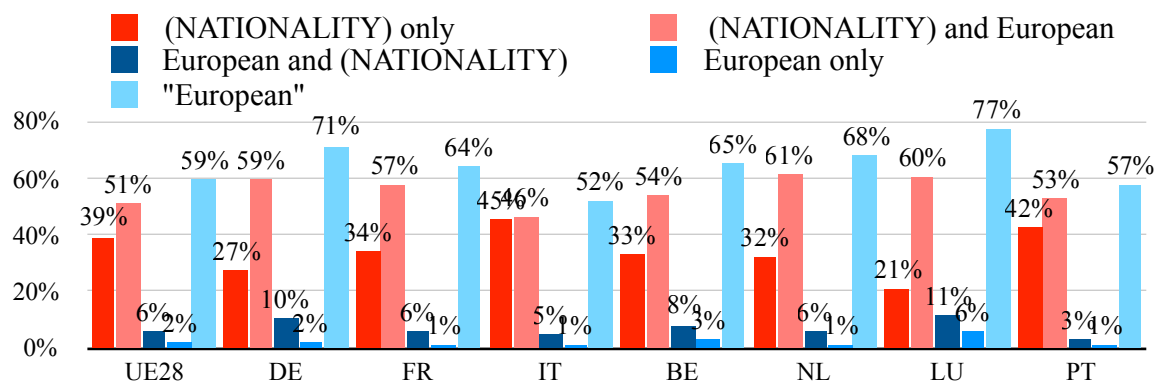
No que diz respeito à segunda variável, o país que mais se destaca é Portugal com 46%. Já por sua vez, o Luxemburgo declara 31%.

A terceira variável, “No, not really”, todos os países, com a exceção da Holanda que apresenta 24% das respostas, aproximam-se da média europeia, 21%. Para a quarta variável, “No, definitely not”, a França e a Itália destacam-se com 17% e 15% respetivamente, aproximando-se da média europeia 13%.

Os restantes países, no que toca a esta variável, estão abaixo da média europeia. Destaca-se, como já foi referido anteriormente, o Luxemburgo, em que os seus cidadãos não têm qualquer dúvida em sentirem-se cidadãos europeus.

The sense of European citizenship compared with national citizenship - EB81
Sp.2014

Gráfico n.º 15 — EB 81 European Citizenship



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Neste gráfico, sem exceções, todos os países e em consonância com a média europeia, consideram-se "European", sendo esta de 59%.

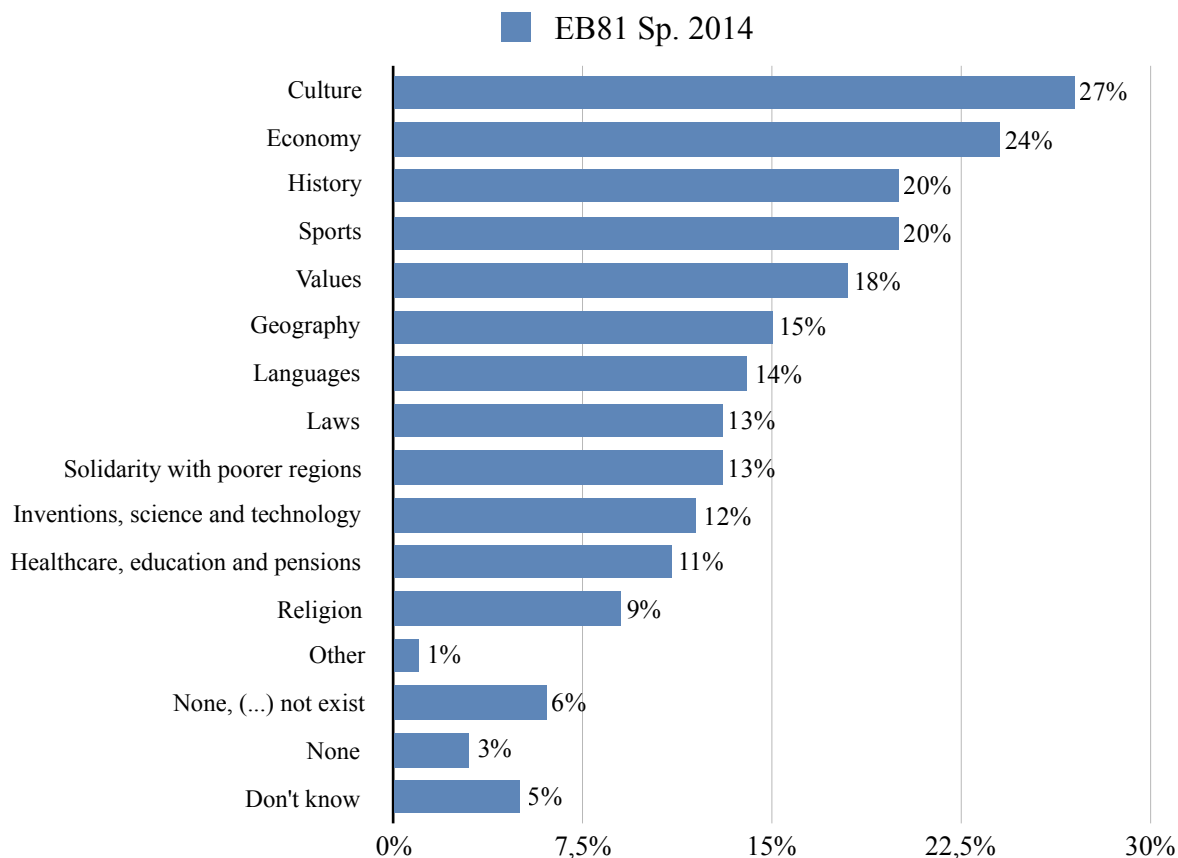
Se para esta variável não existe contestação, surge em segunda maior percentagem a variável "(NATIONALITY) and European", muito idênticas à média europeia 51%.

Quanto à variável "(NATIONALITY) only", a Itália e Portugal destacam-se consideravelmente dos restantes países com 45% e 42% respetivamente, sendo a média europeia de 39%.

Do lado oposto, está o Luxemburgo e a Alemanha com 21% e 27% respetivamente. Quanto à variável "European only", a percentagem é próxima ou igual à média europeia, 2%.

In your opinion, among the following issues, which are those that most create a feeling of community among EU citizens - EB 81 Sp.2014-1

Gráfico n.º 16 — EB 81 European Citizenship

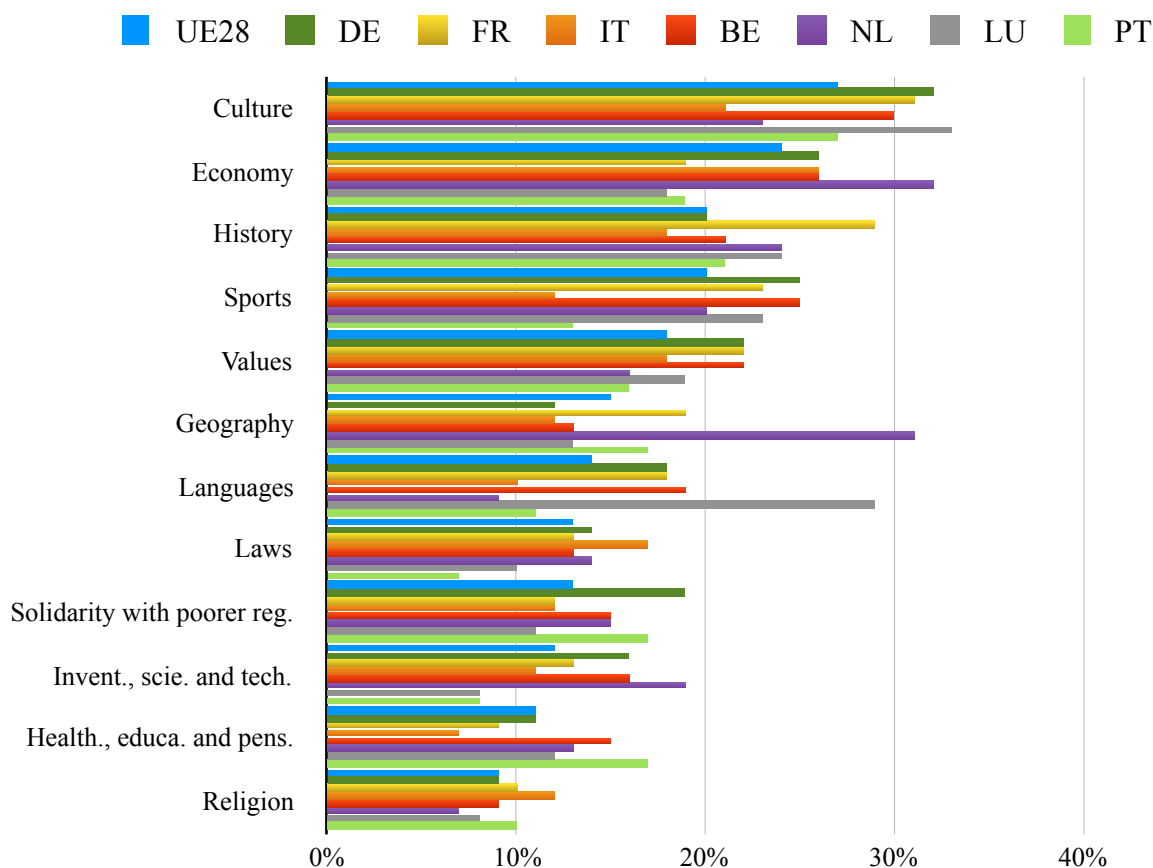


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Podemos observar que 27% dos cidadãos europeus responderam “Culture”, 24% “Economy”, 20% History, 20% “Sports”, 18% “Values”, 15% Geography e 14% Languages, sendo que a variável que colheu menos percentagem na resposta à questão foi a “Religion”, com 9%. Percebemos então que os cidadãos europeus dão mais importância à cultura, à economia e à história entre os Estados-Membros da União Europeia, sendo estas as variáveis que mais criam sentimentos de comunidade entre os pares, entre os cidadãos.

In your opinion, among the following issues, which are those that most create a feeling of community among EU citizens - EB 81 Sp.2014-1

Gráfico n.º 17 — EB 81 European Citizenship



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

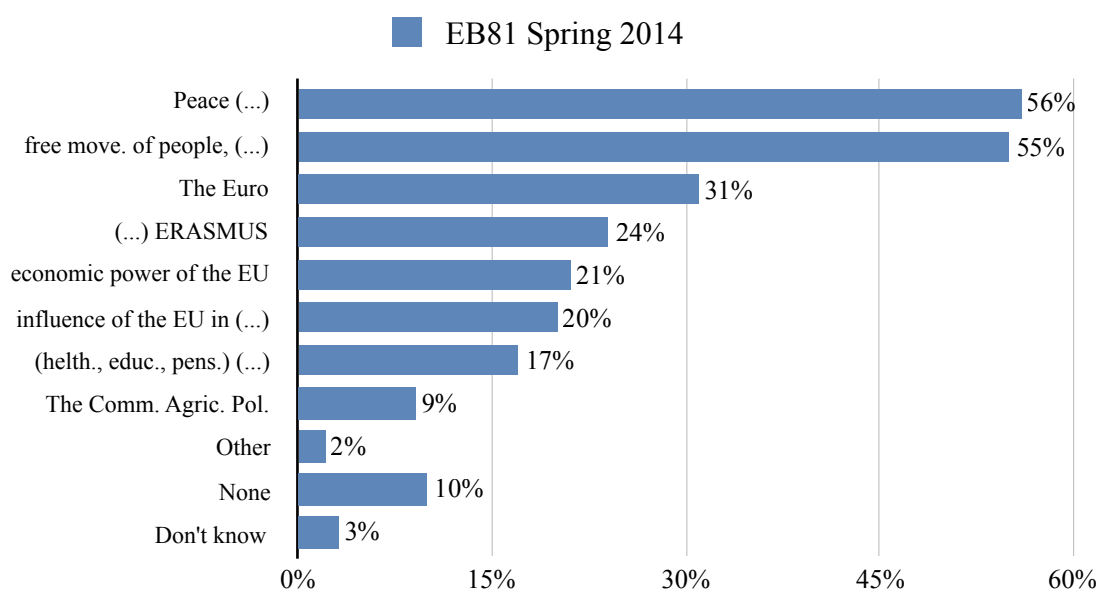
Podemos observar no gráfico n.º 17 que a Itália e Holanda dão preferência à "Economy" em detrimento à "Culture", sendo esta a segunda preferência. França, Portugal e o Luxemburgo, dão mais importância à "History" que à "Economy". Portugal e a Itália, colocam nas suas preferências à variável "Values" em detrimento do "Sports". Mas, os dados que mais nos chamam atenção são a variável espacial, a "Geography", de extrema importância para os holandeses que passa os 30% de respostas, muito próxima da variável "Economy". Outro dado interessante é o do Luxemburgo que, com quase 30% de respostas à variável "Languages" segue de perto a variável "Culture". O país que mais importância dá à variável "History" é a França, e à variável "Religion" é a Itália que ultrapassa os 10%

das respostas. Portanto, são estas as variáveis que mais laços criam sentimentos de comunidade entre os cidadãos da União Europeia.

3.2.2. Resultados e benefícios da UE

Which of the following are the most positive results of the EU?

Gráfico n.º 18 — EB 81 The results and perceived benefits of the EU



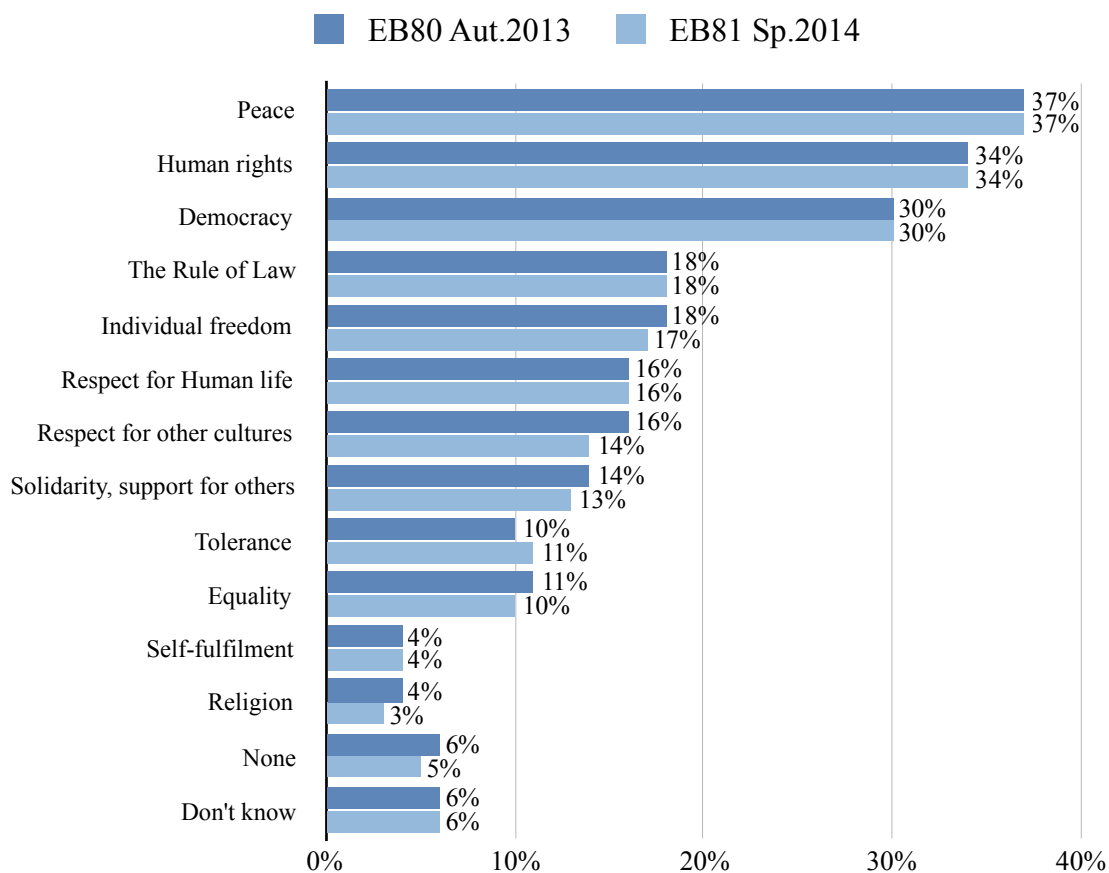
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Os europeus não têm dúvidas quanto à resposta a dar perante a questão em epígrafe. 56% dos cidadãos europeus escolhem "Peace among Member States of the EU" e 55% escolhem "The free movement of people, goods and services within EU". De salientar também que 31% responderam "The Euro". O programa "Erasmus" representa 24% das respostas dos cidadãos europeus. Parece não haver dúvidas quanto aos resultados mais positivos da União Europeia para os seus cidadãos e, sem quaisquer dúvidas, a paz e a liberdade de circulação de pessoas, bens e serviços, são indubitavelmente resultados expressivos que beneficiam os seus cidadãos. De referir que a variável em estudo sobre a influência da União Europeia no mundo surge apenas em sexto lugar das preferências dos seus cidadãos, com 20%. Concluimos que décadas sem guerras, terror ou destruição, são hoje para os cidadãos europeus condição *sine qua non*.

3.2.3. Os valores que melhor representam a UE

In the following list, which values best represent the UE?

Gráfico n.º 19 — EB 81 The values that best represent the EU

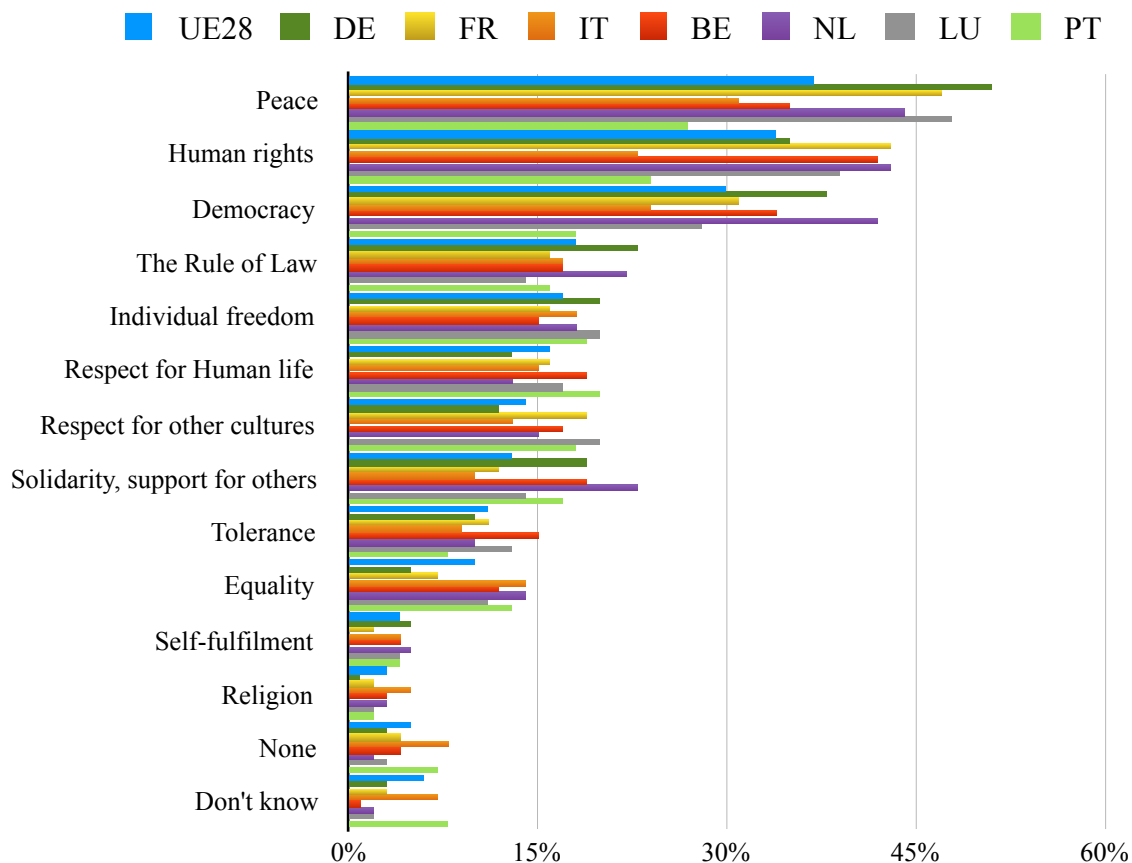


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

Observamos que as percentagens mantiveram-se quase na sua totalidade inalteradas entre os anos de 2013 e 2014. Numa segunda análise, em resposta à questão, surgem por ordem decrescente os seguintes temas: "Peace", "Human rights", "Democracy", "The Rule of Law", "Individual freedom", "Respect for Human life", "Respect for other cultures". As três primeiras variáveis destacam-se em relação às demais, com percentagens de 37%, 34% e 30% respetivamente. Como no gráfico anterior, os valores que melhor representam a União Europeia são a paz, os direitos humanos e a democracia, sendo estas variáveis pedras basulares da catedral europeia. Podemos aferir que os cidadãos europeus consideram estas variáveis aquelas que melhor representam a UE.

In the following list, which values best represent the UE?

Gráfico n.º 20 — EB 81 The values that best represent the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 81

O gráfico n.º 20 é a continuação do anterior, em que agora podemos observar em detalhe as preferências dos países em estudo. No que diz respeito à variável "Peace", a Alemanha com 51% e o Luxemburgo com 48%, são aqueles países que atribuem mais importância a esta variável, seguidos de perto pela Holanda que quase chega aos 45%. Por outro lado, Portugal surge na cauda destes países em análise com 27%. Quanto à variável "Human Rights", a França e os países que compõem os Benelux, apresentam percentagens superiores à média europeia, sendo a Itália e Portugal os países que apresentam percentagens mais baixas. A Holanda é o país que mais importância dá a "Solidarity, support for others", com percentagem superior a 23%, sendo que Portugal assume liderança na variável "Respect for other cultures" e a Bélgica, na variável "Tolerance".

3.3. A opinião pública na União Europeia — EB 40

O Eurobarometer 40 years, “Public opinion in the European Union — EB 40”, coordenado pela Comissão Europeia, teve como enfoque os pontos de vista dos europeus desde 1973, permitindo dar uma visão única sobre como opiniões e atitudes mudaram ao longo do tempo. O objeto de estudo do EB 40 são todos os Estados-Membros da União Europeia.

Esta metodologia tem como *Target* os países fundadores da União como pedra angular da dissertação na comparação com a média europeia e Portugal, meu país, na procura do estudo dos diferentes dados em análise, aferir uma conclusão ou conclusões do ponto de partida ao longo do tempo, espaço, do pensamento europeu.

Também, é de referir que as questões de partida para análise são em inglês, não traduzidas para português para que com isso o rigor na análise destes, evite erros ou lapsos. Figuram apenas algumas questões para análise do “Eurobarometer 40 years”, de maneira a que o enfoque seja assertivo, objetivo e justo.

Neste “Eurobarometer 40 years”, as questões relacionam-se com os efeitos da crise económica e financeira na opinião pública europeia, a identidade europeia, desafios e prioridades para a União Europeia, a democracia, a cidadania, comunicação, realizações e ativos da UE, a integração europeia, qualidade de vida na UE e, por fim, o futuro da Europa.

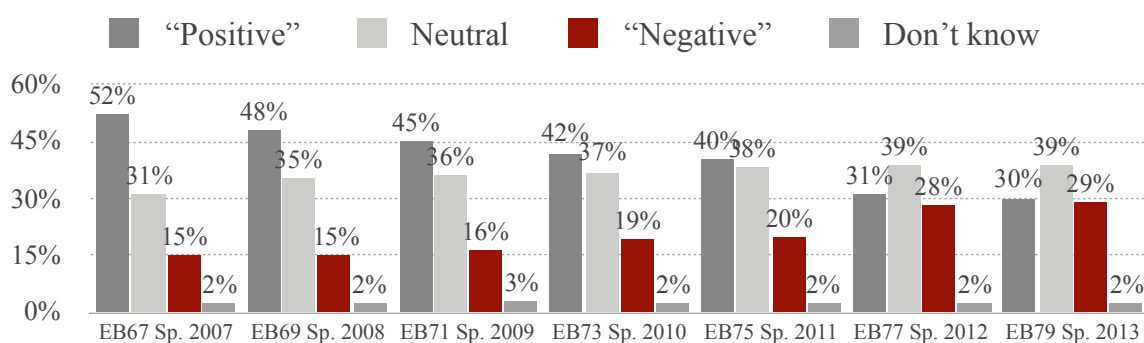
Este eurobarómetro pretende ser o culminar da investigação, pretendendo possibilitar perceber, aferir e deduzir dados explicativos do pensamento dos cidadãos europeus do projeto europeu, a União Europeia ao longo do tempo e em espaços que continuam a ser alargados.

Pretende assim ser quase que uma *prova dos nove*, num processo de identificação do pensamento dos europeus quanto ao caminho ou caminhos a seguir da Europa, se precisamos de uma renovação ou revolução, se estamos contentes com o rumo que vimos seguindo ou se é preciso mudar, alternar e reformar. Este eurobarómetro pretende ser a soma dos anteriores eurobarómetros aqui estudados, pretendendo assim responder às hipóteses formuladas neste estudo científico. Será que os cidadãos europeus pretendem uma Federação? Os Estados Unidos da Europa, esse sonho de Jean Monnet!?

3.3.1. Efeitos da crise económica e financeira na opinião pública europeia

How has the crisis affected the image of the EU?

Gráfico n.º 21 — EB 40 Effects of the economic and financial crisis
on european public opinion



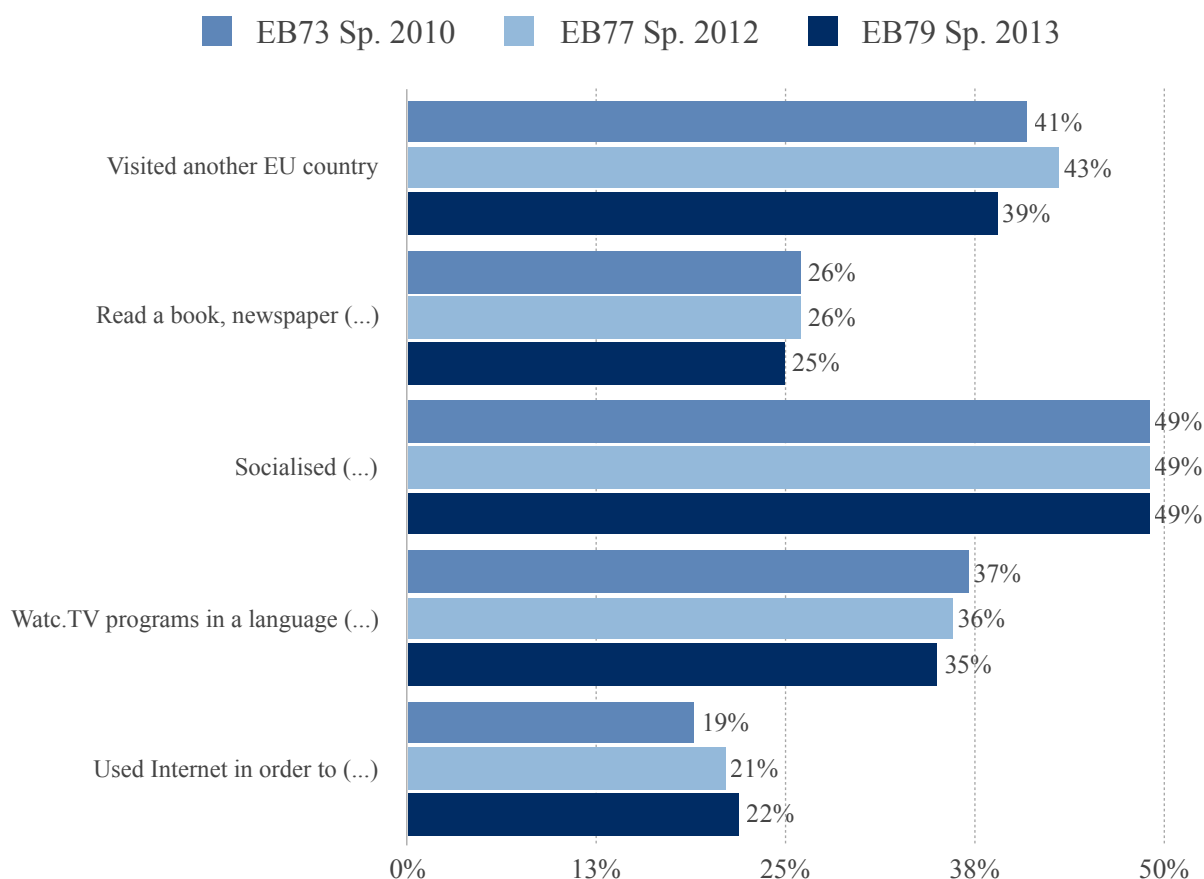
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Como podemos constatar no gráfico n.º 21 sobre como a crise afetou a imagem da UE, desde 2007, que os europeus pela variável "positive", tem vindo a diminuir, de 52% para 39%. Ao invés, a variável "Neutral" tem vindo a aumentar, de 31% passou para 39%. Já na variável "Negative", esta tem uma subida percentual algo acentuada desde 2007 a 2013, com 15% e 29% respetivamente. Podemos constatar que os europeus consideram que a crise económica afetou a imagem da UE, pois aumentou consideravelmente entre o período 2007 e 2013. No sentido inverso, o sentimento *positivo* sobre se a crise afetou a UE, sofreu uma diminuição considerável para o período em causa. Aliado a este indicador podemos também constatar que para os europeus a crise económica não tem grande influência na imagem da UE, sendo em 2013 a variável que mais respostas obteve com 39%. Apesar deste indicador, os europeus responderam sem hesitação à questão, pois os 2% da variável "Don't know" assim o demonstra. Aliás, esta variável manteve-se quase sempre inalterada de 2007 a 2013, sendo a exceção no ano de 2009 que atingiu os 3% das respostas.

3.3.2. Identidade europeia

How interested are Europeans in other EU countries?

Gráfico n.º 22 — EB 40 European identity



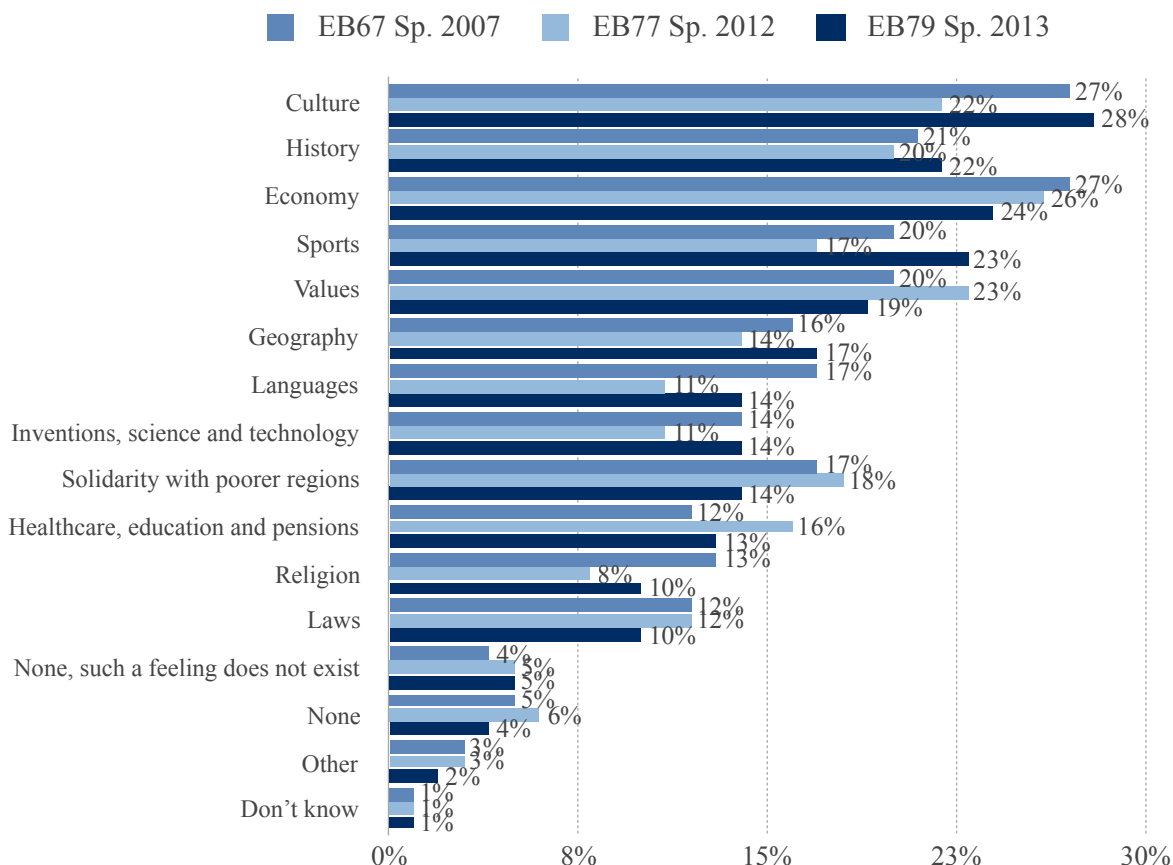
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Para os europeus, desde 2010 a 2013, as percentagens quase ou nada sofreram alterações. Dão especial importância à variável "Socialised with people from another EU country", com 49% das preferências. Em segundo lugar, surge a variável "Visited another EU country", com percentagens de 41%, 43% e 39% para os respetivos anos em estudo. Quanto a "Watched TV programs in a language other than your mother tongue" surge na terceira posição, com 35% em 2013. Ao que tudo indica, os cidadãos europeus dão especial importância à variável "Socialised with people from another EU country", sendo este o maior ponto de interesse dos cidadãos sobre os outros países membros da União, sendo a

diferença de 10 pontos percentuais em 2013 em comparação com a variável "Visited another EU country".

What really unites Europeans?

Gráfico n.º 23 — EB 40 European identity



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

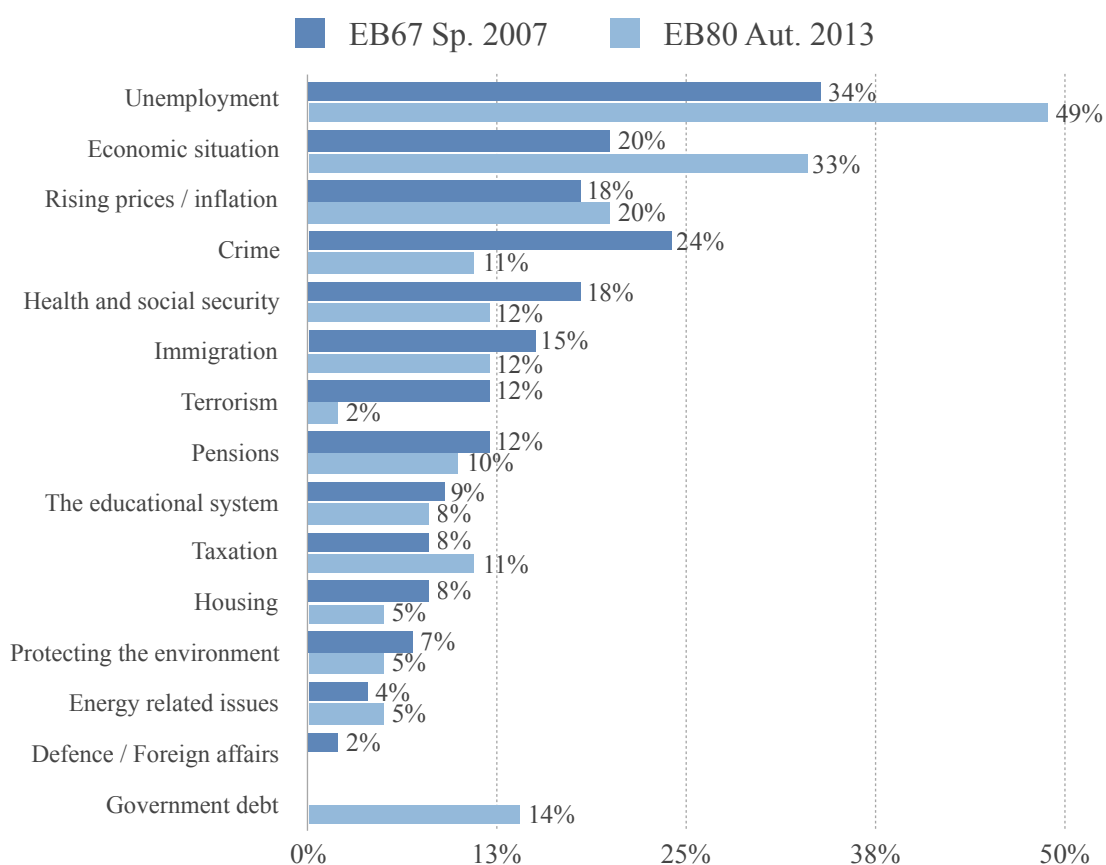
Para os europeus, o que realmente os une é, pelas percentagens observadas, a variável "Culture" 28%, "Economy" 24%, "Sports" 23% e "History" 22%. Abaixo dos 20%, surgem por ordem em 2013 as variáveis "Values", "Geography", "Languages", "Inventions, science and technology", "Solidarity with poorer regions", "Healthcare, education and pensions", "Religion" e "Laws", esta última com 10%. Face a esta questão em estudo para o período compreendido entre os anos de 2007 e 2013, os cidadãos

européus consideram-se unidos pela sua cultura, história, economia, desporto e valores, em média acima dos 20%. Abaixo desta percentagem surgem as restantes variáveis.

3.3.3. Desafios e prioridades da UE

What issues are Europeans most concerned about?

Gráfico n.º 24 — EB 40 Challenges and priorities for the EU



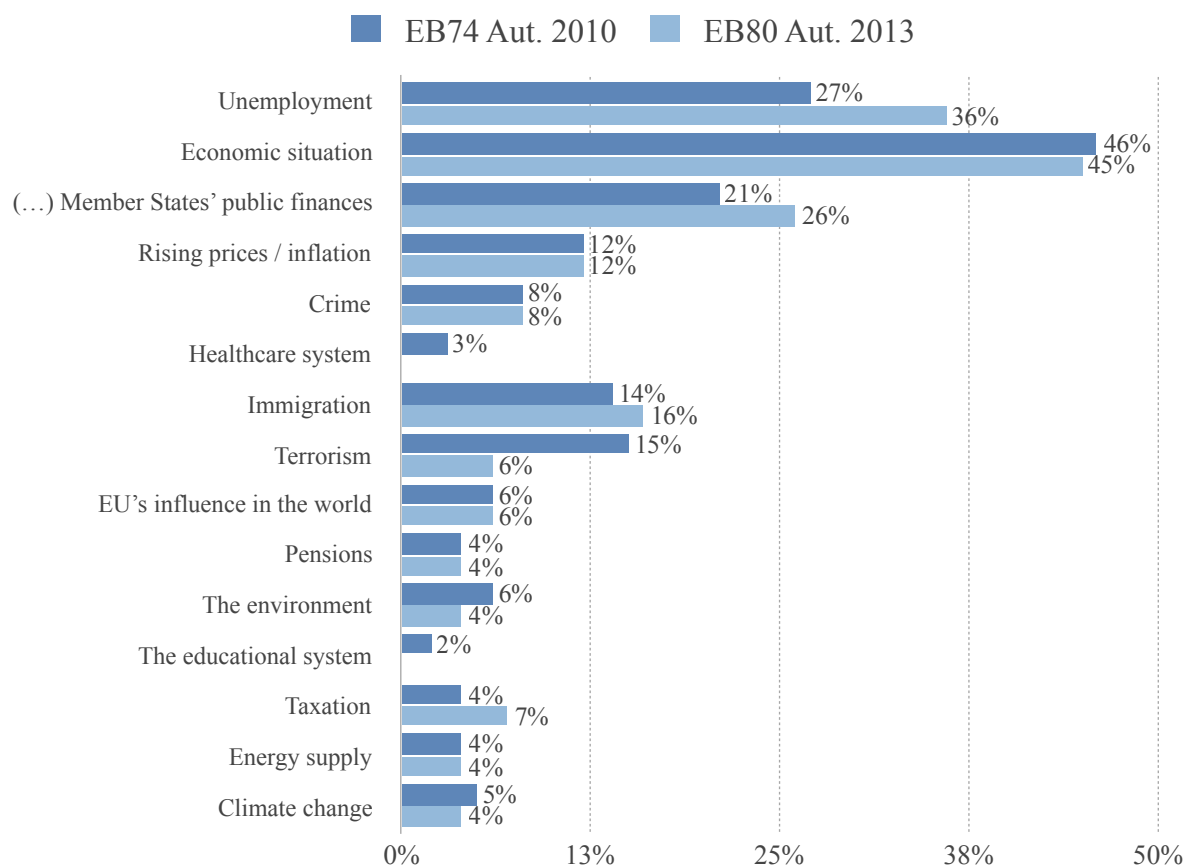
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Para os europeus a questão que mais os preocupa é o "Unemployment", sendo até, aquela variável que mais aumentou de percentagem entre 2007 e 2013, de 34% para uns expressivos 49%. A "Economic situation" é a segunda variável com maior percentagem, com 33%, ademais, aumentou em relação a 2007 13%. "Crime", é a terceira maior preocupação dos europeus em 2007 com 24%, baixando esse valor percentual para 11%,

deixando o pódio das preocupações dos cidadãos europeus. "Rising prices / Inflation" tornou-se a terceira variável com mais percentagem de respostas em 2013, 20%. De referir, e apenas com dados para o ano de 2013, que a variável "Government debt", com 14%, é a quarta mais votada. De facto, as questões da dívida pública dos governos é hoje uma preocupação absoluta dos cidadãos europeus. A "immigration" e "Health and social security", são as variáveis que apresentam percentagens em exêquo de 12%. O "Terrorism" tem uma queda percentual de 10% entre os anos de 2007 e 2013, deixando quase de ser uma preocupação em 2013.

What are the main issues facing the EU?

Gráfico n.º 25 — EB 40 Challenges and priorities for the EU

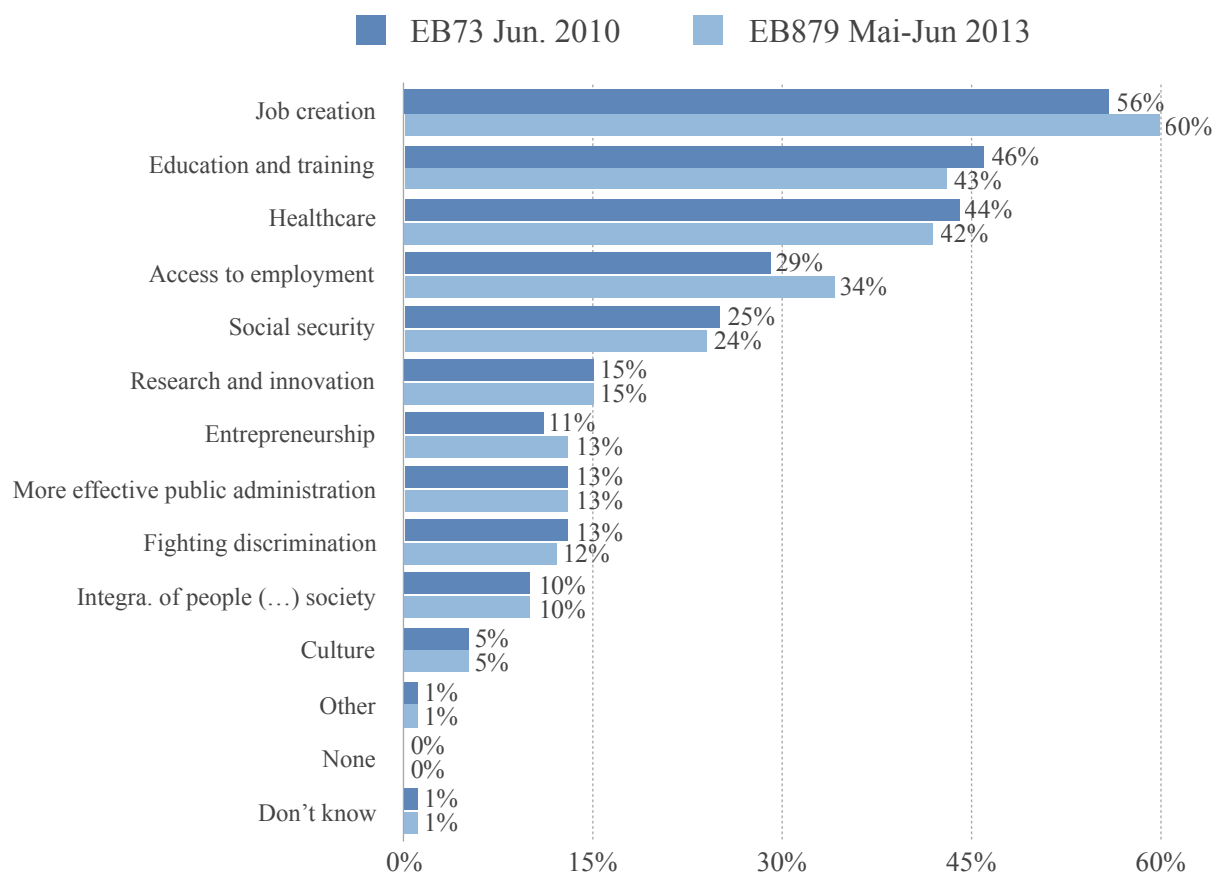


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

"Economic situation" com 45%, "Unemployment" com 36% e "The state of Member States' public finances" com 26%, são os principais problemas da UE em 2013. Tanto a segunda variável como a terceira, tiveram uma subida percentual de 9% e 5% respetivamente, enquanto que a primeira variável baixou 1% entre 2010 e 2013. De destacar também os dados percentuais da variável "Immigration" com 16%, sendo este também assunto de discussão atual da UE.

What are the priorities for the EU – and who should benefit?

Gráfico n.º 26 — EB 40 Challenges and priorities for the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

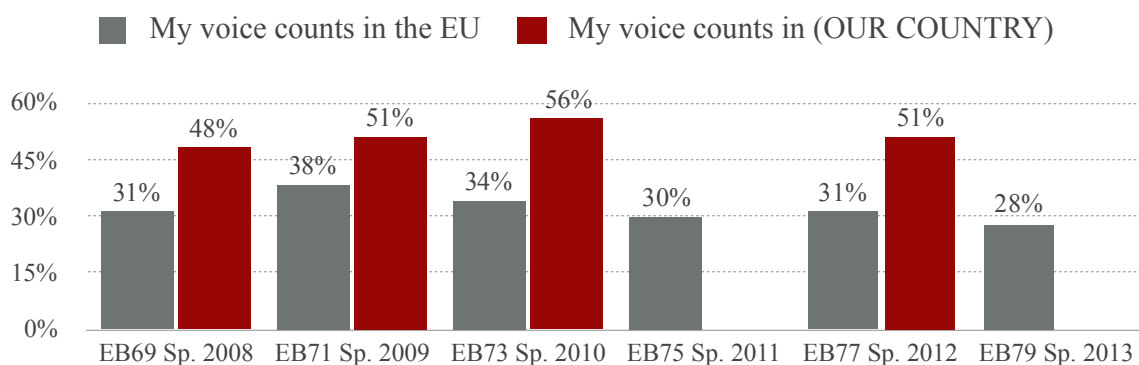
"Job creation" com 60%, surge de forma destacada em relação às outras variáveis, aumentando até 6% em 3 anos os seus valores. "Education and training", 43% e "Healthcare" com 42% no ano de 2013, são as segundas prioridades para a UE segundo os

européus. "Access to employment" subiu de 29% para 34%, sendo este indicador aquele que mais subiu em três anos. Do lado oposto, sem alteração de dados e com a percentagem mais baixa, a variável "Culture", com 5%. Estas respostas têm em conta as prioridades da União Europeia e quem mais beneficia com estas prioridades, que em primeiro caso são os próprios cidadãos europeus. Perante a explicação, não é surpresa a observação dos dados representados no gráfico n.º 24, sendo a criação de emprego a relação mais direta entre causa e efeito, prioridade e benefício.

3.3.4. Democracia na UE

Do EU citizens feel their voice counts?

Gráfico n.º 27 — EB 40 Democracy in the EU

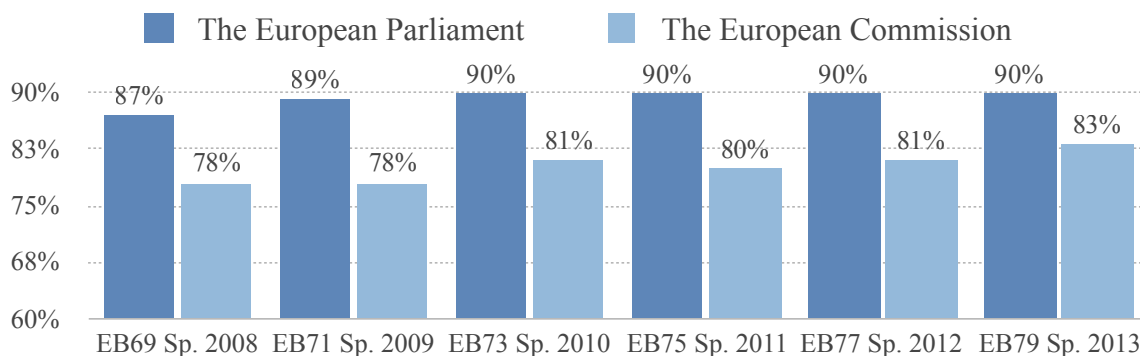


Autoria: Rui Pires, 2015 - baseado nos dados fornecidos do EB 40

"My voice counts in the EU" apresenta sempre percentagens inferiores a "My voice counts in (OUR COUNTRY)". Outra leitura é que a percentagem à variável "My voice counts in the EU" tem vindo a diminuir, de 31% em 2008, para 28% em 2013. Estes dados poderão exacerbar várias leituras. Uma das metas da União é que os seus cidadãos tenham voz dentro desta, daí este questionário e, os resultados, como podemos observar, não são animadores.

How well-informed are citizens about European issues?

Gráfico n.º 28 — EB 40 Democracy in the EU



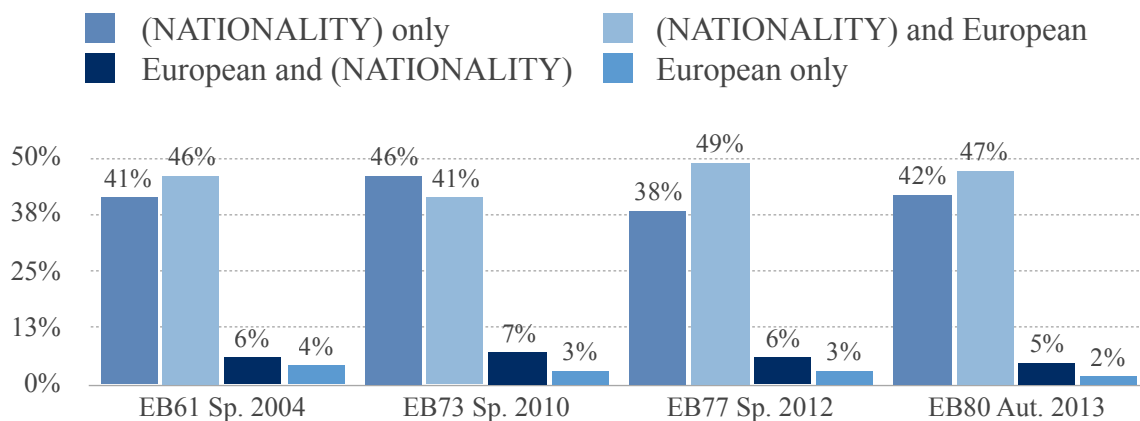
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Todas as percentagens cresceram para o período em análise relativamente às duas variáveis em questão. Também podemos observar que "The European Parliament" tem sempre uma percentagem superior em relação a "The European Commission", sendo em 2013 as percentagens de 90% e 83% respetivamente.

3.3.5. Cidadania na UE

How "European" do EU citizens feel?

Gráfico n.º 29 — EB 40 EU citizenship

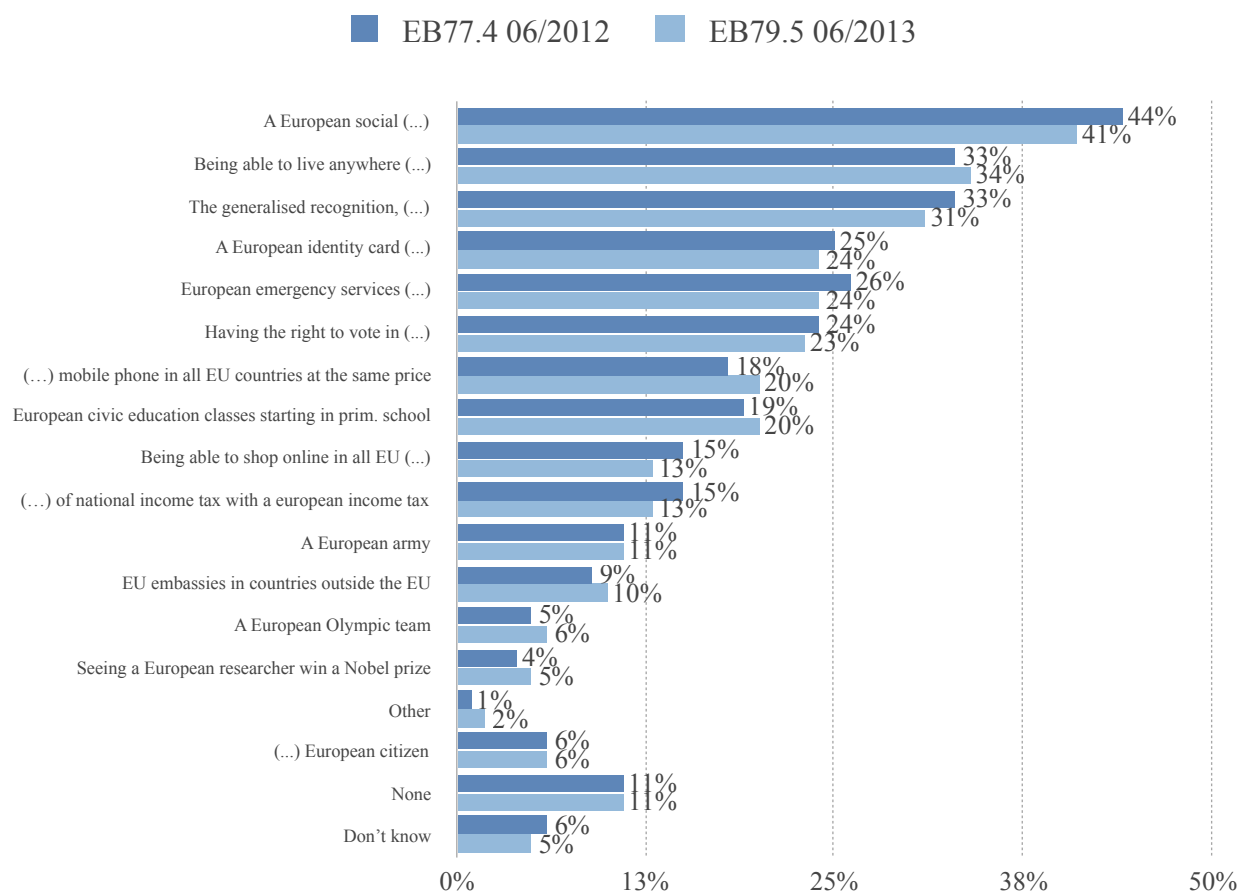


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

De uma maneira geral, "(NATIONALITY) and European", é a variável conjuntamente com "(NATIONALITY) only", que se destacam das demais. Se a primeira em 2004 apresenta a percentagem de 46% e 47% em 2013, a segunda apresenta 41% em 2004 e 42% em 2013. Manifestamente, as variáveis "European and (NATIONALITY)" e "European only", surgem com percentagens muito inferiores às duas primeiras, com 5% e 2% respetivamente em 2013. Estes dados são alusivos à média europeia e para o período temporal observado. Já anteriormente, neste capítulo e mais concretamente no gráfico n.º 15, pudemos observar e analisar os dados relativos aos países em estudo. Isto para dizer que, de forma geral, os dados aqui observados correspondem aos do gráfico já referenciado.

Does more harmonisation lead to a stronger feeling of EU citizenship?

Gráfico n.º 30 — EB 40 EU citizenship



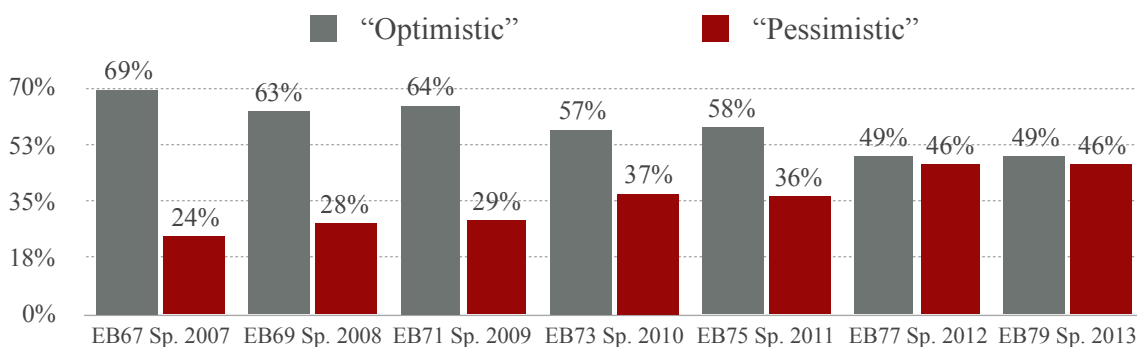
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Os cidadãos europeus declaram uns 41% em 2013 para "A European social harmonized between the Member States" como a principal variável à questão em epígrafe. Por ordem, "Being able to live anywhere in the EU after you retire and draw your pension there directly" com 34% e "The generalised recognition of national qualifications in every EU country, without fresh examinations" com 31%, são a segunda e terceira variáveis mais votadas pelos europeus. No lado oposto, com 6% e 5% respetivamente, surgem as variáveis "A European Olympic team" e "Seeing a European researcher win a Nobel prize". Não existem dúvidas quanto à questão em análise, os europeus dão de forma destacada preferência à variável que representa as questões sociais entre os Estados-Membros.

3.3.6. O futuro da Europa

Are Europeans optimistic about the future of the EU?

Gráfico n.º 31 — EB 40 The future of Europe

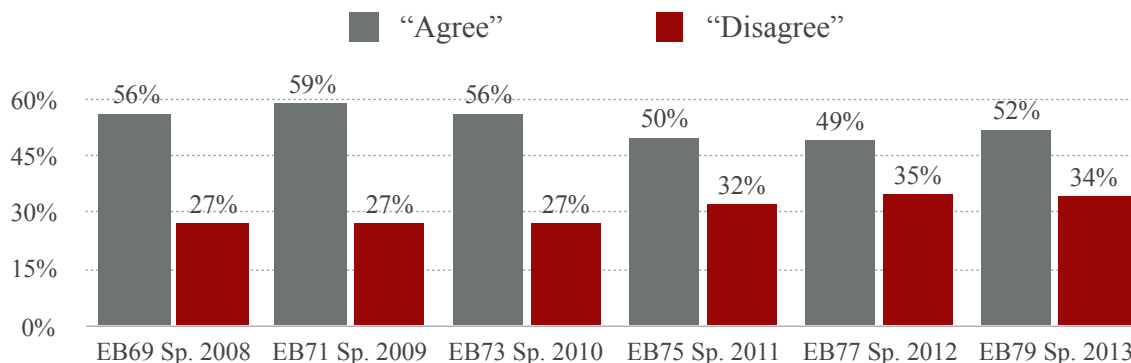


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

49% dos cidadãos europeus responderam que estão otimistas quanto ao futuro da União Europeia, 46% responderam que estão pessimistas, isto no ano de 2013. Estes dados sofreram alterações desde 2007. Se "Optimistic" em 2007 representava 69% contra 24% de "Pessimistic", a alteração até 2013 é oposta, pois a primeira variável desce em percentagem e a segunda variável aproxima-se, de forma evidente, da percentagem da primeira em 2013.

Do Europeans see globalisation as an opportunity or a threat?

Gráfico n.º 32 — EB 40 The future of Europe

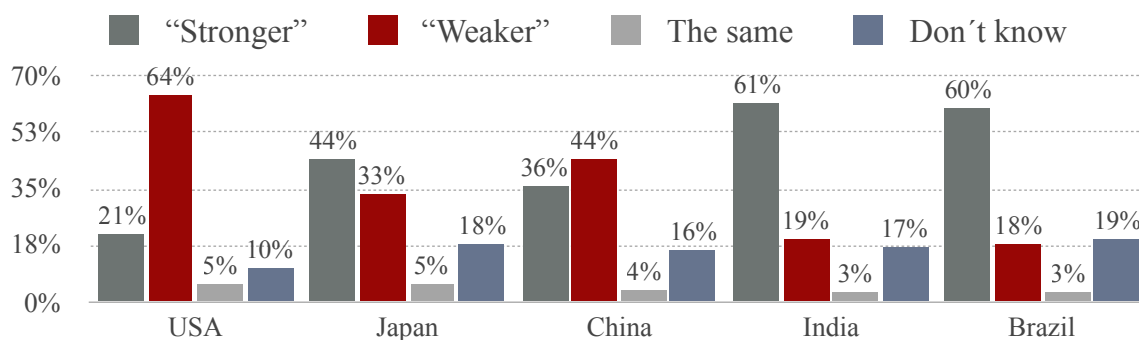


Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Também aqui, a percentagem para "Agree" tem vindo a diminuir desde 2008 a 2013, com 56% e 52% respetivamente. Por sua vez, em sentido inverso, a variável "Disagree" tem vindo a aumentar, de 27% em 2008, é de 34% em 2013. Apesar desta situação se verificar, a variável "Agree" é manifestamente superior em percentagem à variável "Disagree". Também neste caso, já no gráfico n.º 7 tínhamos observado esta questão em pormenor aos países em estudo e à média europeia, não havendo discrepâncias a salientar.

How strong is the EU's influence on the world stage?

Gráfico n.º 33 — EB 40 The future of Europe



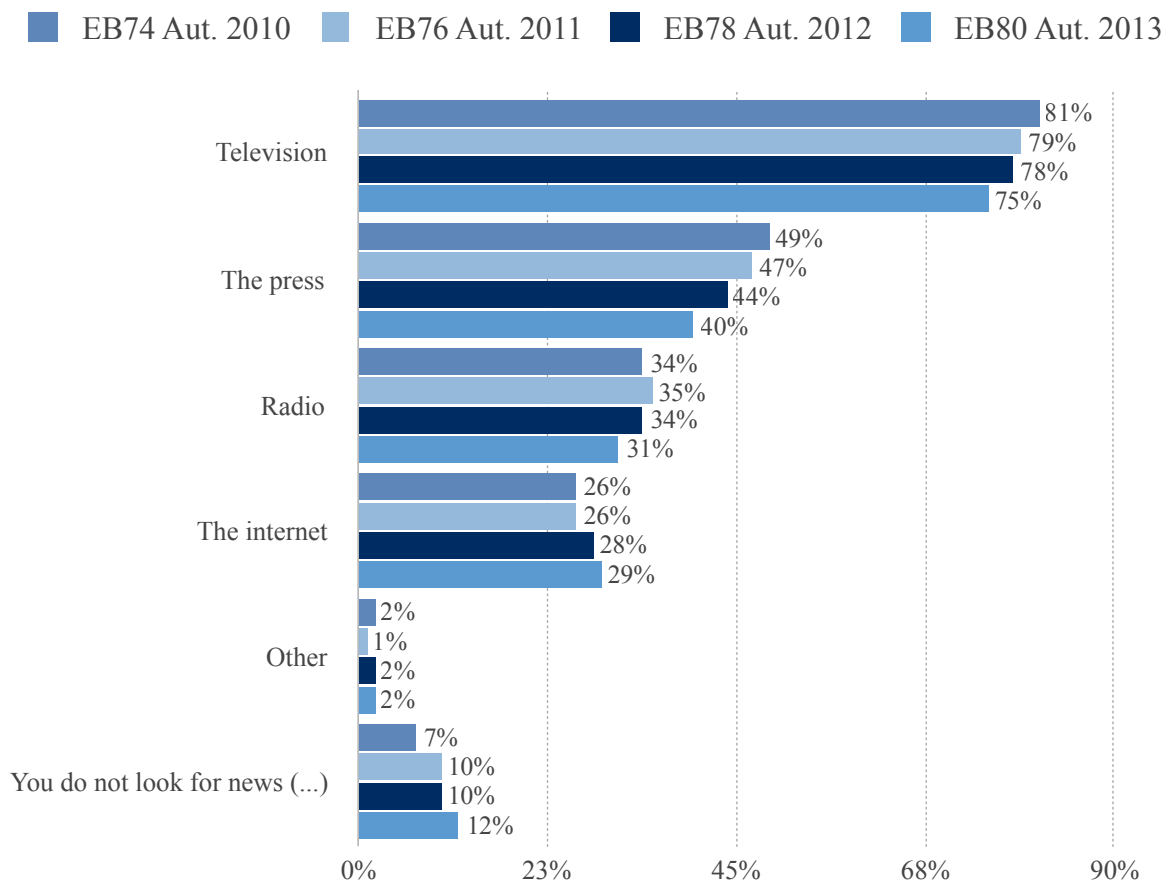
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Em relação ao Japão, Índia e Brasil, a UE é "Stronger", com 44%, 61% e 60% respetivamente. Relativamente aos USA e China, os cidadãos europeus consideram que a UE é "Weaker", com 64% e 44% respetivamente. Para ambos os casos, estas são as variáveis com maior percentagem, isto é, se nos países a variável com maior percentagem for "Stronger", então a segunda variável com maior percentagem é "Weaker". Ao invés, se a variável com maior percentagem é "Weaker", então a segunda variável com maior percentagem é "Stronger". A variável "The same", apresenta a percentagem mais baixa de todas, oscilando entre os 5% e os 3% consoante os casos. Deduzimos pelo gráfico em análise que não existem dúvidas na hora de os europeus responderem à questão em epígrafe.

3.3.7. Comunicação sobre a Europa

Where do EU citizens get their news on European political matters?

Gráfico n.º 34 — EB 40 Communicating Europe



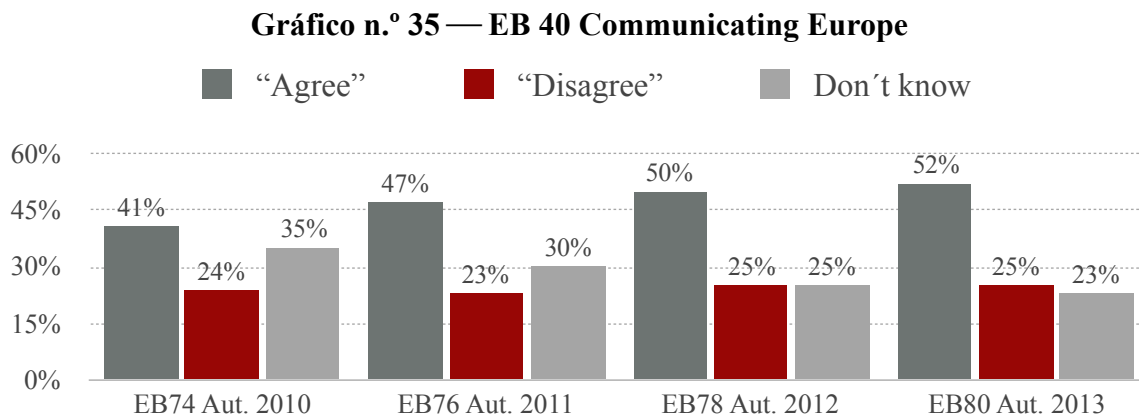
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Como podemos observar no gráfico, a "Television", é a principal fonte de informação, com 75% em 2013, seguida de "The press", 40%, a "Radio" 31%, a "Internet" 29%. A que mais baixou em termos percentuais entre 2010 e 2013 foi a primeira variável, de 81% para 75%.

A única variável que aumentou a sua percentagem, foi a "Internet", de 26% para 29%. Todas as outras também decresceram. Podemos então concluir que os europeus obtêm notícias de assuntos políticos europeus através da televisão de forma muito destacada. Também os jornais se destacam dos outros meios de comunicação, à frente da rádio e da internet.

O que mais nos surpreendeu na análise deste gráfico é não tanto a posição da internet mas a sua evolução percentual, de 26% em 2010 para 29% em 2013, 3% em quatro anos.

How is social media affecting citizens' engagement with The EU?



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

A variável "Agree" regista um aumento percentual entre os europeus de 41% para 52% para os anos de 2010 e 2013 respetivamente. A variável "Disagree", cresceu 1% de 2010 para 2013.

Um dado interessante é a percentagem que a variável "Don't know" apresenta, 35% em 2010 e 23% em 2013, diminuindo portanto. Apesar desta situação, os cidadãos

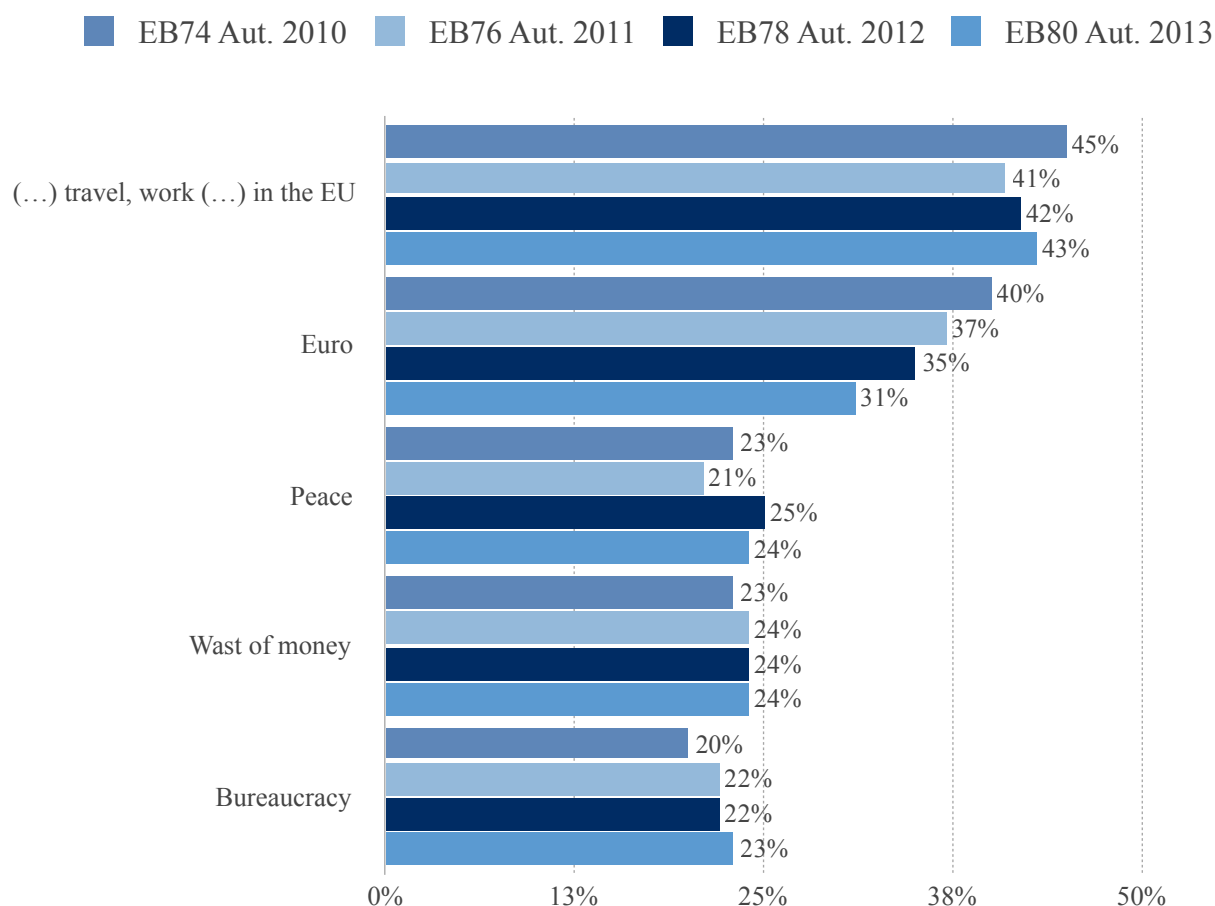
européus consideram de forma impreterível em concordarem que os média provocam o envolvimento dos cidadãos europeus com a União Europeia, respondendo com 52% contra os 25% que discordam da questão orientadora.

A tendência, esta, é indubitável, os europeus estão mais de acordo conforme os anos vão passando, pois o aumento cifrou-se de 11 pontos percentuais entre 2010 e 2013.

3.3.8. Os ativos e as realizações da UE

What does the EU mean to its citizens?

Gráfico n.º 36 — EB 40 The EU's assets and achievements



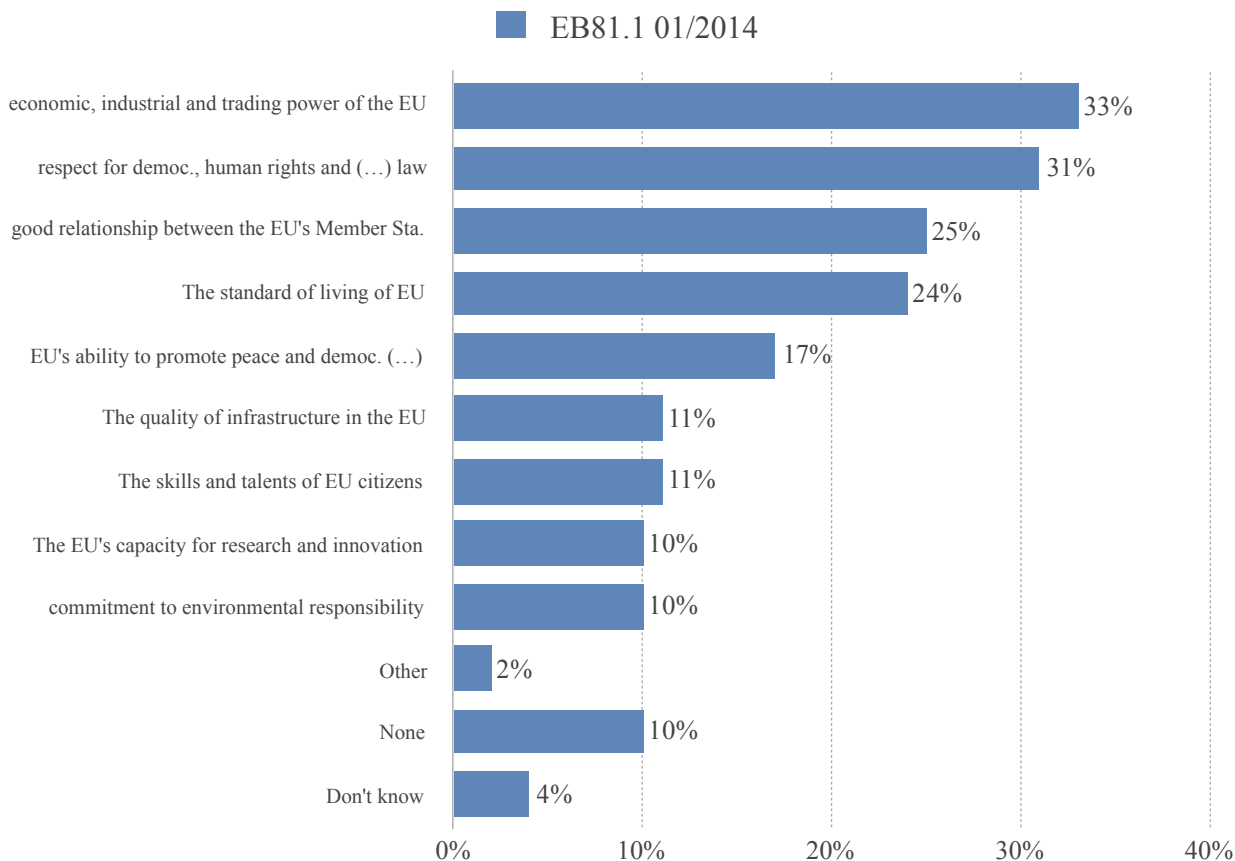
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

A variável com maior percentagem é "Freedom to travel, study and work anywhere in the EU", com 45% em 2010 e 43% em 2013, apresentando uma pequena descida

percentual. A segunda variável com maior percentagem é o "Euro", com 40% em 2010 e 31% em 2013, tendo uma diminuição percentual de 9 pontos. A terceira variável com maior percentagem são duas, "Peace" e "Wast of money", com 24% em 2013. "Bureucracy", última variável deste gráfico em análise, apresenta uma percentagem de 23% em 2013, sendo que em 2010 era de 20%. O gráfico n.º 14 em análise salienta ainda o Euro, moeda única, como sendo a segunda variável que mais representa ou significa a UE para os seus cidadãos.

What are the EU's main assets?

Gráfico n.º 37 — EB 40 The EU's assets and achievements



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

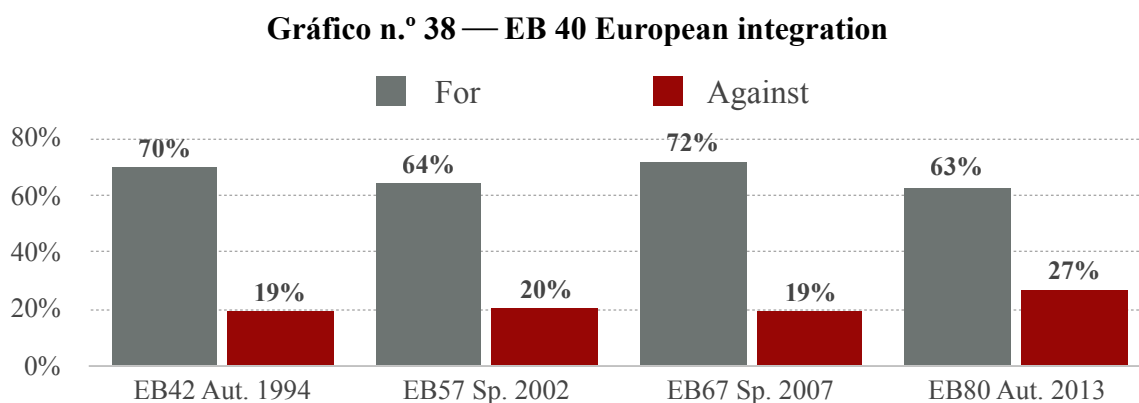
Acima dos 30%, surgem as variáveis "The economic, industrial and trading power of the EU" com 33%, " The EU's respect for democracy, human rights and the rule of law"

com 31%. Acima dos 20% observamos as variáveis "The good relationship between the EU's Member States" com 25% e "The standard of living of EU" com 24%. Entre os 10% e os 20% surgem as restante variáveis.

Para os cidadãos europeus estas são as variáveis que mais representam os ativos da UE, o poder económico, comercial e industrial da Europa e o respeito pela democracia, pelos direitos humanos e a justiça, são as principais valências da UE.

3.3.9. Integração Europeia

Are Europeans in favour of common foreign policy for the EU?



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

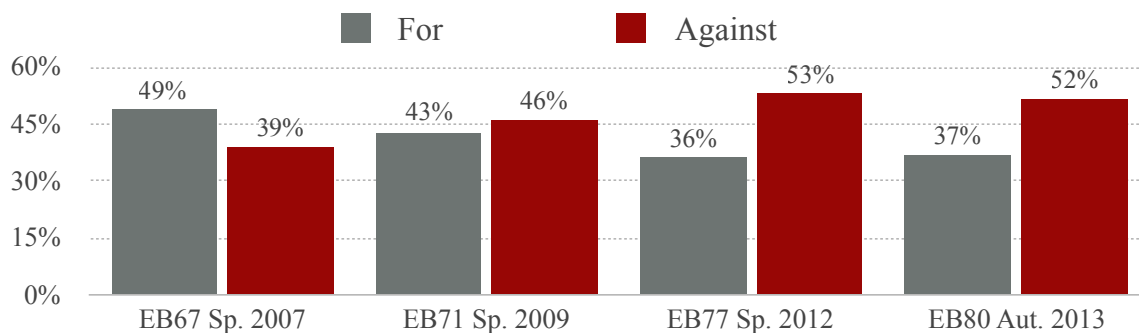
Os europeus são "For" em relação à questão em epígrafe, com 63% em 2013 em detrimento de 27% para a variável "Against".

Para a primeira variável a percentagem tem vindo a decrescer enquanto que para a segunda variável, o processo é o inverso, 19% em 1994, 27% em 2013.

Apesar de tudo, a diferença percentual é forte em favor de uma política externa comum da UE.

Do Europeans support further enlargement of the UE?

Gráfico n.º 39 — EB 40 European integration



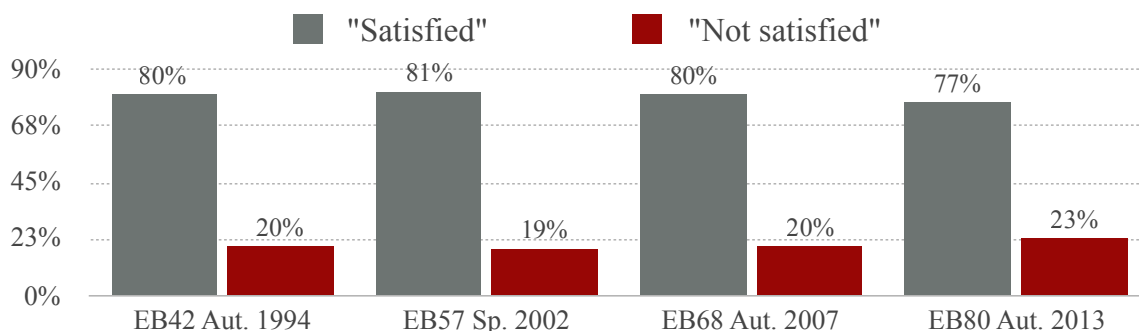
Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Se em 2007 os europeus consideravam-se "For" com 49% em detrimento de "Against" com 39%, em 2013 as percentagens alteraram-se, com 37% e 52% respetivamente. Os europeus estão muito reticentes a um novo alargamento da UE nesta altura.

3.3.10. Qualidade de vida na UE

Are Europeans satisfied with their lives?

Gráfico n.º 40 — EB 40 Quality of life in the EU



Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos dados fornecidos do EB 40

Se em 1994 80% dos europeus estavam "Satisfied" com as suas vidas e 20% "Not satisfied", em 2013, 77% dos europeus estavam "Satisfied" e 23% "Not satisfied". Como

observamos, houve uma diminuição de 3 pontos percentuais da primeira variável entre os anos de 1994 e 2013. 2002 foi o ano em que os europeus estavam mais "Satisfied", com uns expressivos 81% de respostas ao inquérito. De uma maneira geral, os cidadãos europeus estão satisfeitos com as suas vidas na União Europeia, declarando uns expressivos 77%.

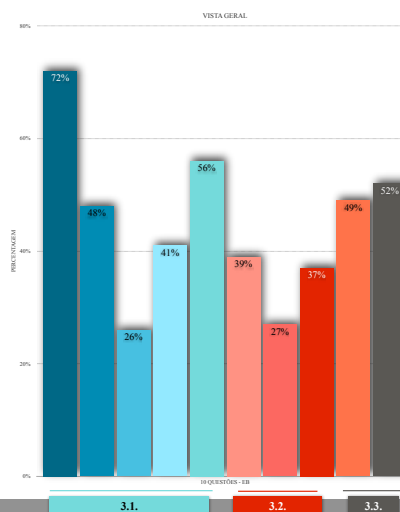
Findada esta etapa de análise aos gráficos fruto da pesquisa, análise e seleção dos eurobarómetros, é pertinente, numa escolha de cariz pessoal, mas dotada de rigor, fazer uma infografia destes, não num processo de seriação dos 40 gráficos apresentados, mas na criação de um filtro orientador, aqueles gráficos que mais nos poderão ajudar nas respostas às hipóteses de estudo.

A seleção incide sobre 10 questões, correspondente a 10 gráficos, que por si só é uma tarefa hercúlea, pois a seleção incidirá sempre no carácter global das questões para o estudo de caso. As respostas não são aqui analisadas apenas pela *ekphrasis*, mas de forma infográfica, adicionando a *mimesis*, deixando a todos nós leituras múltiplas, abertas e construtivas da discussão empírica.

Quadro n.º 2 — Eurobarómetros 10 questões (infografia)

EUROBARÓMETROS ANALISADOS 10 QUESTÕES

GRÁFICO / QUESTÃO	EUROBARÓMETROS	VARIÁVEL (com maior percentagem)	TOP 10 - EB
What is your opinion on each of the following statements? Please tell me for each statement, whether you are for it or against it. A common defence and security policy among EU member States	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	For	72%
Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. More decisions should be taken at EU level	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Agree	48%
In your opinion, at the current time, what is the main objective of the building of Europe?	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	To develop the EU's economy and boost growth	26%
Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. The EU should develop further into a Federation of Nation States	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Agree	41%
Would you say that you are very optimistic, fairly optimistic, fairly pessimistic or very pessimistic about the future of the EU?	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Optimistic	56%
You feel you are a citizen of the UE?	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Yes, to some extent	39%
In your opinion, among the following issues, which are those that most create a feeling of community among EU citizens	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Culture	27%
The values that best represent the EU. In the following list, which values best represent the UE?	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Peace	37%
What issues are Europeans most concerned about?	Eurobarometer 40 years	Unemployment	49%
Do Europeans support further enlargement of the UE?	Eurobarometer 40 years	Against	52%



- What is your opinion on each of the following statements? Please tell me for each statement, whether you are for it or against it. A common defence and security policy among EU member States EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION
- Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. More decisions should be taken at EU level EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION
- In your opinion, at the current time, what is the main objective of the building of Europe? EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION
- Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. The EU should develop further into a Federation of Nation States EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION
- Would you say that you are very optimistic, fairly optimistic, fairly pessimistic or very pessimistic about the future of the EU? EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION
- You feel you are a citizen of the UE? EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP
- In your opinion, among the following issues, which are those that most create a feeling of community among EU citizens EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP
- The values that best represent the EU. In the following list, which values best represent the UE? EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP
- What issues are Europeans most concerned about? Eurobarometer 40 years
- Do Europeans support further enlargement of the UE? Eurobarometer 40 years

Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos gráficos elaborados nos sub-pontos anteriores

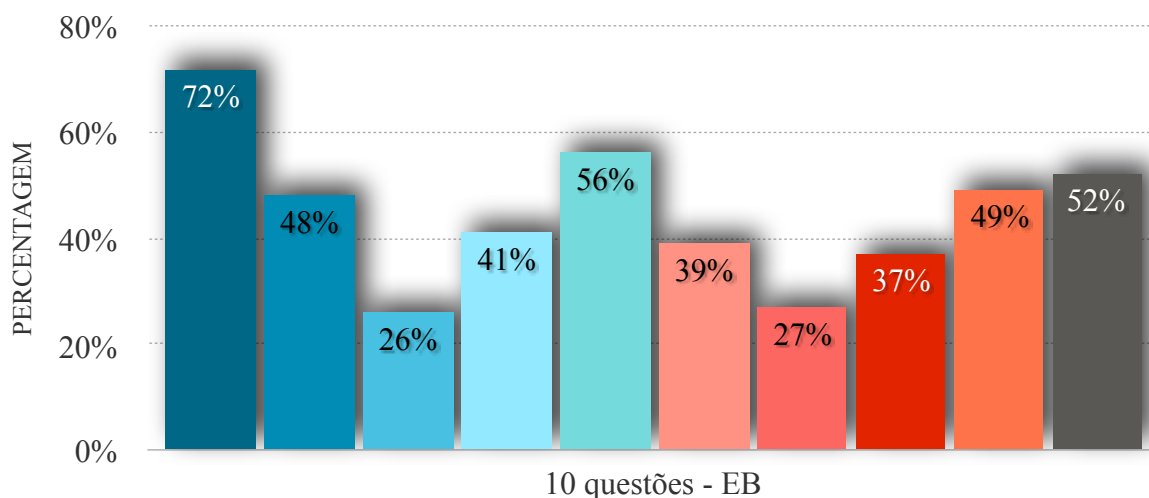
Quadro n.º 3 — Eurobarómetros 10 questões

GRÁFICO / QUESTÃO	EB	VARIÁVEL (com maior percentagem)	Valor
What is your opinion on each of the following statements? Please tell me for each statement, whether you are for it or against it. A common defence and security policy among EU member States	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	For	72%
Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. More decisions should be taken at EU level	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Agree	48%
In your opinion, at the current time, what is the main objective of the building of Europe?	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	To develop the EU's economy and boost growth	26%
Please tell me to what extent you agree or disagree with each of the following statements. The EU should develop further into a Federation of Nation States	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Agree	41%
Would you say that you are very optimistic, fairly optimistic, fairly pessimistic or very pessimistic about the future of the EU?	EB 81 / Spring 2014 - PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION	Optimistic	56%
You feel you are a citizen of the UE?	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Yes, to some extent	39%
In your opinion, among the following issues, which are those that most create a feeling of community among EU citizens	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Culture	27%
The values that best represent the EU In the following list, which values best represent the UE?	EB 81 / Spring 2014 - EUROPEAN CITIZENSHIP	Peace	37%
What issues are Europeans most concerned about?	Eurobarometer 40 years	Unemployment	49%
Do Europeans support further enlargement of the UE?	Eurobarometer 40 years	Against	52%

Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos gráficos elaborados nos sub-pontos anteriores

Gráfico n.º 41 — Eurobarómetros 10 questões

VISTA GERAL



- Please tell me (...) A common defence and security policy among EU member States
- Please tell me (...) More decisions should be taken at EU level
- In your opinion, at the current time, what is the main objective of the building of Europe?
- Please tell me (...) The EU should develop further into a Federation of Nation States
- Would you say (...) about the future of the EU?
- You feel you are a citizen of the UE?
- In your opinion, (...) of community among EU citizens
- The values that best represent the EU In the following list, which values best represent the UE?
- What issues are Europeans most concerned about?
- Do Europeans support further enlargement of the UE?

Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos gráficos elaborados nos sub-pontos anteriores

Como podemos observar, à primeira questão os cidadãos europeus não têm qualquer dúvida, responderam de forma expressiva com 72% a favor sobre uma política comum de defesa e de segurança. Para a quinta questão, 56% responderam que estão otimistas sobre o futuro da UE e, por fim, acima dos 50%, a décima questão que reúne 52% das preferências dos cidadãos, estão contra o alargamento nesta altura.

Acima dos 40% observamos três barras, alusivas à segunda, quarta e nona questão. À segunda questão os cidadãos europeus responderam com a percentagem de 48%, estando de acordo que mais decisões devem ser tomadas ao nível das instituições europeias. À quarta questão responderam com 41%, estando de acordo com uma Federação de Nações Unidas. Por fim, com quase 50%, 49% dos inquiridos, responderam à nona questão com a preocupação do desemprego.

Abaixo dos 40% e acima do 30%, temos duas questões, a sexta e a oitava, com 39% e 37% respetivamente, sendo que a primeira os europeus consideram-se em certa medida cidadãos europeus e, para a segunda, a que melhor representa a UE em termos de valor é a paz.

Por fim, abaixo dos 30%, observamos a questão três e sétima, com 26% e 27% respetivamente, sendo que para a terceira questão a resposta dada é relativa ao crescimento e desenvolvimento económico da UE como objetivo principal da construção europeia, para a sétima questão aqui analisada, é a cultura que mais sentido de comunidade provoca entre os cidadãos europeus.

Importa referir, que estas são as variáveis que maior percentagem obtiveram nos inquéritos aqui selecionados, não aparecendo na infografia as outras variáveis.

Conclusão

O pensamento europeu, a civilização ocidental, teve as suas influências nas civilizações dos grandes rios, Nilo, Eufrates e Tigre. Tudo aqui começou à 4 mil anos a.C., para mais tarde, com os mundos helénico e romano, perpetuarem o pensamento europeu na procura da verdade, da retidão, do conhecimento, da descoberta.

O aperfeiçoamento do Homem é não mais que a busca do seu eu, moral e filosófico, intelectual e científico. Com o passar dos séculos, a Idade que enterra as *trevas* de mil anos é a Moderna, o Renascimento do pensamento clássico.

Na Europa da Luzes o Homem é objeto de estudo nas várias dimensões, cujo pensamento assenta na acção, nos ensaios, nos métodos, no humanismo. Com as revoluções do século XVIII, (inglesa, americana e francesa) conquistou-se o espírito universalista dos direitos civis, sustentando nos seus pilares as insígnias da liberdade, igualdade, fraternidade e da felicidade, culminando com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789).

No século XIX, pelo liberalismo económico, assistiu-se à conquista do direito político. No século passado, com as grandes guerras a assolarem o mundo, conduziram o Homem à criação da ONU e, na Europa, à UE, na tentativa de tal atrocidade não voltar acontecer, culminando com a Declaração Universal dos Direitos dos Humanos (1948).

Estes princípios assentam numa visão antropocêntrica do universo, da própria condição do Homem, do europeu. A universalidade dos ideais, o desenvolvimento e crescimento económico sustentável, o combate ao desemprego e às desigualdades sociais são perseverança da União Europeia num constante aperfeiçoamento.

As estratégias a seguir devem, acima de tudo, continuar com o legado do pensamento europeu, onde o *elogio* e a infâmia das duas grandes guerras são desafios do presente e as metas do amanhã, são o futuro da Europa através da integração, do progresso, dos ideais humanistas e do iluminismo, cujo projeto assenta na construção de pontes económicas, políticas, sociais, culturais, morais e filosóficas entre os estados membros e com o mundo, numa perspetiva democrática.

René Rémond diz-nos que a Europa “(...) é a chave para a inteligência do mundo contemporâneo. Porém, que lugar ocupa hoje a Europa no Universo? (...) “a unificação,

em lugar de se fazer pela força e sob coacção, opera-se por uma negociação em pé de igualdade entre todos os parceiros, independentemente da dimensão ou do poder, que termina com a elaboração de textos que serão submetidos aos parlamentos e que obtêm o assentimento da opinião pública”. (Rémond, 1994: 442)

Ainda a este propósito, Edgar Morin salienta que é “(...) difícil discernir a Europa a partir da Europa, é um *Complexo* cuja característica é reunir as maiores diversidades sem as confundir e de associar os contrários de maneira não separável”. (Morin, 2010: 27)

A Europa está num processo irreversível, não voltará atrás. Como salienta Sarmiento, “o diálogo, essencial à Europa, define a sua diversidade. Desta pluralidade que constitui a Europa, esta saberá transformá-la em motor do seu desenvolvimento criador e transformador. Pelo que o apelo à Europa do saber e da educação, à dimensão europeia da cultura, não poderá ser meramente retórica. Pois a sua construção depende, sobretudo, do equilíbrio cultural face à universalidade e à simultaneidade da comunicação atual”. (Sarmiento, 2009: 114)

Afinal, qual o objetivo da unificação europeia? O que pretendem os europeus do modelo a adotar da construção europeia? Jean Monnet, aquando da construção do primeiro pilar da UE disse: “«ao mudarem as condições existentes na Europa, os Seis produziram um fermento de mudança para o Ocidente. A mudança arrasta a mudança e a reacção em cadeia apenas começou. Estamos a instalar um processo de mudança contínuo que poderá modelar mais duradouramente o mundo de amanhã do que os princípios de revolução tão divulgados fora do Ocidente»”. (Monnet, 1998: 27)

Como podemos constatar pela observação, interpretação e análise dos gráficos, os europeus estão disponíveis para continuar o processo da construção europeia, até caminhar para uma federação. São as análises, advindas dos gráficos elaborados, bem explícitas, as questões políticas, económicas e sociais, aliadas às questões da paz, da cultura, do emprego, da religião e da língua.

De referir, como decerto ficou bem patente no gráfico n.º 19, os valores que melhor representam a União Europeia são a paz, os direitos humanos e a democracia, sendo estas as variáveis que se tornam as pedras basilares da catedral europeia, sendo estas aquelas que melhor representam a UE.

Na análise, de uma maneira global, os europeus dão importância à paz, a essa virtude e valor que agora parece estar alcançada, conquistada, devido à existência da UE. A política, económica e social, são questões fundamentais para os europeus, na procura da liberdade, da igualdade, e da fraternidade. Para os cidadãos europeus, o caminho deve ser sempre a procura da justiça, da moral e dos valores que os une.

Distintos e plurais, os cidadãos europeus, em média, confiam mais nas instituições europeias que nas nacionais, principalmente nos países que estão em crise, dizendo estes últimos de forma inequívoca que sabem quem os colocou nessa situação ou estágio económico-financeiro, social e político.

Querem ainda, os países, que a Europa a nível institucional tenha mais impacto na voz, no querer ser e no fazer, apesar de serem adeptos das soberanias nacionais. Respeitam a diferença pela união, dão valor aos pilares fundadores da União, aos tratados da União.

De uma maneira geral, os europeus querem esta Europa desde que altere algumas situações que hoje preocupam os europeus, como o desemprego. A UE deve preservar a todo o custo a paz e fomentar o crescimento e desenvolvimento económico dos países da União. Estão portanto otimistas quanto ao futuro da UE e, 41% dos cidadãos europeus, responderam que pretendem que a União Europeia seja uma Federação.

Sobre esta questão, Jean Monnet não tinha absolutamente dúvidas algumas sobre o caminho a percorrer, a unidade europeia é, sobretudo, uma construção moral:

“«Na nossa vida nacional, os princípios de liberdade, de igualdade e de democracia foram aceites e aplicados porque os homens, após séculos de luta, se organizaram para lhes dar formas institucionais concretas: eleições, parlamento, tribunais, educação generalizada, liberdade de expressão e de informação. Os homens encontraram e desenvolveram desde há muito, no interior das fronteiras, noções civilizadas para resolver os conflitos de interesse, já não necessitam de se defender pela força. As normas e as instituições estabeleceram uma igualdade de estatuto. Os pobres e os desfavorecidos organizaram-se para exercer uma maior influência. Os mais poderosos e os mais desfavorecidos reconheceram o seu interesse comum. Não foi a natureza humana que mudou, foi o comportamento humano que foi alterado por instituições comuns em condições que asseguram pelo menos um mínimo de bem estar material essencial em todas as sociedades. Fora do quadro nacional, no entanto, as nações agem como fariam os indivíduos se não existisse nem lei nem instituição. Cada nação continua, em última análise, fortemente amarrada à soberania nacional, ou seja, cada uma reserva o direito de ser juiz em causa própria. Na Europa vimos e sofremos as consequências destas atitudes. Ao longo dos séculos, cada grande nação europeia procurou dominar as restantes. Cada qual acreditou na sua própria superioridade e agiu em determinado período na ilusão de que a superioridade podia ser afirmada e conservada pela força; cada qual, por sua vez, foi derrotada e viu-se enfraquecida no termo do conflito. Fracassaram repetidamente tentativas no sentido de escapar a esse círculo vicioso, confiando apenas no equilíbrio de forças porque assentavam na força e na soberania nacional ilimitada»” (Monnet, 1998: 32-33)

Esta Europa tão plural e tão heterogénea e, ao mesmo tempo, tão una e igual, precisa caminhar com sabedoria e com força rumo a uma Europa Federal, os Estados Unidos da Europa.

A beleza desse sonho, é de Jean Monnet, é nosso, onde a harmonia e paz entre os povos da Europa é hoje uma realidade, e essa realidade é o *elogio* ao homem, a Jean Monnet, e sobretudo à Europa e aos europeus. A arquitectura da Europa ainda agora começou, os trabalhos são longos e árduos, num caminho intemporal de aperfeiçoamento do projeto, esse projeto e sonho de Jean Monnet.

Jean Monnet: “«L’effort commencé doit être poursuivi jusqu’aux Etats-Unis d’Europe»”. (Monnet, 1955: 19)

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, ST.º — *A CIDADE DE DEUS*. Vol. I, S.I. : Serviço de Educação Fundação Calouste Gubenkian, 1991.

BURNS, Edward Mcnall — *História da Civilização Ocidental*. São Paulo : Editora Globo, 2005.

CAMPOS, João Mota ; CAMPOS, João Luiz Mota — *Manual de Direito Comunitário. O Sistema Institucional. A Ordem Jurídica. O Ordenamento Económico da União Europeia*. 4ª ed. S.I. : Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. ISBN 972-31-1076-8.

CAMPOS, João Mota ; PEREIRA, António Pinto — *Tratados Comunitários*. 1ª ed. Lisboa : Universidade Católica Editora, 1997. ISBN 972-31-1076-8.

CELSO — *Contra os Cristãos*. Lisboa : Editorial Estampa, 1991. ISBN 972-33-0268-3.

CHAUNU, Pierre — *A Civilização da Europa das Luzes*. 2ª ed. Vol. I, Editorial Estampa, 2ª ed. editorial Estampa, 1995.

CHAUNU, Pierre — *A Civilização da Europa das Luzes*. 2ª ed. Vol. II, Editorial Estampa, 2ª ed. editorial Estampa, 1995.

COMISSÃO EUROPEIA — *COMPREENDER AS POLÍTICAS DA UNIÃO EUROPEIA: Os pais fundadores da União Europeia*. Luxemburgo : Serviço das Publicações da União Europeia, 2013. ISBN 978-92-79-28707-7.

DELUMEAU, Jean — *A Civilização do Renascimento*. Vol. I, S.I. : Editorial Estampa, 1994. ISBN 972-33-1000-7.

DELUMEAU, Jean — *A Civilização do Renascimento*. Vol. II, S.I. : Editorial Estampa, 1994. ISBN 972-33-1011-2.

DESCARTES — *Discurso do Método*. 3ª ed. S.I. : Publicações Europa-América, 1986.

ECO, Umberto — *Idade Média. Bárbaros Cristãos e Muçulmanos*. 2ª ed. S.I. : D. Quixote, 2012. ISBN 978-972-20-4479-0.

ELIADE, Mircea — *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*. Lisboa : Edição Livros do Brasil, 1992.

FONTAINE, Pascal — *A União Europeia*. S.I. : Editorial Estampa, 1995.

FONTAINE, Pascal — *Jean Monnet, um grande objectivo para a Europa*. Luxemburgo : Serviço das Publicações da União Europeia, 1998. ISBN 92-825-8924-2.

FONTAINE, Pascal — *A Europa em 12 lições*. Luxemburgo : Serviço das Publicações da União Europeia, 2010. ISBN 978-92-79-17496-4.

FOURQUIN, Guy — *História da Economia do Ocidente Medieval*. S.I. : Edições 70, 1997. ISBN:972-44-0364-5.

GOUVEIA, J. B. — *Manual de Direito Internacional Público*. 3ª ed., Coimbra : Almedina, 2010.

HOBSBAWM, E. J. — *A Era dos Extremos. História Breve do Século XX: 1914-1991*. 2ª ed., Lisboa : Editorial Presença, 1998.

HUNTINGTON, Samuel P. — *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*. 4ª ed., S.I. : Gradiva, 1996. ISBN 978-972-662-652-7.

JANSON, H. W. — *História da Arte*. 6ª ed., Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

KOHL, João — *Picasso*. Madrid : Edição: Globus Comunicación, 1994.

MIRANDA, Jorge — *Curso de Direito Internacional Público*. 5ª ed., Coimbra : Almedina, 2012.

MONNET, Jean — *Jean Monnet. Memórias. A autobiografia de um dos pais fundadores da União Europeia*. Lisboa : Europa, Circunstancia # Cultura # História # Pensamento. Editora Ulisseia, Lda., 2004.

MONNET, Jean — *Jean Monnet. Um grande objetivo para a Europa*. S.I. : Periodical 5/1988, European Communities, European Documentation, 1998. ISBN 92-825-8924-2

MONNET, Jean — *États-Unis d'Europe ont Commence. La Communareté Européenne du Charbon et de l'Acier*. Paris : Robert Laffont, France, 1955.

MOREIRA, Adriano — *Tempo de Vésperas*. 2.ª ed., S.I. : Braga Editora - Portugal, 1978.

MOREIRA, Adriano — *A EUROPA ENTRE OS PROJETOS E AS MEMÓRIAS*. S.I. : Sociedade de Geografia de Lisboa, 2015.

MOREIRA, Adriano — *A Nova Europa*. Lisboa : Conferência que foi incluída como texto de apoio para o CDN 93, proferida no Centro Cultural de Belém, no Colóquio «A Arquitectura na Nova Europa. Que papel para a Comunidade Europeia?» Ciclo «A Europa de Maastricht», em 4 de maio de 1992, 1992.

MOREIRA, Adriano — *O Conceito Estratégico Europeu*. S.I. : Texto de palestrante convidado, Universidade Fernando Pessoa, 2008.

- MORIN, Edgar — *Pensar a Europa*. S.I. : Publicações Europa-América, 2010.
- MOSSÉ, Claude ; SCHNAPP-GOURBEILLON, Annie — *Síntese de História Grega*. 1ª ed., S.I. : Asa Literatura, 1994.
- OLIVEIRA, Aurélio — *Nos Caminhos do Atlântico. 1400 - 1500*. Braga : S.N., 1999. ISBN 972-98081-0-4.
- OLIVEIRA, Aurélio ; CRUZ, Maria Augusta ; GUERREIRO, Inácio ; DOMINGUES, Francisco Contente — *História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa*. S.I. : Universidade Aberta, 1999. ISBN 972-674-269-2.
- PEREIRA, André Gonçalves ; QUADROS, Fausto — *Manual do Direito Internacional Público*. 3ª ed., S.I. : Almedina, 2002.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha — *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Grega*. I vol., 7ª ed., Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha — *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Grega*. II vol., 2ª ed., Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- PEREIRA, A. ; QUADROS, F., — *Manual de Direito Internacional Público*. 2ª ed., Coimbra : Editora Almedina, reimpressão, 2013.
- QUADROS, Fausto de — *Direito da União Europeia*. Coimbra : Almedina, 2009. ISBN 978-972-40-2334-2.
- RÉMOND, René — *Introdução à História do Nosso Tempo. Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. 1ª ed., Lisboa : Gradiva, 1994.

ROBERTS, J. M. — *Breve história do mundo. Volume IV, das guerras mundiais à actualidade*. Lisboa : Editorial Presença, 1997.

ROTTERDÃO, Erasmo — *Elogio da Loucura*. 12ª ed., Guimarães : Editores em Lisboa, 1998.

SARMENTO, Cristina Montalvão — *Política&Segurança. Novas Configurações do Poder*. Lisboa : Editor Centro de Investigação do Instituto Ciên. Pol. e Segurança Interna e Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 2009. ISBN 978-072-8630-06-5.

SCHURÉ, Édouard — *Os Grandes Iniciados. Esboço da História Secreta das Religiões*. S.I. : Edições Eletrônicas Lumensana, Luiz Edgar de Carvalho, 2006.

SPROCCATI, Sandro — *Guia de História da Arte*. 3ª ed., Lisboa : Editorial Presença, 1997.

STEINER, George — *A Ideia da Europa*. Lisboa: Gradiva, 2007.

WIEGAND, Wilfried — *Pablo Picasso in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten. Dargestellt von Wilfried Wiegand*. Reinbek bei Hamburg : Rowohlt, 1973. ISBN 9783499502057.

Webgrafia

Comissão Europeia - “Jean Monnet: a força unificadora por trás do nascimento da União Europeia.” Os Fundadores da União Europeia. Consultado em 25 de junho de 2014.

Disponível em <http://europa.eu/about-eu/eu-history/founding-fathers/pdf/jean_monnet_pt.pdf>

Comissão Europeia - “A Europa em 12 lições.” Consultado em 10 de dezembro de 2013. Disponível em <<http://bookshop.europa.eu/pt/europe-in-12-lessons-pbNA3110652/>>

Comissão Europeia - “PUBLIC OPINION IN THE EUROPEAN UNION.” Disponível em <http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/eb/eb81/eb81_publ_en.pdf>

Comissão Europeia - António Vitorino, “A Constituição Europeia: que novas perspectivas para a UE?” Disponível em <infoeuropa.eu/rocid.pt/files/database/000015001-000020000/000018195.pdf>

Comissão Europeia - “EUROPEAN CITIZENSHIP.” Disponível em <http://ec.europa.eu/public_opinion/archives/eb/eb81/eb81_citizen_en.pdf>

Comissão Europeia - “EFFECTS OF THE ECONOMIC AND FINANCIAL CRISIS ON EUROPEAN PUBLIC OPINION.” Disponível em <http://ec.europa.eu/public_opinion/topics/eb40years_en.pdf>

Parlamento Europeu (2008), “60 anos de Europa. Os grandes textos da construção europeia.” Consultado em 3 de junho de 2014. Disponível em <<https://infoeuropa.eu/rocid.pt/registo/000042100>>

Wilfried Wiegand, *Pablo Picasso*, 1973. Festa do Avante! Evoca 75 anos de *Guernica* no espaço das Artes Plásticas. Avante. Consultado em 15 de maio de 2014. Disponível em: <http://www.avante.pt/pt/2018/Festa_do_Avante/121229/>

Anexos
(Eurobarómetros)

Anexo 1

3.1. A opinião pública da União Europeia — EB 81 / Spring 2014

Anexo 2

3.2. Cidadania Europeia — EB 81

Anexo 3

3.3. A opinião pública na União Europeia — EB 40

Anexo 4

Eurobarómetros 10 questões (infografia)

Autoria: Rui Pires, 2015 — baseado nos gráficos elaborados nos sub-pontos anteriores